FERROFLUIDOS A BASE DE POLIDIMETILSILOXANO PARA APLICAÇÃO NO DESENVOLVIMENTO DE DISPOSITIVOS PARA CONTROLE DE FLUXO MAGNÉTICO

Breiner G. C. Silva (IC) cherantoinejesuis@gmail.com; Patrícia P. C. Sartoratto (PQ) patconf@gmail.com

Instituto de Química,Universidade Federal de Goiás, CP 131, Campus II, Goiânia-GO, 74001-970.

Palavras-chaves: ferrofluidos, nanopartículas magnéticas, dispositivos.

RESUMO

Ferrofluídos são dispersões de nanopartículas ferro ou ferrimagnéticas em um líquido carreador não magnético, que podem ser utilizados no desenvolvimento de dispositivos para controle de fluxo magnético em reatores ou transformadores elétricos. Nanopartículas de magnetita foram sintetizadas e oxidadas a maghemita, sendo os sólidos obtidos funcionalizados com polidimetilsiloxano (PDMS), para que fosse obtido ferrofluidosdispersos em óleo de silicone, que apresenta boa resistência térmica e excelentes propriedades dielétricas.

1. INTRODUÇÃO

O trabalho aqui apresentado está inserido no escopo do projeto "*Pesquisa e Desenvolvimento de Dispositivo de Fluxo Linearmente Variável para Aplicação em Reatores e, ou Transformadores*", no qual se pretende preparar materiais com características adequadas para uso no desenvolvimento de dispositivos de controle de fluxo magnético em reatores em derivação, os quais são equipamentos imprescindíveis aos sistemas de transmissão de energia elétrica. O controle do fluxo magnético deverá ser conseguido por meio da modulação das características do "gap", utilizando um dispositivo que atue sobre um material que utilize nanopartículas magnéticas, NPs. As características elétricas e magnéticas dos materiais propostos dependerão da composição da NPe do seu diâmetro, bem como do material hospedeiro e da concentração de NPs na matriz em que estiverem dispersas.

O maior uso dos materiais magnéticos está na geração de energia, sendo um exemplo comum o núcleo magnético de um transformador constituído de um imã mole que

Revisado pelo Orientador

apresenta um ciclo de histerese estreito, proporcionando uma fonte mínima de perda de energia (SHACKELFORD, 2008). No caso do desenvolvimento de dispositivos de controle de fluxo magnético, um dos materiais preconizados é o ferrofluido, FF, ou seja, uma dispersão coloidal de NPs de um sólido ferro ou ferrimagnético em um líquido carreador não magnético (ROSENSWEIG, 1987), de preferência um líquido isolante.

As ferritas magnéticas de estrutura cúbica do tipo espinélio são sólidos amplamente utilizados para obtenção de FFs (DURAN et al, 2006) e podem ser obtidas em escala nanométrica (5 e 50 nm) por diversas metodologias, tais como: coprecipitação (KANG et al, 1996), método poliol (INSAUSTI et al, 2011) e sol-gel (MOHALLEM, 2006). A modificação da superfície das nanopartículas de ferritas com moléculas de surfactante é muitas vezes necessária para promover a dispersão destas no líquido carreador. Um exemplo é a utilização de ácido oleico para o revestimento de NPs de maghemita que permite a dispersão destas em líquidos apolares (VIALI et al, 2010). Neste caso, a estabilidade coloidal do FF é garantida por estabilização estérica (MYERS, 1999). A escolha do revestimento molecular deve ser feita em função do líquido carreador escolhido, já que o solvente deve molhar adequadamente as cadeias moleculares e criar uma camada com espessura suficientemente grande para evitar a floculação do sólido (HUNTER, 1986). A metodologia de modificação da superfície das NPs deve ser também adequada para se evitar a formação de agregados de NPs, que contribuem para diminuição da estabilidade do FF.

A obtenção de ferrofluidos baseados em óleo de silicone (polidimetilsiloxanos de cadeia cíclica ou linear) que apresentem estabilidade coloidal em longo prazo é dificultada devido à indisponibilidade de sistemas surfactantes adequados para o revestimento molecular (CHEN et al, 2011). Entretanto, surfactantes constituídos de polidimetilsiloxano contendo uma terminação polar reativa são capazes de interagir com a superfície das partículas magnéticas e proporcionar um revestimento molecular compatível com o óleo de silicone (fluido carreador) (BORDUZ et al, 1982). Assim, tendo o siloxano-surfactante uma estrutura molecular similar ao do fluido carreador, espera-se a obtenção de colóides estáveis do óxido magnético no óleo de silicone.

Neste trabalho pretendeu-se preparar FFs constituídos de NPs de maghemita ou magnetita dispersas em fluidos de silicone (polidimetilsiloxano, PDMS). Com o objetivo de se obter FFs de alta estabilidade coloidal, as NPs de maghemita ou magnetita foram primeiramente revestidas com uma camada de SiO_2 empregando-se tetraetoxisiloxano (TEOS). Este procedimento introduz grupos silanóis (-SiOH) superficiais, os quais são reativos frente ao polidimetilsiloxano com terminação OH (PDMS-OH), por meio de reações

de condensação (Figura 1). A superfície das NPs funcionalizadas com PDMS-OH podem, assim, ser facilmente dispersas em óleo de silicone (CHEN et al, 2011). Os óleos de silicone são constituídos de polidimetilsiloxanos de cadeia cíclica e/ou linear, sendo comercialmente vendidos em diferentes viscosidades de acordo com seus pesos moleculares. O óleo de silicone foi escolhido como fluido carreador por apresentar viscosidade pouco influenciada pela temperatura, boa resistência térmica e excelentes propriedades dielétricas.

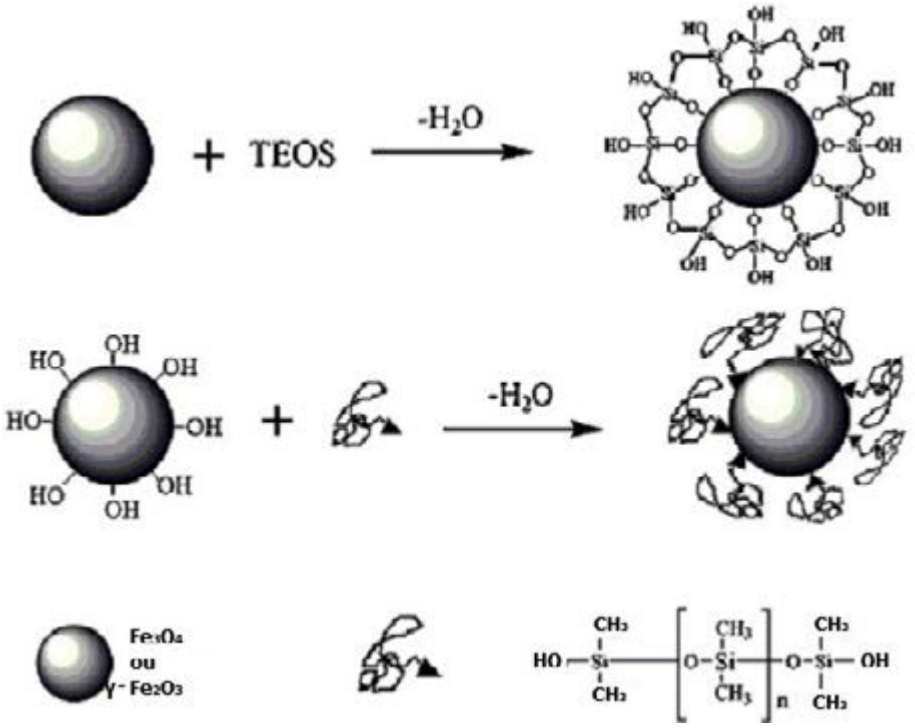


Figura 1: Descrição esquemática da modificação da funcionalização de nanopartículas de magnetita ou maghemita com PDMS (adaptada de CHEN et al, 2011).

2. OBJETIVOS

O objetivo deste trabalho foi preparar e caracterizar FFs a base de PDMS. Os objetivos específicos foram: i) sintetizar NPs de magnetita e maghemita com diâmetro da ordem de 8 nm; ii) funcionalizar a superfície das NPs de magnetita e maghemita com PDMS; iii) obter FFs de magnetita e maghemita pela dispersão das NPs em óleo de silicone comercial de baixa viscosidade; iv) caracterizar os materiais obtidos por espectrocopia no infravermelho, difração de raios-X, termogravimetria e teor de Fe(II)/Fe(III).

3. METODOLOGIA

3.1.Síntese de magnetita, Fe_3O_4, e obtenção de maghemita, γ-Fe_2O_3

O método de coprecipitação em meio alcalino foi utilizado para a preparação de magnetita (CHARLES, 2003). Coprecipitou-se íons Fe^{2+} e Fe^{3+} (soluções de $FeCl_2.4H_2O$ e $FeCl_3.6H_2O$) na proporção 1:2, utilizando solução de NaOH 1,5 $mol.L^{-1}$ (VIALI et al, 2010), com o intuito de se obter NPs com diâmetro médio de 8 nm. A maghemita foi obtida por oxidação da magnetita, realizada por meio do borbulhamento de gás oxigênio em uma suspensão de NPs de magnetita, a 95 ^oC por 3 horas (VIALI et al, 2010). Após oxidação, o sólido foi decantado e lavado 3 vezes com água e acetona.

3.2.Revestimento da nanopartículas de magnetita e maghemita com PDMS-OH

As NPs de magnetita ou de maghemita (0,023 mol) foram, inicialmente, recobertas com sílica utilizando-se tetraetoxissilano (TEOS), em um meio reacional contendo uma mistura de 18 mL de água destilada, 80 mL etanol, 2,5 mL hidróxido de amônio 40% e 0,5 mL de TEOS. A mistura foi mantida por 6 h sob agitação, a temperatura ambiente, visando obter uma fina camada de sílica sobre as NPs. Subsequentemente, 1,5 mL de PDMS-OH (Sigma-Aldrich, viscosidade 25 cSt) foi adicionado à mistura para a funcionalização das NPs com PDMS (CHEN et al, 2011). Os sólidos obtidos foram lavados com acetona, sendo separados do sobrenadante (que foi descartado) através da separação magnética utilizando um imã permanente.

3.3.Obtenção de FFs em solventes orgânicos

Após a lavagem com acetona, o sólido obtido apresentou-se como grandes grumos e aparência de uma graxa viscosa. A adição direta do óleo de silicone DMS-50 (AVIPOL) sobre o sólido e posterior aquecimento não resultou na formação de dispersão coloidal, como era esperado. Assim, diversas tentativas foram realizadas para dispersar o sólido em um solvente orgânico, previamente à adição do óleo de silicone. Foram testados os seguintes solventes: diclorometano, éter etílico, tetrahidrofurano, tolueno e hexano. O tetrahidrofurano mostrou-se bastante eficiente para desfazer os grandes aglomerados sólidos, particularmente após aquecimento brando. Após a adição do THF, adicionou o óleo de silicone e a mistura foi rotaevaporada a 80º C para a eliminação do solvente. Obteve-se uma suspensão de NPs em

óleo de silicone de baixa estabilidade, como formação de sedimentos após aproximadamente 1 hora em repouso.

3.4.Caracterização dos materiais obtidos.

Os sólidos preparados foram caracterizados pelas seguintes técnicas: difração de raios-X, DRX (análise de fases cristalinas e estimativa do diâmetro médio de cristalito), espectrocopia de infravermelho, FTIR (análise qualitativa da composição após etapas de recobrimento com TEOS e PDMS-OH), espectrofotometria (teor de Fe^{2+} e Fe^{3+} pelo método da ortofenantrolina) e análise termogravimétrica, TG (análise quantitativa da composição após as etapas de recobrimento).

Os sólidos obtidos (magnetita e maghemita) foram caracterizados por difração de raios-X. O equipamento utilizado foi da marca Shimadzu, modelo XRD-6000, utilizando radiação Cu-Kα e varredura de 2 graus/min.

A análise termogravimétrica das nanopartículas de magnetita e maghemita recobertas com TEOS-PDMS foram feitas em atmosfera de ar sintético, temperatura ambiente até 650º C à 10º $C.min^{-1}$ no equipamento DTG-60H, da marca Shimadzu.

Como não foram obtidos FFs com boa estabilidade coloidal, não foi possível realizar a análise por espalhamento dinâmico de luz para determinação de raio hidrodinâmico.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1.Caracterização dos sólidos sintetizados

Um sólido cristalino apresenta um conjunto de espaçamentos interplanares que resulta em um padrão de difração de raios-X, que permite identificar as fases cristalinas do sólido (PECHARSKY et al, 2005). Através de bancos de dados existentes, pode-se comparar os picos de difração obtidos com os padrões de difração contidos nos mesmos.

O difratograma de raios-X obtido para o sólido de magnetita sintetizado pode ser visto na figura 2, onde os picos de difração estão indicados conforme os índices de Miller da estrutura de espinélio inverso. Através da equação de Scherrer (CULLITY, 1978), o diâmetro médio dos cristalitos de magnetita estimado foi de 8,2 nm.

O difratograma de raios-X obtido para o sólido de maghemita sintetizados pode ser visto na figura 3. O diâmetro médio dos cristalitos de maghemita estimado foi de 7,1 nm.

O parâmetro de rede de ambos os sólidos foram calculados através dos valores de hkl dos planos cristalográficos apresentados e seus respectivos ângulos de difração, utilizando-se

o programa UnitCell ®. A tabela 1 apresenta os valores do parâmetro de rede calculados, bem como os valores presentes no banco de dados do "Joint CommitteeonPowderDiffraction Standards - JCPDF":

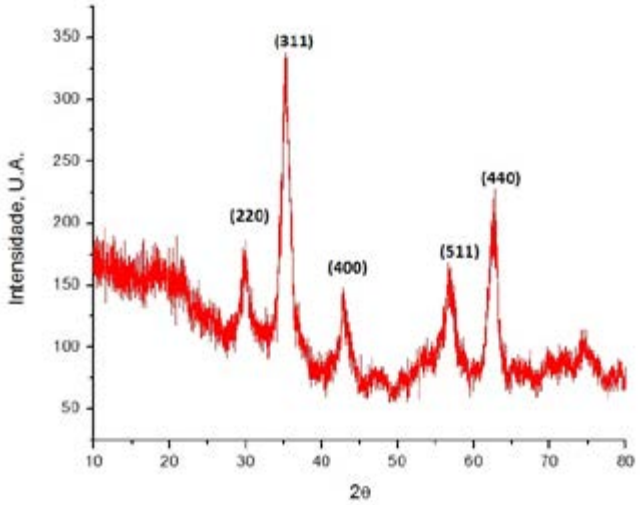


Figura 2: Difratograma de raios-X obtido para a magnetita sintetizada

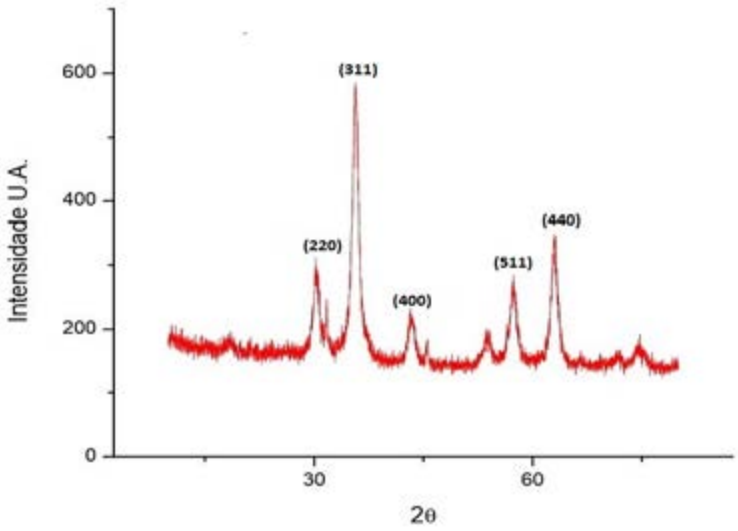


Figura 3: Difratograma de raios-X para a maghemita sintetizada.

Tabela 1: Valores do parâmetro de rede obtidos e do banco de dados JCPDF

Sólido	Parâmetro de rede obtido (Â)	Parâmetro de rede, JCPDF (Â)
Magnetita	8.399	8,396
Maghemita	8.347	8,340

Os valores da razão de Fe^{3+}/Fe^{2+} para os sólidos de magnetita e maghemita sintetizados estão mostrados na tabela 2. Nota-se que o sólido denominado magnetita não apresentou a estequiometria esperada ($2Fe^{3+}$:$1Fe^{2+}$), assim como o sólido denominado maghemita apresenta ainda certa quantidade de íons Fe^{2+}.

Tabela 2: Razão de $Fe3^{+}$/ $Fe2^{+}$ para os sólidos obtidos.

Sólido	Razão Fe^{3+}/ Fe^{2+}
Magnetita	6,0
Maghemita	11,1

4.2. Caracterização do recobrimento das nanopartículas de magnetita e maghemita com PDMS.

A análise termogravimétrica (TG) permite estudar a decomposição de substâncias orgânicas, inorgânicas e de diversos materiais (IONASHIRO, 2005). Empregando-se uma atmosfera de ar sintético, pode-se analisar a funcionalização das nanopartículas de magnetita e maghemita obtidas através das perdas de massa oriundas da evaporação de água adsorvida e água da condensação de silanol e da oxidação das extremidades $–CH_3$ do PDMS a CO_2. O resíduo final no experimento de TG foi considerado como sendo SiO_2 e Fe_2O_3 (KAPRIDAKI et al, 2013; LI et al, 2013).

A figura 4 apresenta os termogramas para as amostras de magnetita e maghemita funcionalizadas; Fe_3O_4-SiO_2-PDMS e Fe_2O_3-SiO_2-PDM.

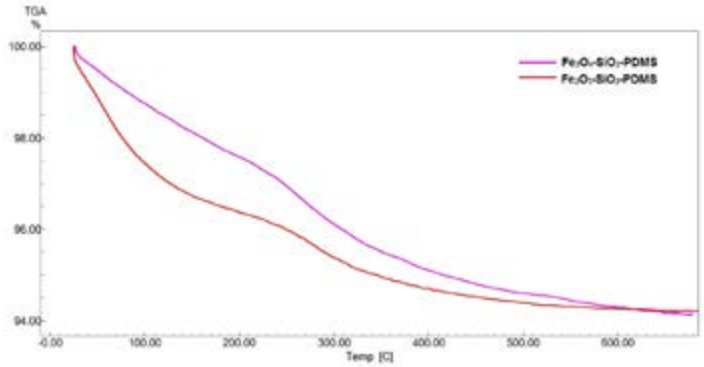


Figura 4: Termogramas para os sólidos de magnetita e maghemita funcionalizados com TEOS e PDMS.

A perda de massa total observada para o sólido Fe_3O_4-SiO_2-PDMS foi de 5,81%, enquanto que, para o sólido Fe_2O_3-SiO_2-PDMS, a perda foi de 5,78%, evidenciando um

índice de recobrimento (grafting) para os sólidos de magnetita e maghemita consideravelmente próximos, sob as mesmas condições reacionais.

Na tabela 3, observam-se as perdas de massa de água (até 200º C) e superior a esta temperatura, as perdas relativas à decomposição do PDMS (KAPRIDAKI et al, 2013).

Tabela 3: Perdas de Massa (%) dos sólidos nas análises termogravimétricas.

Perda de Massa	**Fe_3O_4-SiO_2-PDMS**	**Fe_2O_3-SiO_2-PDMS**
Perda de Água (%)	2,4 %	3,6%
Decomposição do PDMS (%)	3,6%	2,2%

A eficiência do processo de recobrimento das nanopartículas sintetizadas também foi verificadas por espectroscopia de infravermelho (FTIR). Nos espectros dos sólidos funcionalizados (figura 5), além das bandas evidenciadas para o óxido de ferro, foram observadas bandas largas por volta de 3400 cm^{-1} atribuídas ao estiramento –O-H , 1632 cm^{-1}, associada a deformação angular H-O-H de água adsorvida e por volta de 580 cm^{-1}e 620 cm^{-1}, referentes aos modos vibracionais de Fe-O (SLAVOV et al, 2010). É possível também evidenciar as bandas referentes às vibrações associadas ao PDMS, como os picos em torno de 2850 cm^{-1} e 2920 cm^{-1} referentes aos estiramentos simétrico e assimétrico de grupos -CH_3, 1020 cm^{-1} e 1094 cm^{-1}, referente ao estiramento assimétrico das ligações Si-O-Si e os dois picos por volta de 1430 cm^{-1} e 1260 cm^{-1}, das vibrações assimétricas de Si-CH_3(CHEN et al, 2011).

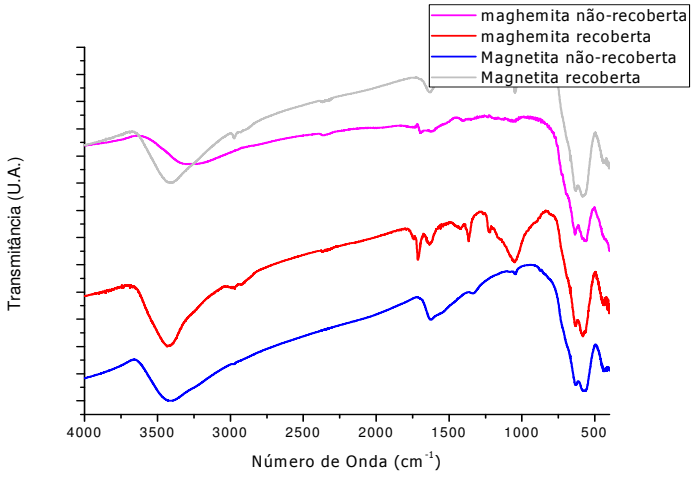


Figura 5: Espectros de infravermelho dos sólidos de magnetita e maghemita não-funcionalizadas e funcionalizadas com PDMS.

4.3.Dispersão das Nanopartículas em Fluído de Silicone

Após a funcionalização dos sólidos de magnetita e maghemita com PDMS, foi necessário a dispersão das NPs funcionalizadas em um solvente orgânico, para que não formassem aglomerados ao dispersá-las no fluído de silicone AVIPOL DMS-50. Diversos solventes foram testados, como clorofórmio, tolueno, glicerol, dentre outros, porém, o que apresentou melhor dispersão foi o tetrahidrofurano, THF.

Após a rotaevaporação do solvente orgânico, foi obtido uma suspensão de NPs em óleo de silicone sem grande estabilidade coloidal, já que, na presença de um campo magnético, as nanopartículas sedimentavam.

5. CONCLUSÃO

Através da metodologia aplicada, foi possível a síntese e caracterização dos sólidos magnéticos e a funcionalização da superfície da magnetita e da maghemita com o polidimetilisiloxano (PDMS) como surfactante, formando uma suspensão de NPs em óleo de silicone sem grande estabilidade coloidal.

Devido à dificuldade de se obter fluídos estáveis, uma das opções para trabalhos posteriores quanto aos sólidos magnéticos recobertos com PDMS, é a obtenção de nanocompósitos no qual nanopartículas magnéticas são dispersas em matriz de sílica sólida polimérica.

6. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. P. S.;CAIADO, K. L.; SARTORATTO, P. P. C.; SILVA, D. O. C., PEREIRA, A. R.; MORAIS, P. C. Preparation and size-modulation of silica-coated maghemite nanoparticles. **Journal of Alloys and Compounds.**V.500, p.149-152, 2010.

BORDUZ, L.; TSUDA, S.; HIROTA, Y. **US Patent 6277298** Bl. 1982.

CHARLES ; S. W. Preparation and magnetic properties of magnetic fluids. ***Romanian* Reportsin Physics.**V.47, N. 3-5, p.249-264, 1995.

CHEN, H. J.; WANG, Y. M.; QU, J. M.; HONG, R. Y.; LI, H. Z. Preparation and characterization of silicon oil based ferrofluid. **Applied Surface Science.** V. 257, N. 24, p.2879-2885, 2011.

CULLITY, B. D.**Elements of X-Ray Diffraction**, 2nd Edition, Canada: Addison-Wesley 1774, 1978.

LI, D.; XU, F.; LIU, Z.; ZHU, J.; ZHANG, Q.; SHAO, L.The effect of adding PDMS-OH and silica nanoparticles on sol–gel properties and effectiveness in stone protection, **Applied Surface Science**, V. 266, p. 368-374, 2013.

DURAN, N.; MATTOSO, L. H. C.; MORAIS, P. C. **Nanotecnologia: introdução, preparação e caracterização de nanomateriais e exemplos de aplicação**, São Paulo: Artliber Editora, 2006.

HUNTER, R. J. **Foundations of colloid science**, Oxford, UK: Clarendon Press, 1986.

INSAUSTI, M.; LEZAMA, L.; GIL DE MURO, I.; GOIKOLEA, E.; ROJO, T.; SALADO, J. Preparation and Characterization of Monodisperseγ–Fe_3O_4 Nanoparticles: An Electron Magnetic Resonance Study. **Chemistry o fMaterials** V. 23, N. 11, p.2879-2885, 2011.

IONASHIRO, M.**Giolito: Fundamentos da Termogravimetria e Análise Térmica Diferencial e Calorimetria Exploratória Diferencial**, Giz Editorial: São Paulo, 2005.

KANG, Y. S.; RISBUD, S.; RABOLT, J. F.; STROEVE, P. Synthesis and characterizations of nanometer-size Fe3O4 and γ-Fe2O3 particles.**Chemistry of Materials**. V. 8, p. 2209-2211, 1996.

KAPRIDAKI, C., MARAVELAKI, P. TiO_2-SiO_2-PDMS nanocomposite hydrophobic coating with self-cleaning properties for marble protection.**Progress in Organic Coatings**, vol. 76, p. 400–410, 2013.

LYKLEMA, J. **Fundamentals of Interface and Colloid Science: Particulate colloids**, Vol 2: Solid-liquid Interfaces, Academic Press, London, 1995.

KLEIN, L. C.,***Processing of Nanostructured Sol-Gel Materials***, (A. S. Edelstein, and R. C. Cammarata, eds.), *Nanomaterials: Synthesis, Properties,and Applications*, Institute of Physics

Publishing, Bristol and Philadelphia, pg. 147–164, 1996.

MYERS, D. **Surfaces, interfaces, and colloids: Principles and Applications**, 2nd. Ed, New York: John Willey & Sons, 1999.

ODENBACH, S. **Magnetoviscous effects in ferrofluids**. New York : Springer, 2002.

PECHARSKY, V. K., ZAVALIJ, P. Y. **Fundamentals of powder diffraction and structural characterization of materials**. New York: Springer, 2005.

ROSENSWEIG, R. E. **Magnetic Fluids.Annual Review of Fluid Mechanics**, V. 19, p. 437-463, 1987.

SHACKELFORD, J. F., **Ciência dos Materiais**, 6a Edição Editora Pearson, 2008.

SLAVOV, L., ABRASHEV, M.V., MERODIISKA, T., GELEV, CH., VANDENBERGHE, R.E., MARKOVA-DENEVA, I., NEDKOV, I. Raman spectroscopy investigation of magnetite nanoparticles in ferrofluids. **Journal of Magnetism and Magnetic Materials** 322 (14), p. 1904-1911, 2010.

VIALI, W. R. ;ALCANTARA, G. B. ; SARTORATTO, P. P. C. ; SOLER, M. A. G.; MOSINIEWICZ-SZABLEWSKA, E.; ANDRZEJEWSKI, B.; MORAIS, P. C. Investigation of the Molecular Surface Coating on the Stability of Insulating Magnetic Oils. **Journal of Physical Chemistry C.** V. 114, p.179-188, 2010.

O conceito de arte, trabalho e autonomia em HerbetMarcuse e Theodor W. Adorno: o cinema em análise[1]

Daviane R. Ribeiro – orientanda

Juliana de Castro Chaves - orientadora

Faculdade de Educação

ribeiro_daviane@hotmail.com

Resumo: o presente artigo discute as interfaces entre cinema, trabalho e arte, objetivo do plano de trabalho "O conceito de arte, trabalho e autonomia em Herbet Marcuse e Theodor W. Adorno", vinculado ao projeto de pesquisa "Trabalho, arte e autonomia", da profa. Juliana de Castro Chaves, em desenvolvimento desde 2011. Esse estudo reflete sobre a possibilidade do cinema se realizar como produto cultural e objetivação humana autônoma. Para tanto, realizou-se uma pesquisa teórica, que ofereceu base para o entendimento das tensões que o cinema realiza com a arte e com o trabalho no capitalismo, e uma pesquisa empírica com os cineastas goianos da Associação Brasileira de Documentaristas – Abd-GO e os da Associação de Cinema Independente - ACINE.

Palavras-chaves: arte; autonomia; cinema; mercadoria; teoria crítica; formação.

Introdução

Esse plano de trabalho é parte do projeto de pesquisa Trabalho, arte e autonomia da Prof.ª Dr.ª Juliana de Castro Chaves, que está em desenvolvimento desde 2011. Após compreender o conceito de trabalho e de arte em Herbert Marcuse e em Theodor Adorno em relação com a possibilidade de autonomia e em vinculação com os processos formativos na atualidade (resultados apresentados em relatório institucional – CONPEEX/UFG 2012), esse plano (2012-2013) abordará a investigação do cinema em Theodor Adorno com suas interfaces com o trabalho, a arte e a possibilidade de autonomia, tomando como recorte a atividade de trabalho de artistas/cineastas goianos.

De inicio é fundamental compreender as distinções entre produto cultural enquanto arte e produto cultural enquanto mercadoria e suas tensões com autonomia. Mercadoria são os

[1] Revisado pelo orientador

produtos pautados pelo valor de troca estabelecido pelo capitalismo e que tem por finalidade promover o entretenimento, o lucro, silenciar o sofrimento dos homens e perpetuar a lógica do capital. Esses objetos são produzidos em massa e denominados por Horkheimer e Adorno (1985) como produtos da indústria cultural.

A arte também é produto cultural e resultado do trabalho humano. Contudo, difere-se da mercadoria, que não tem uma finalidade em si. A arte é arte pela arte. Por meio dela os sujeitos podem fruir as mais diversas emoções, angústias, sofrimentos e elaborar reflexões transformadoras, porém, isso é dado como possibilidade e não um destino já determinado a priori. Ela tem o caráter de originalidade e não de reprodutibilidade e permite que sentidos adormecidos pelo sistema capitalista aflorem em sensibilidade e imaginação. Enquanto produto do trabalho humano, a arte também pode ser apropriada pela indústria cultural, se transformar em fetiche e ter um caráter funcional (ADORNO, 1983).

Nesse sentido, abre-se o questionamento sobre a possibilidade do cinema, que é um produto cultural, ser mediação de uma formação para a autonomia. É importante destacar que para os frankfurteanos, a autonomia é compreendida como formação humana oposta à racionalidade liberal própria do modo de produção capitalista. Autonomia é força contra barbárie e o é na medida em que permite uma razão não instrumentalizada, sem funcionalidade, não lucrativa, que seja historicamente constituída e permita o desenvolvimento da sensibilidade própria do ser genérico humano (MAIA, 2012). Nesse sentido, a autonomia se contrapõe a ideia do liberalismo que define sujeitos autônomos como produtivos, lucrativos, flexíveis, polivalentes, e até mesmo insensíveis às próprias angustias e desejos.

A autonomia auxilia no desvelamento das contradições entre produto cultural enquanto mercadoria, objeto funcional e de entretenimento do capitalismo, e produto cultural enquanto arte, resistência à realidade desumana do sistema capitalista. Desses embates, surgem os questionamentos a respeito do cinema e sobre o artista/cineasta e suas possibilidades de produzir em seu processo de trabalho arte ou mercadorias competitivas e lucrativas.

Metodologia

Esse estudo se divide em duas partes: uma pesquisa teórica, que oferece base para o entendimento das tensões que o cinema realiza com a arte e com o trabalho no capitalismo, e

uma segunda parte empírica, que faz discussões preliminares sobre os dados do questionário aplicado nos cineastas da Associação Brasileira de Documentaristas – Abd-GO e da Associação de Cinema Independente de Goiás – ACINE.

Para aprofundar a discussão sobre as tensões entre o produto cultural denominado arte e o denominado mercadoria, foram selecionadas as seguintes obras de Theodor Adorno: "Indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas" (1985), "Teoria estética" (1970), "Fetichismo da música e regressão da audição" (1983), "A arte é alegre" (2001), "Notas de literatura" (2003), "Mínima moralia" (1993) e "Notas sobre o filme" (1986). Autores brasileiros também contribuíam para a compreensão das contradições entre cinema, arte e mercadoria. Foram eles: Rodrigo Duarte (2008), Luís Hermenegildo Fabiano (1978) e Hélio Roque Hartmann (2001), Robson Loureiro (2010) e Matheus Silva (1999).

A pesquisa empírica foi dividida em duas partes: aplicação de questionários e entrevista. Inicialmente faziam parte da amostra, os cineastas associados em duas associações goianas que há mais tempo estavam em vigor: Abd–GO e a Associação Goiana de Cinema e Vídeo - AGCV. No decorrer do processo, constatou-se que a grande maioria dos membros da AGCV participavam ativamente da Abd-GO, inclusive em sua diretoria. Na tentativa de resguardar a diversidade, substituiu-se a AGCV pela ACINE criada em 2011, que também apresentava membros na Abd-GO, no entanto, sem tanta inserção administrativa.

Observou-se que tanto a Abd-GO quanto a ACINE apresentavam diversos profissionais, dentre eles atores, fotógrafos, professores, publicitários, médicos, arquitetos artistas plásticos que nem sempre tinham trabalhado diretamente com filmes. A par dessa constatação e com o objetivo de conhecer o universo dos cineastas que trabalhavam com cinema, elegemos os associados quites e não quites com a Abd-GO que tivessem participado de pelo menos um produto cinematográfico, seja ele curta, média ou longa. Como tinham muitos associados que participavam dessa associação e estavam produzindo, mesmo que não estivessem quites com a associação, eles foram incluímos na população, já que tinham experiência com esse processo de trabalho.

Percebeu-se que existiam sujeitos que oficialmente não tinham catalogado que participavam de filmes, pois dependendo da função que ele assumisse no mercado (jurado) esse fato era ocultado, a fim de garantir a sua atuação nesse espaço. Esse fato demonstrou que ao desvelar a aparência imediata do dado colhido, mediações existentes no processo de produção desses cineastas podiam estar encobertos pela forma como a produção se efetivava

publicamente. Esses casos foram incluídos, por acreditar que eles podiam agregar elementos e elucidar questões importantes do processo de trabalho.

Feito o levantamento dos sujeitos que tivessem participado de pelo menos um filme, realizou-se o convite por e-mail e por telefone para a realização da primeira etapa da pesquisa empírica – aplicação dos questionários – com todos os esclarecimentos sobre o processo da pesquisa e sobre o Termo de consentimento livre e esclarecido.

Depois de realizado o pré-teste do questionário, foram feitas as devidas adequações e encaminhadas para os cineastas com orientações sobre a pesquisa, juntamente com o termo de consentimento. Dos 12 associados cadastrados na ACINE, 7 sujeitos participaram da primeira etapa. 2 cineastas, mesmo estando dentro dos critérios, não responderam ao convite e os outros 3 não estavam dentro dos critérios. Dentre esses 12 sujeitos, 9 já haviam participado ou participavam da Abd-GO.

Na Abd-GO, com cerca de 50 associados, apenas 36 estavam quites no ato da pesquisa tendo ou não um produto. Alguns não atualizavam o endereço eletrônico ou o telefone ou não estavam participando ativamente da associação, o que dificultou o contato. Conseguiu-se catalogar dentro do critério de participação de pelo menos um produto cerca de 34 cineastas. Com essa catalogação, realizou-se o convite. 16 cineastas quites e não-quites da Abd-GO aceitaram participar. Ao todo, levando em conta as duas associações, foram aplicados 22 questionários.

O preenchimento dos questionários por parte dos cineastas foi realizado por e-mail (formulário digital), por aplicação presencial em local sugerido pelo cineasta ou entregue ao cineasta para o seu posterior preenchimento e devolução à pesquisadora. Uma análise das respostas dos cineastas foi feita com o intuito de complementar ou retirar dúvidas. Todos os dados dos questionários, posteriormente, foram catalogados na plataforma de dados SPSS – Statistical Package for the Social Sciences.

Realizados os questionários, prosseguiu a segunda etapa da pesquisa empírica: a entrevista. O roteiro de entrevista semi-estruturado também passou por um pré-teste, sendo realizadas modificações que fizessem conexões com os dados do questionário. Os cineastas que participaram da segunda etapa da pesquisa empírica tinham que ter no mínimo três filmes como diretores, pois se percebeu que esses profissionais geralmente acompanhavam todo o

processo de produção do filme e, por isso, podiam oferecer maiores informações sobre o processo de trabalho.

Atualmente, a pesquisa está finalizando a primeira e a segunda etapa. As transcrições das entrevistas estão sendo realizadas literalmente sendo respeitados os vícios de linguagem, palavras repetidas, erros e outros acontecimentos próprios da linguagem falada, que estão sendo elementos indispensáveis para a compreensão da totalidade do raciocínio dos entrevistados. Esse relatório apresentará a discussão teórica e a análise preliminar dos dados do questionário.

Resultados/discussão

Entre os autores da denominada Teoria Crítica da Escola de Frankfurt, pode-se destacar T. W. Adorno e Walter Benjamim como os que mais se debruçaram sobre a temática do cinema. Inclusive, existem debates por partes de estudiosos desses autores que os colocam em pontos oposto: Benjamim otimista x Adorno pessimista, em relação ao cinema e às possibilidades decorrentes desse fenômeno. Loureiro (2009, p. 59) afirma que de fato existia "algumas divergências entre Adorno e Benjamin no que se refere às consequências do processo de massificação da produção e consumo da cultura industrializada." Porém, para ele não se pode ignorar que:

> [...] superando a tensão entre os dois ensaios – na carta de 30/06/1936 após ter lido o texto adorniano, Benjamin lhe pergunta: "você ficaria surpreso se eu lhe contasse que eu estou tremendamente satisfeito com a comunicação tão profunda e tão espontânea de nossos pensamentos? [...] Nossos estudos são como dois fechos luminosos, voltados para o mesmo objeto, de lados opostos" (KANGUSSU, 1999, p. 459 *apud* LOUREIRO, 2009, p. 60).

A pertinência das contribuições de Adorno a respeito do cinema pode ser percebida principalmente na proposta de uma perspectiva crítica, tanto para a produção quando para a apreciação do mesmo. Há que se reconhecer também que o interesse do autor pelo cinema não partiu de um contexto inexpressivo. O advento do movimento denominado Novo Cinema Alemão (NCA), é importante para entender o porquê que depois da década de 60, Adorno tenha se dedicado ao cinema com maior interesse. A proposta do NCA apresentava-se a *contrapelo* do que até então a indústria cultural havia elegido como cinema (LOUREIRO, 2009), ou seja, tal como Adorno, contrária à proposta hollywoodiana.

Desse modo, não se deve realizar generalizações imediatas a respeito de um possível pessimismo adorniano em relação ao cinema, mas sim compreender que ele é contrário a uma proposta específica de cinema que apresente a racionalidade hollywoodiana, justamente por ela, sendo um produto da indústria cultural, conter elementos que propiciam uma formação para a adaptação do sujeito ao sistema capitalista.

Em "Notas sobre o filme" (1986), Adorno debate o cinema nos moldes dados pela indústria cultural e nos moldes que ele considera um produto cultural capaz de realizar a crítica social. Para ele, o primeiro infantiliza e promove a regressão dos sentidos e das capacidades reflexivas dos sujeitos em escala industrial, enquanto o segundo, se abre enquanto resistência a isso. Adorno (1986) discute a racionalidade dos dois grupos opostos de sua época. De um lado, o *'cinema do papai'*, hollywoodiano, e que segundo Adorno, produzia todo tipo de lixo cinematográfico, enlatados e com orçamentos milionários; do outro, o *'cinema do guri'* que se colocava enquanto proposta contrária aos moldes norte-americanos de produção, sendo mais crítico e reflexivo. Os cineastas desse segundo grupo estavam em sua grande maioria no movimento denominado de Novo Cinema Alemão (NCA), inclusive Alexander Kluge, que foi seu amigo pessoal (LOUREIRO, 2012).

Para o autor, as produções hollywoodianas oferecem ao expectador aquilo que ele deseja ver ou apenas o distrai de sua vida exaustiva, acolhe suas angustias e o satisfaz em coisas que a realidade apenas o frustra. Esse tipo de produção também denominada de filme comercial, para Adorno (1986), seria o *trailer* de si mesmo, propaganda constante de promessas irrealizáveis vendidas em cada cena como consolo e preparação para o dia seguinte do trabalho alienado. Esse cinema é diversão e alienação. Até mesmo quando retrata o sofrimento o faz com a segurança de que ele será esquecido ou ainda o trata sem as mediações que o determinam ou como algo inevitável e essencial para que venham recompensas. Toda labuta do sujeito real é justificada pelo final feliz do mocinho em cena ficcional. A garantia da resignação está no fato de que a indústria cultural é "o fio condutor de uma rede informacional de entretenimento planificado, cuja finalidade é conectar o indivíduo à tessitura ideológica de sustentação da sociedade industrial" (FABIANO, 1978, p. 136).

> Nos filmes comerciais, a lição ensinada pelo protagonista é a de que todos devem se acostumar com as surras, pois, ao fim, tudo valerá a pena. O indivíduo deve renunciar à sua própria vida, uma vez que o que lhe é oferecido (exibido) é "sempre superior". A indústria cultural, dessa maneira, fundamenta-se numa promessa de satisfação que nunca se realizará, num aguçamento do desejo que leva o indivíduo a pensar que pode fugir de seu cotidiano – dito sem graça (CANIATO, 2012, p. 156).

Para o capitalismo, todos são consumidores e a indústria cultural faz o necessário para garantir esse estado de coisas. O exército de consumo é composto pelos "(...) trabalhadores e os empregados, os lavradores e pequenos burgueses. A produção capitalista os mantem tão bem presos em corpo e alma que eles sucumbem sem resistência ao que é oferecido" (Adorno e Horkheimer, 1985, p. 120). Todas as necessidades são apresentadas aos consumidores como passiveis de serem satisfeitas por meio do consumo das mercadorias disponíveis. São necessidades organizadas de antemão, de modo que o sujeito se torne um eterno consumidor (COSTA, 2001), pois "ocorre o processo de geração de necessidades e ao mesmo tempo o processo de retroatividade destas" (CANIATO, 2012, p. 146).

A posição do expectador frente às telas do cinema não se difere daquela do consumidor frente às vitrines. Os ideais vendidos pelo mocinho, a beleza e pureza da mocinha, assim como a genialidade do bandido, são produtos promovidos nas telas e que serão avidamente procurados e consumidos. Horkheimer e Adorno (1985) denunciam que a realidade que o cinema comercial expõe em suas telas é continuidade da vida dos sujeitos estáticos que contemplam as cenas,

> a velha experiência do espectador de cinema, que percebe a rua como prolongamento do filme que acabou de ver, porque este pretende ele próprio reproduzir rigorosamente o mundo da percepção quotidiano, tornou-se a norma da produção. Quanto maior a perfeição com que suas técnicas duplicam objetos empíricos, mais fácil se torna hoje obter a ilusão de que o mundo exterior é o prolongamento sem ruptura do mundo que se descobre no filme (HORKHEIMER & ADORNO, 1985, p. 118).

O cinema como se apresenta nos moldes da indústria cultural promove a mutilação dos sentidos, da capacidade reflexiva e conforma o sujeito à realidade dada. As novidades apresentadas nunca fogem ao esquematismo primariamente elaborado para que nada seja estranhado apesar de estar sob o aspecto de novidade. A predominância que o detalhe assume é expoente dessa estratégia (ADORNO, 1986). Efeitos especiais, cenas dramáticas e até mesmo o trunfo de um ator famoso são postos como suficiente para garantir a qualidade do filme. O glamour, os holofotes e a exibição de altos orçamentos colaboram na montagem de um espetáculo que garante o sucesso do filme independente de sua forma e conteúdo.

As partes são despregadas do todo, acentua-se a dicotomia entre entendimento e sentimento, a mimese é sempre repetição do mesmo e se faz regra, pois a imitação é a

absoluta fórmula do sucesso. A pura repetição dos produtos da indústria cultural distingue-se do que ocorre na arte moderna, pois nela mimese refere-se ao que não é idêntico. Ao entrar em contato com a arte moderna o individuo se sente impulsionado a imitar o que não é esperado, o que não é previamente ditado. Porém, esse movimento exige que o indivíduo saia da posição conformada e passiva que ocupa em seu cotidiano, o que a indústria cultural faz questão de manter adormecida (LOUREIRO, 2012).

Convém assinalar que a relação novo-familiar na indústria cultural se dá pela expropriação do esquematismo kantiano, ou seja, perverte-se a capacidade do ser humano de reconhecer e assimilar aquilo que lhe é familiar em um objeto novo. É por meio do esquematismo que o sujeito resgata suas experiências pretéritas para conseguir atribuir sentidos a um novo objeto apresentado. Nesse movimento subjetivo-objetivo, o sentido seria único justamente por se tratar de esquemas muito particulares, feitos de acordo com a experiência do sujeito. Contudo, a indústria cultural age fornecendo elos para impor certos esquemas a fim de levar os sujeitos a se sentirem/agirem de uma determinada forma (LOUREIRO, 2012).

A música nos filmes é um emblema desse processo. Nos filmes enlatados elas ditam o que se deve sentir. O sofrimento da mocinha acompanha uma melodia dramática que compõe o esquema das emoções. Essa distinção é marcante na relação do sujeito com a arte, "pode-se dizer que as percepções – eivadas de (pré) juízos – dos produtos da indústria cultural são essencialmente diferentes dos juízos de gosto (destinadas apenas a objetos belos, no sentido kantiano)" (DUARTE, 2008, p. 106). Se o esquematismo tal como proposto por Kant permite o livre jogo da imaginação e do entendimento, quando é expropriado pela indústria cultural, apresenta um universo fechado e empobrecido de possibilidades.

> O expectador não tem necessidade nenhuma de pensamento próprio, o produto prescreve toda reação: não por sua estrutura temática – que desmorona na medida em que exige pensamento – mas através de sinais. Toda ligação lógica que pressuponha um esforço intelectual é escrupulosamente evitada. Os desenvolvimentos devem resultar tanto quanto possível da situação imediatamente anterior, e não da ideia do todo (ADORNO, 1985, p. 129).

O sujeito se mantem ávido pelo consumo do que pode ser consumido, se crer livre e diferenciado em meio à massa de sujeitos dominados pelo capital. Segundo Horkheimer e Adorno (1985), "a semelhança perfeita é a diferença absoluta. A identidade de gênero proíbe

a dos casos. A indústria cultural realizou maldosamente o homem como ser genérico. Cada um é tão somente aquilo mediante o que pode ser substituído por todos os outros: ele é fungível, mero exemplar" (p. 136). Toda essa falseta chamada liberdade de escolha posta pela indústria cultural, é totalmente inflexível, não permite qualquer mudança, qualquer estado de coisas que não seja o existente. Ela serve, sobretudo, para que nada mude e para que nenhum desejo seja diferente das possibilidades dadas a priori. Assim "a liberdade de escolha da ideologia, que reflete sempre a coerção econômica, revela-se em todos os setores como a liberdade de escolher o que é sempre a mesma coisa" (HORKHEIMER & ADORNO, 1985, p.156).

Reconhecendo o cinema como um forte instrumento da indústria cultural para a dominação das massas, Horkheimer e Adorno (1985) denunciam que:

> ultrapassando de longe o teatro das ilusões, o filme não deixa mais à fantasia e ao pensamento dos espectadores nenhuma dimensão na qual esses possam, sem perder o fio, passear e divagar no quadro da obra fílmica permanecendo, no entanto, livres do controle de seus dados exatos, e é assim precisamente que o filme adestra o espectador entregue a ele para se identificar imediatamente com a realidade. Atualmente a atrofia da imaginação e da espontaneidade do consumidor cultural não precisa ser reduzido a mecanismos psicológicos. Os próprios produtos – e entre eles em primeiro lugar o mais característico, o filme sonoro – paralisam essa capacidade em virtude de sua própria constituição objetiva. São feitos de tal forma que sua apreensão adequada exige, é verdade, presteza, dom de observação, conhecimentos específicos, mas também de tal sorte que proíbem a atividade intelectual do espectador, se ele não quiser perder os fatos que desfilam velozmente diante de seus olhos (p. 119).

Encontra-se em Adorno reflexões claramente posicionadas contra a sociedade capitalista, expondo e propondo críticas à ordem estabelecida e ainda, fazendo apostas em projetos emancipatórios (Loureiro, 2012). Em relação ao cinema, como emblema da indústria cultural, a crítica adorniana aponta que ele é em si mesmo um produto de massa, não possuindo um original que seria reproduzido para multidões. Nesse sentido, a reprodução não é uma característica do cinema, mas sua própria origem contém a reprodução, diferente da arte. Contudo, Adorno (1986) propõe, a partir de seu contato com os cineastas do NCA, o que denomina de *antifilme*, ou seja, um filme que esteja a contrapelo das imposições postas no/pelo cinema hollywoodiano, junto ao neorrealismo italiano e aos filmes de Chaplin, a possibilidade de romper com essa realidade (LOUREIRO, 2012).

A proposta do NCA, por exemplo, pretendia elaborar o passado não assimilado da Alemanha nazista, além de tentar trilhar novos caminhos estéticos distintos dos propostos pelo cinema comercial norte-americano. Um dos cineastas mais expoentes desse movimento foi Alexander Kluge, com o qual Adorno manteve relacionamento próximo. É possível identificar que a produção fílmica do primeiro está em diálogo com a filosofia do segundo (LOUREIRO, 2012). A obra de Kluge apresenta diversos elementos que Adorno denomina de *antifilme.* Segundo Loureiro (2012),

> a desaprendizagem dos esquemas hegemônicos e embrutecedores do entendimento e da sensibilidade, proporcionada pelos filmes de Kluge, acontece de diversas formas. Esse processo de *reeducação dos sentidos* pode ser ilustrado na convergência e sobreposição de diferentes linguagens; nos momentos em que se realizam rupturas abruptas que quebram a ilusão de movimento da imagem; ou, quando, sob a tela, veem-se trechos de poemas, gravuras, pinturas, arquitetura, das cidades, fotografias, letras de música, *entretítulos*, aforismos; na dissonância entre música e imagem; no jogo entre a aceleração e a desaceleração do tempo de apresentação das imagens e cenas; ou mesmo no decorrer da narração em *off*. Dessa forma, a modernidade radical de seus filmes ameaça a própria linguagem do cinema, ao mesmo tempo em que, contraditoriamente, reforça a dinâmica e a potência do cinema como arte: no seu cinema *impuro* ou no seu fazer *antifilmico* (p. 90-91).

A possibilidade de um cinema que realize crítica à sociedade se apresenta por meio do NCA, contudo, esse movimento não é distinto de tudo o que existia, mas se destaca por ter sido um dos que agregou elementos próprios da arte no cinema, se diferenciando dos filmes comerciais.

Há a exigência de uma formação sensível de sujeitos capazes de refletir a partir de uma mimese que se nega a si mesma. Nesse sentido, a o cinema que resguarda certos elementos da arte, é denúncia e negação, ou seja, retira o sujeito do lugar de passividade que a indústria cultural o colocou. Na relação com a mimese transformadora o sujeito terá de lidar com o inesperado, com o enigma da arte, ou seja, com o seu conteúdo de verdade. A arte não se apresenta ao sujeito como uma charada, mas sim como algo que se comunica por meio do indizível. Não existe enigma em filmes em que desde o inicio já se sabe o final. Não se trata apenas de contemplar o relato de uma história que nunca escapa a um padrão de sofrimento, batalha e final feliz. O enigma se apresenta enquanto elemento transcendente, como aquilo que não pode ser decifrado (LOUREIRO, 2012), é a verdade da arte que fala de forma silenciosa.

A respeito do que seria arte, Adorno (2003) usando das palavras de Valéry, afirma que o que chama "(...) de 'a grande arte' é simplesmente a arte que exige todas as faculdades de um homem sejam nela utilizadas, e cujas obras são tais que todas as faculdades de um outro homem sejam invocadas no interesse de compreende-las" (VALÉRY, p. 1221, *apud* ADORNO, 2003, p. 156). Assim, revela a própria necessidade do sujeito capaz de pensar e sentir a obra, não só em sua superficialidade, mas com sensibilidade estética para reconhecer a tensão existente entre universal, particular e singular – a própria verdade histórica imanente à arte. A arte é capaz de em cada elemento, por mais mínimo que seja, expressar o todo social que a constitui e que ela transcende. A referência ao social existente não é algo que permite uma compreensão externa, pelo contrário, permite o aprofundamento da compreensão para dentro da obra e não fora (ADORNO, 2003, p. 66).

A partir desses apontamentos teóricos, é possível apresentar o material levantado na pesquisa empírica, para posteriormente se realizar as análises possíveis. Com relação à análise dos questionários, observaram-se os seguintes pontos:

No que diz respeito à origem dos cineastas: 45% (10) são de Goiânia, 32% (7) de outros municípios de Goiás e 23% (5) de outros Estados. Isso indica que no estado de Goiás a atividade profissional do cineasta é desenvolvida predominantemente por goianos.

Com relação ao lugar que o cinema ocupa na fonte de renda dos cineastas: constatou-se que nenhum sujeito indica o cinema como única fonte de renda. Aproximadamente 63,8% (14) possuem como atividade profissional remunerada e de sustento o cinema e outros trabalhos complementares, 27,2% (6) possuem renda apenas advindo de outros trabalhos, 4,5% (1) reúne outros trabalhos e pessoas que ajudam e 4,5% (1) sobrevive de outros trabalhos, de pessoas que ajudam e do cinema. Esses dados demonstram que 100% dos cineastas pesquisados não vivem apenas com os recursos do cinema, revelando que essa atividade profissional em Goiânia ainda encontra-se em processo de reconhecimento e consolidação enquanto atividade produtiva remunerada.

No que se refere à atividade de trabalho remunerada, 36,3% (8) atuam com publicidade e propaganda, 9% (2) com jornalismo, 9% (2) com teatro, artes circenses e música, 18,1% (4) são professores de universidades publicas e privadas, 14% (3) trabalham com fotografia, 4,6% (1) são servidores públicos e 9% (2) atuam como arquitetos e médicos. Constatou-se que existem 77,2% (17) profissionais que atuam diretamente na área de comunicação e artes. Mesmo os que não têm atuação diretamente vinculada à comunicação

estabelecem no seu fazer profissional um vínculo com a produção cinematográfica, com exceção de um sujeito que atua unicamente em sua área de formação acadêmica.

No que se refere à formação dos cineastas constatou-se que 27,2% (6) possuem superior completo. esse grupo 14% (3) são da área de comunicação (radio e tv, jornalismo e publicidade e propaganda); 4,4% (1) de tecnologia de informação; 4,4% (1) de arquitetura e 4,4% (1) de educação física. No mais, 22,8% (5) possuem superior incompleto, 18,2% (4) mestrado completo, sendo que 9% (2) em comunicação, 4,6% (1) em ciência ambiental e 4,6% (1) filosofia; 18,2% (4) possuem especialização completa, sendo 9% (2) na área de comunicação, 4,6% (1) em docência universitária e 4,6% (1) em saúde mental. Por fim, 13,6% (3) dos sujeitos possuem ensino médio completo. Esses dados apontam que não é relevante ter formação, seja graduação, especialização ou mestrado, na área de comunicação, pois 68,1% sujeitos são de áreas diversas.

No que se refere à formação relacionada a cursos específicos, observou-se que 55% (12) dos sujeitos possuem cursos específicos nas áreas de cinema, tais como roteiro, produção, direção de fotografia, direção, iluminação, fotografia, documentário, perspectiva do cinema brasileiro, restauração de filmes, cinema em super oito, estética, história e perspectiva do cinema, direção de arte, montagem, animação, elaboração de projetos, produção executiva, formação cineclube e animação. 45% (10) dos cineastas não possuem nenhum curso especifico na área de cinema e ainda, predominantemente, não possuem formação seja graduação, especialização e mestrado, na área de comunicação. Isso reforça que para os sujeitos produzirem filmes a formação regular e/ou complementar não é significativa.

Dos cineastas participantes, 86,3% (19) já tiveram filmes premiados em festivais ao menos uma vez, e os demais, mesmo não sendo premiados participaram de festivais. O que demonstra circulação pública do material produzido.

Quando perguntados o que era fundamental para se produzir filmes, 73% (16) dos sujeitos concordaram total ou parcialmente com a importância de fazer cursos na área de cinema com profissionais especializados; 9% (2) não tem opinião formada sobre essa necessidade e 18% (4) discordaram totalmente ou parcialmente sobre a necessidade desses cursos.

Sobre a afirmativa de que para se fazer cinema tem que ter nascido para tal atividade, 63,8% (14) dos sujeitos discordaram totalmente ou parcialmente; 23% (5) concordaram total

ou parcialmente e 14% (3) sujeitos não tem opinião formada a esse respeito. Sobre a relevância de se ter alguém na família que trabalha ou já trabalhou com cinema para fazer cinema 68,1% (15) discordaram totalmente ou parcialmente; 27,2% (6) concordaram parcialmente ou parcialmente e 4,5% (1) não tem opinião formada.

A respeito da afirmação de que para se fazer cinema é necessário ter curso na área, 50% (11) dos sujeitos concordaram totalmente ou parcialmente, 41% (9) discordam total ou parcialmente e 9% (2) não tem opinião formada.

Com relação à importância de ter participado e/ou observado a realização de um filme para se produzir cinema, 81.8% (18) dos sujeitos concordaram totalmente ou parcialmente com essa necessidade, 13.6% (3) discordaram totalmente ou parcialmente e 4,6% (1) não tem opinião formada sobre essa questão.

A análise desses dados indica que os cineastas consideraram importantes ter participado de cursos específicos na área de cinema (não acadêmico) e ter participado/observado a realização de um filme e, a grande maioria, discordaram que ter nascido ou ter alguém na família são fatores importantes para se fazer cinema.

No que diz respeito a ser importante para se produzir cinema o fato de ter uma câmera na mão e uma boa ideia, 55% (12) dos sujeitos concordaram totalmente ou parcialmente e 45% (10) discordaram totalmente ou parcialmente. Essa questão, portanto, não apresenta predominância acentuada em nenhum dos polos.

Outra questão que também não teve predominância em nenhum dos polos, diz respeito à importância de ser reconhecido pelos pares e/ou outros cineastas, pois 45% (10) concordaram total/parcialmente sobre essa importância, enquanto 41% (9) discordaram total/parcialmente e 14% (3) não tem opinião formada. Já 100% dos sujeitos concordaram parcial ou totalmente que a competência, a qualificação e o senso de equipe é o que mais contribui para o processo de realização de um filme.

Com relação a importância da competição entre os profissionais de Goiás para o processo de realização de um filme, 82% (18) discordaram total/parcialmente; 9% (2) concorda total/parcialmente e 9% (2) não tem opinião formada, mostrando que a maioria dos cineastas não acreditam na competitividade como mola mestra para o aprimoramento do fazer cinema.

Dos cineastas participantes, 95,5% (21) concordaram total ou parcialmente que a contribuição do diretor é fundamental para fazer cinema e apenas 4,5% (1) não tem opinião formada sobre essa questão. 100% dos entrevistados concordaram total/parcialmente que o roteiro é fundamental para a realização de um filme.

Com relação à contribuição do lugar para se produzir filme, 41% (9) discordaram total ou parcialmente; 36,3% (8) concordaram total ou parcialmente; 13,7% (3) não tem opinião formada e 9% (2) não responderam.

No que se refere a importância da contribuição de financiamento por leis de incentivo à cultura para o processo de realização de um filme, 72,6% (16) concordaram total ou parcialmente; 13,7% (3) não tem opinião formada e 13,7% (3) discorda total/parcialmente. E sobre a contribuição dos patrocinadores, 59% (13) concordaram total/parcialmente; 27,3% (6) discordaram total/parcialmente e 13,7% (3) não tem opinião formada a respeito dessa contribuição. Esses dados apontaram que os consideram incentivos (leis, editais) mais importantes do que patrocínios.

Em relação à necessidade de se ter verba para a realização de um filme, 77,3% (17) dos sujeitos concordou total ou parcialmente; 18,2% (4) discordaram total/parcialmente e 4,5% (1) não tem opinião formada.

Sobre o que faz um filme ser considerado bom, ter premiação e ser selecionado em mostras em festivais, 63,8% (14) dos sujeitos concordaram total/parcialmente; 27,2% (6) discordam total/parcialmente e 9% (2) não tem opinião formada a esse respeito. Com relação ao reconhecimento dos pares para um filme ser considerado bom, 68,2% (15) concordam total/parcialmente; 27,3% (6) discordam total/parcialmente; 4,5% (1) não tem opinião formada. Ainda sobre o que faz um filme ser considerado bom, 55% (12) concordaram total ou parcialmente ser a quantidade de pessoas que assistem em contrapartida a 45% (10) que discordaram total ou parcialmente que isso seja um fator determinante.

Sobre o fato do diretor gostar do resultado para o filme ser bom, 54,5% (12) concordaram total ou parcialmente que isso é um elemento que faz com que o filme seja considerado bom, 41% (9) discordaram total ou parcialmente desse fato e 4,5% (1) não respondeu. 50% (11) dos sujeitos concordaram total ou parcialmente que a aprovação da critica é elemento que faz o filme ser considerado bom, 41% (9) dos sujeitos discordaram total ou parcialmente com a relevância da critica e 9% (2) não tem opinião formada a esse

respeito. Por fim, 91% (20) dos sujeitos concordaram total ou parcialmente que a aprovação do público é o que faz um filme ser considerado bom e 9% (2) discorda total ou parcialmente disso.

Conclusões

Pode-se concluir que filmes capazes de proporcionar a experiência teriam que estar baseados na narrativa, contando aquilo que não poderia ser contado somente por meio do relato - em semelhança à literatura. Deviam promover um monologo interior que permitisse a comunicação entre o interno e externo não como um sendo a exata continuidade do outro, mas sim com a tensão própria da relação entre ambos. Desse modo, seria impossível pensar em um filme que não provocasse um rompimento com a realidade, estranhamento e angústia no sujeito que ali vê a realidade desvelada nas camuflagens da indústria cultural.

Trata-se de um cinema que se assume como ilusão a fim de provocar reflexão, a imaginação e a fantasia do sujeito, na tentativa de romper com a resignação ao existente posto pelos filmes comerciais. Nesse sentido, ser capaz de provocar um pensamento desigual sobre a realidade. Acentua-se a necessidade de romper com a posição contemplativa que nos moldes comerciais se tornou um sarcasmo sangrento, retirando o sujeito da aparente tranquilidade frente ao que é visto (ADORNO, 2003), pois há que se horrorizar, sofrer e vislumbrar a felicidade sempre que nossos sentidos e razão forem apresentados a essas possibilidades. É imprescindível convocar a sensibilidade estética, pois:

> Nenhuma obra de arte moderna que valha alguma coisa deixa de encontrar prazer na dissonância e no abandono. Mas, na medida em que essas obras de arte encarnam sem compromisso justamente o horror, remetendo toda a felicidade da contemplação à pureza de tal expressão, elas servem à liberdade (...) (ADORNO, 2003, p. 63).

Seria essa a arte que revelaria a relação entre individuo e sociedade, em que o sujeito poderia se identificar com a linguagem e no auto esquecimento, reconciliar-se com o todo. Uma vez que na arte a linguagem do outro seria a do eu, em uma única voz comunicando o universal, sustentando as contradições dessa relação sem promover a anulação do sujeito, como faz a indústria cultural. “Sua profundidade mede-se pelo fato de poder ou não, pela reconciliação que suas leis formais trazem às contradições, destacar a real irreconciliação. Vibra a contradição em suas mais remotas mediações como nos mais extremo pianíssimo da música estrondam os horrores da realidade” (ADORNO, 2001, p.11).

A sustentação das contradições, do irreconciliável, é que mantem a constante evidência da relação entre individuo e sociedade. A evidente tensão dessa relação impede a naturalização da cultura e a diluição das contradições como problemas solucionáveis por meio de formulas e cálculos. Trata-se do reconhecimento do produto como representação do que poderíamos ser um dia, como denúncia do mero existente, pois ao apresentar imagens contrárias ao atual humano, a arte se mostra, mais que qualquer outra coisa, como fiel à possível imagem do humano (ADORNO, 1970).

Com relação as considerações finais sobre os dados empíricos, pode-se constatar que a maioria dos cineastas são de Goiânia, mas essa atividade profissional enquanto renda, ainda não é suficiente para que eles se sustentarem, precisando que eles desenvolvam profissionalmente outras atividades ou complementem a sua renda com ajuda de outros.

No que se refere à atividade de trabalho remunerada que acontece juntamente com o trabalho no cinema, constatou-se que a grande parte dos cineastas atuam na área de comunicação e artes. Mesmo os que não têm atuação diretamente vinculada à comunicação estabelecem no seu fazer profissional um vínculo com a produção cinematográfica, com exceção de um sujeito que atua unicamente em sua área de formação acadêmica.

Os cineastas produzem filmes mesmo que a grande maioria não tenha formação regular e/ou complementar vinculada ao cinema, embora eles considerem importante a participação em cursos específicos, não acadêmicos na área de cinema. Eles também ressaltam a importância de ter participado/observado a realização de um filme, indicando a crença de que a formação do cineasta se faz na observação da prática de outros profissionais e com cursos específicos na área. A grande maioria, discordara que ter nascido ou ter alguém na família são fatores importantes para se fazer cinema.

Observou-se a tendência dos cineastas a valorizarem a competência, a qualificação e o envolvimento da equipe, do roteiro, das leis de incentivo e a competividade entre os pares foi apontado como algo que dificulta a produção. A intensa participação em festivais demonstra o interesse dos cineastas em levar ao público o que se tem produzido no cenário goiano, o confirmou a importância que eles dão para a aceitação do público para que um filme seja considerado bom.

No todo, é importante ressaltar que tanto serão realizadas mais discussões sobre esses dados em vinculação com os estudos teóricos, como serão feitas as interfaces com as entrevistas.

Referências Bibliográficas

ADORNO, Theodor W. Notas sobre o filme. In: COHN, Gabriel (org.) *Theodor W. Adorno*; grandes cientistas sociais. São Paulo, Ed. Atica, 1986. p. 100 - 107.

ADORNO, Theodor W. *Teoria Estética*. Lisboa, Portugal, Edições 70, 1970.

ADORNO, Theodor, W. A arte é alegre? In: PUCCI, Bruno; ZUIN, Antônio A. S & RAMOS DE OLIVEIRA, Newton. (orgs.). *Teoria crítica, estética e educação*. Campinas, SP: Autores Associados; Piracicaba, SP: Editora Unimep, 2001. p. 11-18.

ADORNO, Theodor W. Posição do narrador no romance contemporâneo. In: *Notas de literatura I.* Tradução Jorge M. B. de Almeida. São Paulo, Duas Cidades, Editora 34, 2003. p. 55-63.

ADORNO, Theodor W. O artista como representante. In: *Notas de literatura I*. Tradução Jorge M. B. de Almeida. São Paulo, Duas cidades, Editora 34, 2003. p. 151-164.

ADORNO, Theodor W. O fetichismo da música e a regressão da audição. In: BENJAMIN, W., HORKHEIMER, M., ADORNO, T. W. e HABERMAS, J. *Textos escolhidos*. Trad. José Lino Grunnewald... [et. Al.]. 2ª ed. São Paulo, Abril Cultural, 1983. (Os Pensadores). p. 163-191.

CANIATO,

COSTA, Belarmino, C. G. Indústria cultural, mediação tecnológica e o potencial crítico da arte. In: PUCCI, Bruno; ZUIN, Antônio A. S & RAMOS DE OLIVEIRA, Newton. (orgs.). *Teoria crítica, estética e educação*. Campinas, Sp: Autores Associados; Piracicaba, SP: Editora Unimep, 2001. p. 147-159.

DUARTE, Rodrigo. Indústria Cultural hoje. In: VAZ, Alexandre Fernandes; ZUIN, Antonio & DURÃO, Fabio A. *A indústria cultural hoje*. São Paulo, Boitempo, 2008. p. 97 – 110.

FABIANO, Luiz H. Adorno, arte e educação: negócio da arte como negação. In: *EDUCAÇÃO & SOCIEDADE*: revista de Ciência da Educação. Centro de Estudos Educação e Sociedade – vol. 1, n, 1. São Paulo: Cortez: Campinas, CEDES, 1978. p. 495 – 505.

HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W. A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Trad. Guido A. de A. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. p. 113 – 156.

LOUREIRO, Robson. Adorno e o cinema: a conversa continua. In: LOUREIRO, Robson & ZUIN, Antônio Álvaro Soares. (orgs.). *A teoria crítica vai ao cinema*. Vitória, ES, EDUFES, 2009. p. 53-83.

LOUREIRO, Robson. Theodor Adorno e Alexander Kluge: confluências estéticas em torno do novo cinema alemão. In: PUCCI, Bruno; COSTA, Belarmino, C. G & DURÃO, Fabio, A. (orgs.). *Teoria crítica e crises: reflexões sobre cultura, estética e educação*. Campinas, SP: Autores Associados, 2012. p. 79-95.

MAIA, Ari, F. As aporias do conceito de autonomia: conquistas pontuais para a educação emancipatória. In: ZUIN, Antônio, A. S. ; LASTÓRIA, Luiz. A. C. N. (orgs.). *Teoria crítica e formação cultural: aspectos filosóficos e sociopolíticos*. Campinas, SP: Autores Associados, 2012. p. 73-88.

ABREVIATURAS NO LIVRO DE REGISTROS DE BATIZADOS DA PARÓQUIA NOSSA SENHORA MÃE DE DEUS (MAIO DE 1837 A SETEMBRO DE 1838): ESTUDO PRELIMINAR[1]

Maiune de Oliveira Silva (PIBIC-Af-UFG/CAC)
maiune20@gmail.com
Maria Helena de Paula (Orientadora-UFG/CAC-FAPEG)
mhpcat@gmail.com

Resumo: Pesquisas que envolvem documentos manuscritos, eclesiásticos ou não, vêm sendo desenvolvidas com o intuito de desvendar os fatos que aconteciam em nosso pretérito, haja vista que nesses documentos há uma variedade de assuntos que abordam temas ainda desconhecidos por pesquisadores e pela sociedade em geral. O nosso documento de estudo é uma relíquia porquanto aborda fatos da vida social de pessoas negras escravas, brancas, pardas e ainda de seus filhos que viviam na Villa do Catalão e em seus arredores nos idos oitocentistas. Tendo em vista que, naquele período, a Igreja possuía autoridade máxima quando o assunto era o registro de batizado de pessoas, no presente estudo, abordamos um dos diversos aspectos da sua escrita encontrados no códice intitulado "Livro de Batismo da Paróquia Nossa Senhora Mãe de Deus- Maio de 1837 a Setembro de 1838", as abreviaturas. Acreditamos que por serem recorrentes nos cinquenta e dois fólios que compõem o livro, o Vigário encomendado, Franc*isc*o X*avi*er Matozo, as utilizava para economizar seu tempo, mas principalmente tinta e suporte de escrita que, nesta época, eram materiais dispendiosos. Destarte, pautadas nos ensinamentos de Acioli (2003) e Flexor (1991), discutimos a tipologia de cada abreviatura recorrente no códice e, ainda, a sua respectiva significação, visto que são importantes quando o assunto é conhecer o passado da sociedade catalana no século XIX.

Palavras-chave: Códice eclesiástico. Abreviaturas. Manuscrito oitocentista. Registros de batizados.

Introdução

Objetivamos com este trabalho apresentar os resultados finais da pesquisa intitulada "Abreviaturas no Livro de registro da Paróquia Nossa Senhora Mãe de Deus (maio de 1837 a setembro de 1838): estudo preliminar", desenvolvida no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica- Ação Afirmativa (PIBIC-AF), sob a orientação da professora Doutora Maria Helena de Paula do Departamento de Letras da Universidade Federal de Goiás- *Campus* Catalão (UFG/CAC), também responsável pelo acervo digital do Laboratório de Estudos do Léxico, Filologia e Sociolinguística (LALEFIL), ambiente onde desenvolvemos a pesquisa. A pesquisa está vinculada ao Grupo de Estudos e Pesquisas em História do Português (GEPHOR) e inserida em um projeto maior intitulado: "Em Busca da

[1] Revisado pela orientadora Professora Doutora Maria Helena de Paula.

memória perdida: estudos sobre a escravidão em Goiás", ambos coordenados pela professora supra-referida.

O material de nosso estudo é um códice composto por cinquenta e dois fólios que relata o batizado de pessoas escravas, de seus filhos e ainda de pessoas não escravas, nascidas na Villa do Catalão e nas regiões adjacentes entre maio de 1837 e setembro de 1838. Nessa época, o vigário encomendado, Franc*isc*o X*avier*[2] Matozo, era o responsável por realizar o batismo dessas crianças e assinar os cinquenta e dois fólios em *recto* e *verso*, ora por extenso, ora em abreviaturas de palavras recorrentes em todos os registros.

Este estudo se faz relevante porque nos coloca em contato com aspectos linguísticos e culturais até então por nós desconhecidos. É possível encontrar autoridades e estudiosos defensores da ausência da prática escravocrata em Catalão, todavia o documento manuscrito a que tivemos acesso demonstra fatos contrários aos que estas pessoas defendem. O livro manuscrito evidencia, pelas particularidades dos registros de batizados, a existência de adultos e crianças que sofriam com o sistema servil da época.

Os estudos de Palacín e Morais (1994) defendem que a escravidão em nosso Estado contribuiu bastante com a urbanização da época e também com a amplitude rural, com os hábitos, com os costumes, com a religião e até mesmo com a linguagem utilizada pelas pessoas que aqui vivem, visto que a maioria dos assentos presentes no códice é de batizados de escravos ou de seus filhos.

É digno de menção que os escravos que aqui viveram trabalharam exaurindo suas forças nas lavouras e nos trabalhos domésticos, uma vez que, diferentemente da capitania de Goiás que expandia, mormente com a atividade mineradora, Catalão não foi uma cidade que cresceu baseada nessa cultura, como se pode notar nos documentos de batismos e nas suas inscrições laterais em que é destacada a profissão dos pais dos batizandos.

No *corpus* é notável a presença de várias lexias abreviadas. Em um primeiro contato, percebemos que as palavras abreviadas no códice eram recorrentes e frequentes, pois certamente, por se tratar de um códice eclesiástico e devido à autoridade da Igreja Católica no século XIX, os registros de batizados provavelmente seguiam um modelo de escrita.

Contudo, acreditamos que a grande quantidade de abreviaturas no livro se deve à enorme quantidade de registros que ficavam sob a responsabilidade do Vigário, que às vezes

[2] Destacamos que os grafemas escritos em itálico correspondem às palavras que figuram abreviadas nos manuscritos eclesiásticos e que serviram de *corpus* para o estudo que ora se apresenta. Vale lembrar que os manuscritos em questão foram editados seguindo os padrões de edição semidiplomática e desenvolvidas de acordo com as normas postuladas em Megale e Toledo Neto (2005). Explanamos sobre as referidas normas,em seus pormenores, na seção *Metodologia*.

precisava se deslocar até as residências das famílias para consumar o batismo. Deste modo, ao abreviar as palavras, ele economizava seu tempo, espaço no suporte de escrita e também tinta, que nessa época tinha os preços elevados.

Ao realizarmos o desdobramento dessas palavras através da edição semidiplomática em disposição justalinear, de acordo com os princípios publicados em Megale e Toledo Neto (2005), intentamos facilitar a leitura para quem não consegue identificar e ler as abreviaturas que são recorrentes no códice, visto que o seu escriba, de acordo com a tradição filológica, possui as mãos inábeis, dificultando a compreensão do texto.

Outro passo importante de nossa pesquisa é a classificação tipológica das abreviaturas, para o que foi imprescindível a leitura de Flexor (1991) e Aciolli (2003), que juntamente com Megale e Toledo Neto (2005), nos deram os subsídios necessários para o desdobramento das abreviaturas.

Cabe aqui ressaltar a relevância de cada obra para a exaustividade de nosso trabalho. Iniciamos nossa revisão bibliográfica com a leitura das normas publicadas em Megale e Toledo Neto (2005), pois elas são imprescindíveis para a edição austera de documentos manuscritos. A *posteriori*, fizemos a leitura de Acioli (2003) e Flexor (1991) que nos ajudaram a compreender sobre a escrita da época colonial e sobre os tipos de abreviaturas que encontramos no Livro de Batizado. Embora, em nossos manuscritos, a escrita esteja situada no período imperial essas leituras se fizeram importante porque os *corpora* apresentados e discutidos pelas autoras, em relação às abreviaturas, são semelhantes ao que estudamos. Ademais, encontramos nessas obras as relações parciais das tipologias das abreviaturas. As que não foram encontradas em Acioli (2003) se fizeram presentes na dissertação de Costa (2007), outro estudo igualmente importante como fundamento teórico para nossa pesquisa.

Acreditamos que a execução da presente pesquisa se fez pertinente pelo fato de nos encetar na aprendizagem da iniciação científica, nos possibilitando ter acesso a vários estudos sobre documentos manuscritos brasileiros e, através deles, conhecer parte da tradição escrita da primeira metade do século XIX, em Goiás. A pesquisa ainda nos permitiu entrar em contato com documentos que revelam parte da história e da vida social da região em que estamos inseridos, nos conduzindo a um universo histórico e linguístico de riqueza ímpar, a partir do qual outros estudos poderão ser feitos.

Metodologia

Para que os nossos objetivos pudessem ser alcançados em tempo hábil, percorremos as seguintes etapas propostas, a saber: primeiramente, realizamos a leitura teórica das obras que nos foram indicadas como Acioli (2003) e Flexor (1991), Megale e Toledo Neto (2005), justificadas por abordarem sobre a escrita do Brasil colônia. Ainda que o material de nosso estudo fosse de época posterior, estas obras foram salutares para nos introduzir na problemática da leitura de documentos brasileiros, já que como se evidencia em muitos estudos de natureza filológica, como o de Fachin (2010), a prática de escrita em português parece ter encontrado uma tentativa de padronização apenas com o acordo ortográfico de 1911, de Gonçalves Viana.

Em seguida, realizamos a leitura do "Livro de Batizados da Paróquia Nossa Senhora Mãe de Deus (maio de 1837 a setembro de 1838)" para entendermos o contexto em que essas abreviaturas foram empregadas. Posteriormente, fizemos a edição semidiplomática, em disposição justalinear, dos cinquenta e dois fólios, exarados em *recto* e *verso*, e obedecendo com austeridade às "normas para transcrição de documentos manuscritos para a história do português do Brasil" (MEGALE; TOLEDO NETO, 2005).

Merece menção, que mesmo não estando em nosso plano de trabalho, a edição semidiplomática em disposição justalinear dos fólios se fez necessária porque, deste modo, foi possível adentrar de modo mais acurado na história daquele povo que teve sua história registrada nos fólios paroquiais em tela. Ademais, sem a edição seria mais difícil desenvolver e encontrar a tipologia das abreviaturas que se fizeram recorrentes.

A escolha pela edição semidiplomáticas em disposição justalinear se deu pelo fato de o documento em questão ter um número considerável de palavras abreviadas. Esse tipo de edição, além de permitir o desenvolvimento das abreviaturas pelo editor, permite também que o editor faça intervenções quando necessário, tais que, marcação em itálico das letras desenvolvidas, intervenção nos erros que o escriba possa ter cometido ao manuscrever os documentos, aludindo esses erros em notas de rodapé com a respectiva correção, além de facilitar o cotejo da edição com os *fac-símiles* (MEGALE; TOLEDO NETO, 2005).

Durante a realização da pesquisa nos deparamos com algumas dificuldades, como encontrar abreviaturas cujo significado desconhecíamos e a tipologia de abreviaturas não mencionadas por Acioli (2003). Para sanar essas dificuldades, recorremos a outros autores como Costa (2007) e Fachin (2010), que muito nos esclareceram sobre a identificação tipológica das abreviaturas que não constaram em Acioli (2003) e Flexor (1991).

Em sequência, iniciamos a elaboração de um quadro[3] com a ocorrência e a frequência das palavras abreviadas de acordo com a análise tipológica de cada abreviatura, a fim de sabermos quais os tipos de abreviaturas são mais recorrentes. Consideramos necessário explicar os motivos que levaram o vigário a abreviar as palavras de ocorrência repetidas em todo códice, fator que consideramos essencial para a investigação de futuros pesquisadores que se interessem pelo tema.

Realizamos a quantificação das abreviaturas sem o apoio de programas específicos por desconhecermos a existência de programas, na Linguística Computacional ou na Filologia, que contemplassem as especificidades do *corpus* e do estudo com abreviaturas.

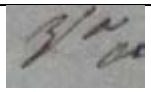
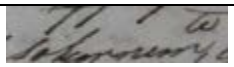
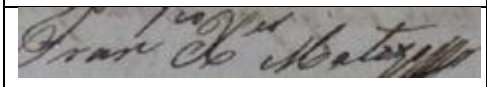
Resultados

Nessa seção, apresentamos os resultados obtidos durante a execução da presente pesquisa. Como mencionado anteriormente, fizemos o uso da edição semidiplomática em disposição justalinear seguindo as normas postuladas em Megale e Toledo Neto (2005) para nos auxiliar no desenvolvimento e no desdobramento das abreviaturas. Desta feita, caracterizamos cada tipo encontrado e elaboramos um quadro com ilustrações para as abreviaturas encontradas, a saber: abreviaturas por contração ou síncope, suspensão ou apócope, composta e acrônimos, simples, numérica e mista, como se vê.

***Abreviatura por contração ou síncope*:** Esse tipo de abreviatura, no códice, é a mais frequente. Foram encontradas 3.373 (três mil trezentos e setenta e três) lexias abreviadas e que carregam consigo os traços característicos desse tipo de abreviatura. A abreviatura por síncope se caracteriza pela supressão de grafemas no interior do vocábulo. Geralmente, ela vem acompanhada por palavras sobrescritas, ou ainda para sanar as dificuldades de interpretação é comum manter algumas lexias intermediárias que são denominadas *características*. Esse sistema abreviativo é originário das notas Tironianas[4] porquanto é constituído por radical e terminação. Vejamos o quadro seguinte:

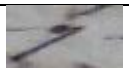
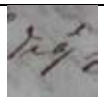
[3] Em função do limite de páginas destinadas a este relatório não apresentamos todas as abreviaturas no quadro elaborado; o quadro serviu-nos como método de estudo de que elaboramos os quadros específicos com as tipologias de abreviaturas e o gráfico, como será exposto adiante no relatório ora apresentado.

[4] A origem das notas tironianas (*notae tironae*) cuja criação é atribuída a Marco Túlio Tiro, liberto de Cícero, um célebre orador romano, é contestada por alguns estudiosos que defendem serem estas criadas pelos Hebreus e ainda pelos Gregos. Fica, então, atribuída a Ênio a criação das primeiras noções rudimentares dessas notas, e a Túlio Tiron (donde a designação *Tironianas*) coube à coleção, a ampliação e a propagação das mesmas (SPINA, 1977).

	V*illa*
	Solemnem*en*te
	L*avra*dor
	Franc*isc*o X*avi*er Matozo

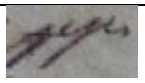
Quadro 1 - Abreviaturas por contração ou síncope no *Livro de Registro da Paróquia Nossa Senhora Mãe de Deus (1837-1838).*

***Abreviatura por suspensão ou apócope*:** Essa tipologia consiste na supressão dos vocábulos finais de um grafema, fazendo com que haja o desaparecimento de quase toda a palavra. Foram encontradas nas cinquenta e duas folhas que compõe o códice 242 (duzentas e quarenta e duas) abreviaturas desse tipo. Este sistema abreviativo é originário das siglas, por isso essa tipologia não possui terminação.

	Q*ue*
	Emq*ue*
	Deq*ue*

Quadro 2 - Abreviaturas por suspensão ou apócope no *Livro de Registro da Paróquia Nossa Senhora Mãe de Deus (1837-1838).*

***Abreviaturas Compostas e Acrônimos*:** Por sua vez, esse tipo de abreviatura é formado pelas letras iniciais do vocábulo. Em geral, é constituída pelas letras que possuem primazia nas palavras. É meritório de destaque que a abreviatura composta se diferencia do acrônimo porque esta possui a pronúncia silabada enquanto aquela é pronunciada letra por letra. Em nosso *corpus,* houve 358 (trezentos e cinquenta e oito) abreviaturas desse tipo.

	P*roximopassado*
	B*ranco Livre*
	P*ardo Livre*
	N*egro Batizado*

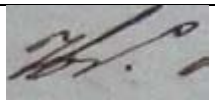
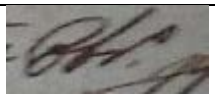
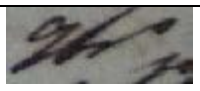
Quadro3-Abreviaturas compostas e acrônimos no *Livro de Registro da Paróquia Nossa Senhora Mãe de Deus (1837-1838).*

Abreviatura Mista: Como o próprio nome sugere, essa abreviatura é a mistura de duas outras tipologias já citadas, a abreviatura por suspensão ou apócope e a por contração ou síncope. Em uma lexia composta há a presença de ambas as modalidades, que não são abreviadas aleatoriamente. Faz necessário tomar cuidado ao abreviar tais lexias, pois não é qualquer sílaba que pode ser abreviada. É digno de nota que esse tipo foi a menos recorrente, pois identificamos apenas 03 (três) ocorrências em todo o códice, sendo a lexia S*ão* Dom*ing*os repetida duas vezes.

	N*ossa* S*enho*ra
	S*ão* Dom*ing*os

Quadro 4 - Abreviaturas mistas no *Livro de Registro da Paróquia Nossa Senhora Mãe de Deus (1837-1838).*

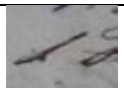
***Abreviaturas Numéricas*:** São constituídas por números que possuem as letras *o* e/ou *a* minúsculas sobrescritas indicando ordem, ou ainda a terminação *br*, acompanhada dessas vogais supracitadas referindo-se aos doze meses do ano. No códice, identificamos 87 (oitenta e sete) abreviaturas, as quais foram referentes aos meses do ano em que os batizandos nasceram e/ou foram batizados.

	Sete*m*bro
	Ou*tu*bro
	Nove*m*bro

Quadro 5 - Abreviaturas numéricas no *Livro de Registro da Paróquia Nossa Senhora Mãe de Deus (1837-1838).*

***Abreviatura simples*:** Esse tipo de abreviatura é representado por uma letra maiúscula, geralmente a consoante que inicia a palavra, seguida de ponto. Foram encontradas 99 (noventa e nove) abreviaturas com esses traços. Merece menção que essa abreviatura é uma subdivisão da abreviatura por sigla e, de acordo com Spina (1977, p. 45), esse foi "o

processo mais antigo de abreviação por suspensão ou apócope, e seu uso se manteve durante toda a idade Média".

	*Dona*
	*Souza*
	*São*

Quadro 6 - Abreviaturas simples no *Livro de Registro da Paróquia Nossa Senhora Mãe de Deus (1837-1838).*

Não encontramos abreviaturas por siglas reduplicadas, que é subsequente as abreviaturas por sigla, e em que há a reprodução de grafemas para indicar plural das palavras.

Preconizamos ainda a ausência das notas tironianas ou taquigráficas que, de acordo com Spina (1977), foi um sistema de abreviaturas difícil de ser compreendido. Essa tipologia foi utilizada pelos romanos quando os mesmos tinham que copiar livros inteiros ou ainda transcrever os discursos que eram proferidos ao vivo em comícios, tribunais ou até mesmo no senado romano. Por terem como objetivo principal agilizar e economizar a escrita dos escribas, o sistema estenográfico foi considerado a forma mais antiga de taquigrafia europeia.

É preciso aqui, esclarecer a diferença entre abreviatura e abreviação: a abreviatura é o resultado do processo da abreviação e caracteriza-se pela fragmentação de palavras impedindo-as de serem pronunciadas pelos falantes, por isso esse processo é utilizado exclusivamente na escrita. Merece menção que as abreviaturas não obtêm flexões de gênero e número, são exemplos disso os grafemas Prof., Ltda, V. Exma, que significam respectivamente, professor, Limitada e Vossa Excelência e recebem uma marcação, geralmente diacrítico, que aponta o que foi suprimido. O processo de redução, por sua vez, consiste em reduzir uma palavra, de modo que não haja prejuízo no seu entendimento e que possa ser pronunciada pelos falantes. São exemplos de redução foto, moto, cine, japa que significam respectivamente, fotografia, motocicleta, cinema, japonês (ROCHA, 2008).

Ainda no que concerne à tipologia das abreviaturas, vale ressaltar que quanto à natureza do sinal abreviativo, as abreviaturas encontradas no códice são referentes ao sinal geral, pois a maioria das abreviaturas vem acompanhada de uma linha sobreposta à letra que indica supressão de grafemas. Observamos, ainda, que a maioria das abreviaturas encontradas

no códice apresentava a escrita sobreposta, por isso acreditamos que o motivo desse tipo de escrita foi economia do material e do suporte de escrita, supostamente de preços elevados para a época.

No tocante ao quantitativo das abreviaturas, vale dizer que identificamos um total de 4.162 abreviaturas, subdivididas conforme explicitado e exemplificado acima. Para melhor visualização dos dados, demonstramos, através do gráfico 1, as abreviaturas encontradas e seus tipos.

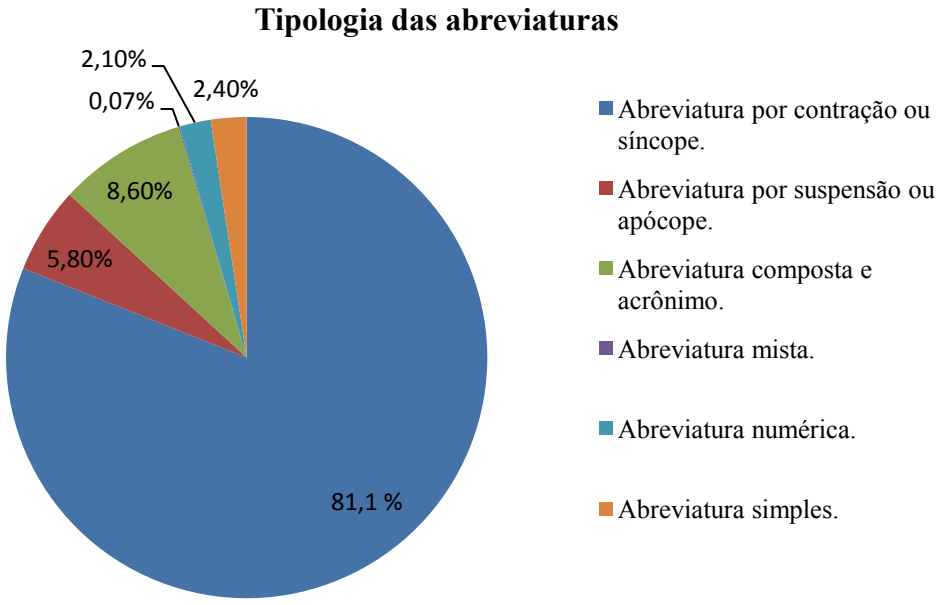


Gráfico 1– Gráfico referente às porcentagens das tipologias das abreviaturas.

Discussão

A história da cidade de Catalão, especialmente sobre a fundação do arraial, é perpassada pela criação da Paróquia Nossa Senhora Mãe de Deus nos pretéritos anos oitocentos. Estas considerações têm o fim de relacionar a presença da Igreja católica na região que, de modo tão salutar, interferiu decisivamente na criação do povoado que deu origem à cidade, justificando tais esclarecimentos o fato de nosso *corpus* de estudo ser relevante e necessário registro da paróquia na região.

A história sobre o surgimento da cidade de Catalão é atribuída a Bartolomeu Bueno Filho, que organizou as bandeiras para a exploração do Ouro na região de Goiás no ano de 1722. Passando pela Fazenda dos Casados, local em que foi afixada uma cruz feita de aroeira, uma estalagem foi elaborada pelos homens que ali ficaram e aquele local serviria, depois, de

ponto de referência para as expedições posteriores. Havia, ainda, dentre aqueles integrantes, um espanhol vindo da Catalunha, cujo gentílico lhe serviu de alcunha e o nome Catalão foi dado à fazenda em que eles estavam, depois ao arraial, à Vila e posteriormente foi designado à Cidade, que o conserva até atualmente (GOMEZ; CHAUL; BARBOSA,1994).

Ainda de acordo com os autores, a transição da fazenda para o Arraial ocorreu da seguinte maneira "Numa área de 3.300 metros de comprimento por 2.000 metros de largura, doada por Antônio Manuel a Nossa Senhora Mãe de Deus, formou-se o arraial de Catalão." (GOMEZ; CHAUL; BARBOSA, 1994, p. 20).

Os autores defendem que através deste ato de solidariedade do morador é possível notar sua devoção, pois doa parte da propriedade para a construção de uma igreja. É notória também a perspicácia desse morador em atrair vizinhos, valorizar suas terras e ainda o ensejo de ser reconhecido como fundador daquele arraial.

De fato o que ele ensejava aconteceu, com a edificação da igreja ou capela começaram as festividades religiosas e o povo, muito religioso, mas também movido pela necessidade de convivência, começou a frequentar as festas destinadas aos santos. Surgem, então, nos arredores os primeiros comércios que dão início ao povoado que, depois de algum tempo, transforma-se em arraial e, posteriormente, em uma cidade. É digno de nota esclarecer que Catalão não é a única cidade a se constituir desta forma, pois esse processo marcou a origem da maioria das cidades goianas no século XIX.

Os autores ainda destacam sobre o segundo povoamento de Goiás, segundo eles, marcado pela mineração. A sociedade que se formou nessa época foi essencialmente urbana, porque onde havia minérios surgiam os povoados; o campo, nessa época, nada mais era que uma dispersão de terras. Contudo, com a escassez do ouro a população se torna rural e com esse processo de ruralização ocorre o desaparecimento de algumas cidades goianas como São Félix, Cachoeira, Águas Quentes etc. Anos mais tarde as cidades voltam a ser povoadas, a princípio para exercer as funções religiosas e as funções administrativas consideradas rudimentares.

Ainda nos rastros desses autores, em 1810 datou-se a doação das terras à capela e no ano de 1820 acredita-se ter formado a nata primitiva encabeçada pela igreja, seguida pelas vendas e pelos moradores, o que permite falar na criação de um arraial. Em 1832, essa capela já tinha a condição de capela curada, isto é, essa capela tinha um representante permanente - o sacerdote.

Em 1834, a vila foi instalada emancipando aquele município de Santa Cruz; por conseguinte, em 1835 a capela tornou-se paróquia e obteve, através de um concurso, o

Vigário permanente. No entanto, receber o *status* de Vila não significava emancipação total de Santa Cruz, pois esta ainda continuava sendo o distrito eleitoral do sul e a sede da comarca, mas a Vila do Catalão estava em desenvolvimento, enquanto Santa Cruz estava se definhando. Na década de 1850 o governador investiu na Villa do Catalão, criando a comarca do Rio Paranaíba da qual a Villa do Catalão era sede e a que Santa Cruz passou a ser dependente judicialmente. Cumpre dizer que em 1859, a Villa do Catalão foi consagrada na hierarquia honorífica e ganhou o s*tatus* de Cidade (GOMEZ; CHAUL; BARBOSA, 1994).

Diante do exposto, faz-se necessário ressaltar que a economia em Catalão era essencialmente baseada na agropecuária, como se percebe nos documentos que estudamos e também nos escritos de Palacín e Morais (1994), os quais asseveram que os escravos que aqui viviam não exauriam suas forças nas minas de ouro, mas nas fazendas. Os escravos executavam os serviços braçais e as escravas ficavam responsáveis pelos serviços do lar.

Sob as perspectivas previamente citadas, vale aqui ponderar a respeito da importância dos registros encontrados nos documentos eclesiásticos, haja vista que esses documentos guardam importantes testemunhos linguísticos e históricos das pessoas que viveram naquela época e que sem esses registros seria difícil, para não dizer impossível, encontrar dados precisos sobre essa história, visto que é improvável a existência de pessoas que viveram naquela época e que possam ter registrado por escrito ou por gravações de áudio os fatos que foram vividos por aquela sociedade.

Faz-se mister lembrar que, em algumas passagens do códice, a linguagem empregada nos faz refletir sobre a condição desumana em que o escravo vivia: o registro do vigário encomendado ressalta a condição de escravo, citando ainda a origem do pai e/ou da mãe, para quem trabalham e em que eles trabalham. Ressaltamos, ainda, que alguns escravos eram levados pelos donos para serem batizados, o que reforça a imposição da religião católica aos cativos que aqui habitavam. Tal fato pode ser confirmado abaixo, no segundo registro do fólio 1 recto, editado semidiplomaticamente e disposto justificadamente, com as linhas separadas por barras.

> ||1r|| < Luis> Aos trinta de Maio de mil oito centos etrinta esete nesta | <Escra=> | Freguezia da S*enho*ra[5] Madre de Deos da Villa do Catalaõ, em a | <vo> | Fazenda denominada macacos, onde eu abaixo assignado me | <cr*iol*o[6]> achava, compareceo ahi Manoel da Silva, e Santos, com seo | escravo nascido a onze do corr*en*te[7], pelas onze horas da noite, e | filho

[5] O grafema <a> aparece sobrescrito.
[6] O grafema <o> aparece sobrescrito.
[7] Os grafemas <t> e <e> aparecem sobrescritos.

> legetimo de seos escravos, Joaq*ui*m[8] criolo, e Maria cabra | e no mesmo dia supra, baptizei Solemneme*n*te[9], epus os Santos | olios, eforaõ Padrinhos Joze Luis da Silva, e Antonia da | Silva Roza, ep*ar*a[10] constar fis este Termo em q*ue*[11] me assigno | [espaço] OVig*ar*i*o*[12] Encomend*ad*o[13] | [espaço] Franc*is*co[14] X*av*ier[15] Matozo[16] [Franc*is*co[17] X*av*ier[18] Matozo[19]]

Cabe ressaltar que naquela época era comum mais de um escrevente compor o códice, no entanto, não conseguimos aventar os indícios que nos levem, por ora, a conclusões sobre esta questão. Outro fato importante é sobre a maneira de grafar as abreviaturas, pois não se sabe ao certo de que maneira os escribas aprenderam a compor esse processo abreviativo. É possível pensar que esse processo preliminar foi aleatório, melhor dizendo, cada qual baseado em seu conhecimento de leitura e escrita teria criado métodos próprios para abreviar as palavras, visto que na época não existia acordo ortográfico.

No que tange aos aspectos codicológicos, vale citar que o nosso códice encontra-se bem conservado, certamente por ser um livro eclesiástico e sabe-se que a igreja tem uma política de conservação e guarda que permite uma sobrevida destacada a seus códices e livros de tombo se comparada a outros lugares de guarda da vasta matéria documental brasileira. Por ter um bom aspecto, acreditamos que encadernação é recente e que a mesma foi feita por alguma gráfica.

A guisa de conclusão e reconhecendo o caráter preliminar deste estudo, cabe dizer que as abreviaturas, recorrentes em todo o *corpus*, fazem lembrar que esse recurso era comum nos livros manuscritos e que esse processo continua sendo utilizado atualmente pelos jovens que navegam pelo ciberespaço. Em busca de economia de tempo, os escribas começam a utilizar esse processo abreviativo, o que nos encoraja dizer que o escriba desse códice, nos idos oitocentistas, conhecia o sistema abreviativo da época e a importância de usá-lo de modo adequado, porque as abreviaturas utilizadas por ele dentro do contexto eclesiástico permitiram que adentrássemos na história daquela sociedade que sofreu com o sistema da escravidão em Goiás, especificadamente, em Catalão.

---

[8] O grafema <m> aparece sobrescrito.
[9] Os grafemas <t> e <e> aparecem sobrescritos.
[10] O grafema <a> aparece sobrescrito.
[11] Sobre o grafema <q> aparece o sinal de nasalização (~), indicando que houve supressão de grafemas.
[12] O grafema <o> aparece sobrescrito.
[13] O grafema <o> aparece sobrescrito.
[14] Os grafemas <c> e <o> aparecem sobrescritos.
[15] Os grafemas <e> e <r> aparecem sobrescritos.
[16] Sinal raso.
[17] Os grafemas <c> e <o> aparecem sobrescritos.
[18] Os grafemas <e> e <r> aparecem sobrescritos.
[19] Sinal público.

Palavras finais

Embora seja o estudo das abreviaturas o tema abordado na presente pesquisa, esse estudo, como o próprio título sugere, é ainda preliminar, haja vista que ele nos encetou na iniciação científica. Salientamos que esse projeto merece ser continuado, pois o códice é muito rico em detalhes, principalmente no tocante à sociedade daquela época. O ensejo de estudar a escravidão da cidade catalana e das regiões circunvizinhas através desses códices é intenso, de modo a iniciarmos, para o período 2013-2014, um estudo em outro códice eclesiástico, desta vez com trabalho intitulado "Variações Morfofonológicas no Livro de Registros de Batizados da Paróquia Nossa Senhora Mãe de Deus (Dezembro de 1839 a Março de 1842)".

Com o fim de dar prosseguimento neste aprendizado preliminar que relatamos no estudo em tela, conhecer sobre as abreviaturas será imprescindível para compreender sobre os processos morfofonológicos do códice que estudaremos. Esse estudo dará continuidade ao que ora apresentamos, pois o processo de abreviação é também um processo característico da morfofonologia. Ademais, pensar na escrita eclesiástica a partir de um dos gêneros existentes (nesse caso o códice de batismo) possibilitará desvendar sobre a formação dessas palavras e ainda o que motivou o escriba a escrever dessa maneira. Portanto, por estas razões, reiteramos que o nosso estudo foi preliminar porquanto outros pesquisadores poderão estudar o mesmo códice, sob outra perspectiva, que não sejam as abreviaturas e porque dele nos valeremos para estudos futuros.

Referências[20]

ACIOLI, Vera Lúcia. **A escrita no Brasil Colônia**: um guia para leitura de manuscritos. 2. ed. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Massanga, 2003.

COSTA, Renata Ferreira. **Edição semidiplomática de *memória histórica da Capitania de São Paulo*, Códice E11571 do arquivo do Estado de São Paulo**. 2007. 558 f. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa). Universidade Estadual de São Paulo, São Paulo, 2007.

FACHIN, Phablo Roberto Marchis. A importância do trabalho filológico para os estudos ortográficos da língua portuguesa. In: PAULA, Maria Helena de; FACHIN, Phablo Roberto Marchis (Org.). **Percorrendo trilhas filológicas**: estudos para a história da Língua

[20] Referências alinhadas à esquerda, conforme as normas da ABNT.

Portuguesa - Em homenagem a Heitor Megale. Goiânia: FUNAPE/DEPECAC, 2010, v. 1, p. 45-56.

FLEXOR, Maria Helena Ochi. **Abreviaturas:** manuscritos dos séculos XVI ao XIX. 2. ed. aum. São Paulo: EDUNESP/Arquivo do Estado, 1991.

MEGALE, Heitor; TOLEDO NETO, Sílvio de Almeida. **Por minha letra e sinal:** documentos do ouro do século XVIII (Coleção Diacrhonica). Cotia-SP: Ateliê, 2005.

PALACÍN, Luís Gomez; CHAUL, Nasr Fayad; BARBOSA, Juarez Costa. **História política de Catalão.** Goiânia: Editora da UFG, 1994.

_____; MORAES, Maria Augusta Santana. **História de Goiás (1722-1972***)*. 6. ed. Goiânia: Ed. UCG, 1994.

PARÓQUIA NOSSA SENHORA MÃE DE DEUS, com rubrica do Presidente da Câmara Paroquial Francisco Doming*ue*s Si*lvei*ra de Souza. **Livro de Assentos de Registros de Baptizados da Paróquia Nossa Senhora Mãe de Deus.** 52 fólios. Villa do Catalão, 1º de Setembro de 1837.

ROCHA, Luiz Carlos de Assis. **Estruturas Morfológicas do Português.** 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2008.

SPINA, Segismundo. **Introdução à edótica**: crítica textual. São Paulo: Cultrix/Ed. da Universidade de São Paulo, 1977.

ESTUDO LEXICAL DO LIVRO DE REGISTROS DE BATIZADOS DA PARÓQUIA NOSSA SENHORA MÃE DE DEUS (MAIO DE 1837 A SETEMBRO DE 1838)[1]

Mayara Aparecida Ribeiro de Almeida (UFG/CAC- CNPq)
may_aparecida20@hotmail.com
Maria Helena de Paula (UFG/CAC- FAPEG)
mhpcat@gmail.com

Resumo: Neste trabalho, são apresentados os resultados alcançados como desenvolvimento de nossa pesquisa "Um estudo lexical do Livro de Registro de Batizados da Paróquia Nossa Senhora Mãe de Deus (maio de 1837 a setembro de 1838) que se encontra vinculada ao projeto "Em busca da memória perdida: estudos sobre a escravidão em Goiás", coordenado pela Profª. Drª. Maria Helena de Paula, com fomento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (FAPEG). Tendo conhecimento que a história de Catalão encontra-se calcada ao sistema econômico de escravidão, fato desconhecido por grande parcela da população desse município, o nosso objetivo ao propor tal estudo consistiu em, mediante o estudo lexical das unidades lexicais referentes a origem étnica, condição social, profissão (ou ocupação) da época e toponímia, estabelecer relação entre o acervo lexical inventariado e a história e cultura desse do período em questão. Para tanto, realizamos a leitura e edição do livro supracitado, seguindo as normas para edição presentes em Megale e Toledo Neto (2005), inventariamos as lexias e consultamos seus significados nas obras lexicográficas de Silva (1813), Moura (2004), Aurélio (2004) e Houaiss (2009). Por fim, elaboramos análise relacionando os signos inventariados com o contexto histórico-cultural registrado pelo Livro, observando sempre a relação de interdependência entre língua, história e cultura.

Palavras-chave: Léxico. Lexicologia. Filologia. Livro de batizados. Escravidão.

Palavras iniciais

O presente estudo tem como objetivo apresentar os resultados alcançados em nossa pesquisa de iniciação científica intitulada "Estudo lexical do Livro de Registros de Batizados da Paróquia Nossa Senhora Mãe de Deus (maio de 1837 a setembro de 1838)", desenvolvida no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica (PIBIC) e financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Vinculada ao projeto "Em busca da memória perdida: estudos sobre a escravidão em Goiás", coordenado pela Professora Doutora Maria Helena de Paula e fomentado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (FAPEG), este trabalho deu-se tendo como foco principal contribuir com os estudos que intentam resgatar o passado histórico desse Estado, de modo específico, aquele que se refere ao quadro escravocrata do município

[1] Revisado pela orientadora Professora Doutora Maria Helena de Paula.

de Catalão e cidades circunvizinhas, permitindo-nos assim, conhecer aspectos linguísticos, históricos e culturais que figuraram nesse cenário.

Assim sendo, vale mencionar que o método escolhido por nós para desempenhar tal função deu-se pela ótica linguística, na qual nos enveredamos, dentre todas as suas possibilidades de estudo, pelo viés lexical, apoiando-nos, no que diz Biderman (2001, p. 179), para quem o "sistema léxico é a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades". É possível então, por meio da análise da unidade lexical de um determinado grupo linguístico, identificar questões externas ao campo da língua, mas dele constitutivas, tais como seus modos de viver, práticas culturais, crenças, ideologias e até mesmo o contexto histórico-social vigente.

No entanto, não basta apenas a escolha de uma ciência que dê subsídios para que tal labor possa ser concretizado, é igualmente necessário um *corpus* que possa ser analisado por esse método. Diante disso, selecionamos como material de estudo, o Livro de Registro de Batizados da Paróquia Nossa Senhora Mãe de Deus, assinado pelo Vigário Encomendado Francisco Xavier Matozo e datado dos anos de 1837 e 1838, códice composto por 52 fólios, escritos em *recto* e verso, em que foram registrados 251 (duzentos e cinquenta e um) batizados de crianças, podendo as mesmas serem brancas, escravas e/ou filhas de escravos, informações essas que podem ser observadas nos documentos, principalmente mediante as glosas.[2]

Ainda no tocante aos dados contidos nesses registros, nota-se que em praticamente todos se faz saber o nome dos batizandos, de seus pais e padrinhos e o nome da pessoa que compareceu em presença do sacerdote, levando a criança a ser batizada. Concernente a isso, constatamos ainda que tal função não era desempenhada, em sua maioria, pelos pais e/ou padrinhos, e sim pelos patrões de seus pais e por seus senhores,[3] no caso de uma criança escrava. Além disso, identificam-se informações referentes ao local de realização desse sacramento (que se dava dentro das igrejas e/ou nas fazendas) e aos instrumentos utilizados pelo padre para a sua realização (Santos Olleos).

[2] As glosas consistem em notas explicativas dispostas nas laterais dos documentos que, no caso desses manuscritos, trazem informações referentes ao nome do batizando, sua etnia, condição social, além de informar a profissão de seus pais ou donos (no caso de crianças vítimas do sistema econômico de escravidão). Acreditamos que a utilização desse instrumento fez-se para auxiliar na identificação dos registros, facilitando, assim, a consulta do livro.

[3] Ao falar de senhores estamos nos referindo àqueles que detinham, sob sua posse, negros escravos, podendo estes terem nascido no Brasil, como também terem sido trazidos de países africanos, como poderá ser observado nos *Resultados* desse trabalho, de modo específico, na seção referente à *etnia*.

Ao ler tais registros nos deparamos ainda com outros informes, que nos remontam à etnia desses sujeitos, suas condições sociais e ocupações ou profissões da época. Também despertaram nossa atenção os nomes dos lugares em que estas pessoas moravam, os topônimos – nomes próprios de lugares –, resultantes de uma motivação que nos possibilita entender, mediante o seu estudo, traços de sua cultura, religião, crença, história, entre outros, tal como observa Dick (1990).

Diante desse emaranhado de unidades lexicais, nos sentimos despertadas a estudar aquelas que colocam a nossa disposição a possibilidade de entender e conhecer mais sobre o contexto histórico-social em que esse batizados foram realizados. Em face de isso, os resultados ora relatados buscam, por meio do estudo lexical de signos linguísticos referentes a etnia, condição social, profissão e toponímia, discutir a inter-relação entre língua, cultura e história.

Para tanto, fizemos uso de dicionários, obras lexicográficas de valor imprescindível por tentarem abarcar o patrimônio lexical de uma língua, como forma de verificar e confrontar definições, levando em consideração, sobretudo, o contexto dos documentos manuscritos, nos permitindo chegar a um entendimento mais fidedigno do sentido de tais lexias.

Vale ressaltar, também, a natureza filológica deste trabalho uma vez que o nosso *corpus* é um livro manuscrito, o que nos exigiu enquanto pesquisadoras um olhar mais aguçado não apenas para ler os documentos, como também para realizar sua edição, etapa que se fez muito valiosa ao estudo lexical que ora apresentamos.

Destacamos, assim, a relevância desse estudo, primeiramente por tentar compreender o antigo cenário de Catalão e região, estabelecendo relação entre língua, cultura e história; por outro lado, por ter bem delimitadas suas trilhas de estudo, que se respaldam, conforme já mencionado, pelo estudo da língua à luz do léxico tendo, ainda, como auxiliar os estudos filológicos.

Objetivos

A realização deste estudo teve finalidades muito bem delineadas. Primeiramente, tivemos como pretensão realizar a leitura e edição do Livro de Registros de Batizados da Paróquia Nossa Senhora Mãe de Deus (maio de 1837 a setembro de 1838), seguindo as normas "Normas para Transcrição de Documentos Manuscritos para a História do Português do Brasil", elaboradas em 1999 por um grupo de filólogos e linguistas históricos e que foram publicadas em inúmeras obras, tais como a de Megale e Toledo Neto (2005).

Nosso segundo objetivo encontra-se no âmbito dos estudos do léxico que, tendo como suporte teórico o que nos dizem Biderman (2001) e Vilela (1994) a respeito da ciência lexicológica, realizamos o inventário e o estudo das lexias referentes às realidades socioculturais do povo catalano, divididas em: etnia, condição social, profissões (ocupações) da época e toponímia, unidades léxicas que nos permitem ter uma visão mais ampla desse cenário.

Por fim, tendo já alcançado os objetivos anteriores, discutimos sobre a história que é retratada nos documentos, estabelecendo relação entre o acervo lexical do Livro de Batizados e a história e cultura por ele registradas. O que intencionamos assim é entender, por exemplo, que *cabra, crio(u)lo, pardo, branco* revelam a origem étnica e/ou características físicas dos povos; que *escravo, forro, livre* e *agregado* nos remontam ao cenário de suas condições sociais; que *Villa, Fazenda, Distrito, Termo* indicam realidades toponímicas diferentes e *que viver de agencias, de lavoura, de seu negocio* põem à nossa disposição o conhecimento das atividades executadas por estes indivíduos em um passado não muito distante. Nesse propósito, assentadas na perspectiva da intrincada rede dos sistemas sociais com a configuração léxica de uma língua, cremos ter cumprido a lição inconteste das ciências do léxico – a relação entre os atos de nomeação e a realidade sócio-histórico-cultural neles representada.

Metodologia

Para o alcance de tais objetivos realizamos as seguintes etapas, na ordem em que se seguem. Primeiramente, nos detivemos à leitura e à edição semidiplomática do Livro de Registros de Batizados, conforme ensinado em Megale e Toledo Neto (2005).

Cumpre-nos, antes de tudo, esclarecermos o que seria a edição dos documentos e ainda quais as contribuições deste estudo filológico para o estudo do léxico. A edição, segundo Spina (1977, p.77), consiste na "reprodução do texto", ou seja, no processo em que o filólogo se debruça sobre o texto com o intuito de recuperar sua genuinidade preparando-o tecnicamente para ser publicado. Esse processo consiste na função primeira do labor filológico e é denominado por Spina (1977, p. 77) de função substantiva.

Graças ao processo de edição, o conteúdo desses documentos se torna mais acessível ao público, uma vez que o consulente não terá que se deparar com uma letra cursiva, geralmente de difícil entendimento em função das particularidades dos punhos, comum em documentos manuscritos. A edição também possibilita que o conteúdo desses documentos não

se perca ao longo dos anos, juntamente com os originais os quais, devido à ação do tempo e de papirófagos, acabam deteriorados, fato muitas vezes acelerado pela inexistência de uma política de preservação por parte daqueles que detêm a sua posse e guarda.

Ainda no que se refere à reprodução de um texto, vale dizer que esta pode se dar de inúmeras formas, dentre as quais escolhemos a edição semidiplomática por acreditar que esta é a mais adequada ao estudo aqui proposto, uma vez que, ao mesmo tempo em que preserva o estado da língua em questão, o que se faz imprescindível a um estudo linguístico, permite que algumas intervenções, tais como desenvolvimento de abreviaturas e remissão para nota de rodapé sobre informações pertinentes, sejam realizadas com o fito de facilitar a leitura por parte do consulente. Optamos, no entanto, observando essas questões, manter a estrutura do texto, realizando uma formatação justalinear ao invés de separar as linhas pelo intermédio de barras, tal como se orienta nas normas postuladas em Megale e Toledo Neto (2005).[4]

Vale ressaltar que a edição por nós efetuada deu-se a partir de edição fac-similar que, segundo Spina (1977, p. 75-76), consiste em uma edição realizada com técnicas mecânicas. No estudo em tela, usamos fotografias digitais que compõem o acervo documental do Laboratório de Estudos do Léxico, Filologia e Sociolinguística (LALEFIL) do departamento de Letras da Universidade Federal de Goiás/*Campus* Catalão, espaço em que desenvolvemos esse plano de trabalho.

Com relação às contribuições de um estudo de natureza filológica para a ciência lexicológica, vale mencionar o que nos diz Xavier (2011). Segundo a autora, a filologia oferece fontes fidedignas principalmente para estudos de ordem diacrônica, como também põe à nossa disposição a possibilidade de resgatar usos e acepções remotas dos signos linguísticos a fim de verificarmos os sentidos mais antigos bem como confrontá-los com os sentidos que lhes são conferidos na atualidade.

Do mesmo modo, os estudos lexicológicos e lexicográficos contribuem para pesquisas de natureza filológica, uma vez que oferecem subsídios para que o filólogo execute sua terceira função, apontada por Spina (1977, p. 77) como função transcendente, responsável por compreender a história externa ao documento. A consulta a obras lexicográficas para conhecer o significado de lexias desconhecidas e de seu cotejo com o sentido atribuído nos textos nos permite entender o que esses documentos nos dizem sobre a história de Catalão, de

[4] Não nos foi possível no breve espaço deste trabalho enunciar todas as regras para transcrição de Documentos Manuscritos, por isso mencionamos apenas aquelas que se fizeram extremamente necessárias no que se refere à escolha por esse tipo de edição. Ademais essas regras, na íntegra, se encontram dispostas em Megale e Toledo Neto (2005, p. 147-148)

modo específico, a história que remonta ao cenário escravocrata, levando em consideração que no livro eclesiástico em estudo são registrados batizados também de crianças escravas.

Tendo já realizado esta primeira etapa, que se fez indispensável para a sequência deste trabalho, passamos para a fase de inventário das unidades léxicas referentes a etnia, condição social, profissão (ou ocupação) da época e toponímia. Convém, porém, antes de adentramos neste assunto, explanar questões pertinentes ao léxico e a esta ciência lexicológica, escolhida para realizar este estudo.

Para iniciarmos nossa abordagem a respeito do léxico, fazemos uso do que diz Biderman (2001, p. 179):

> O Léxico de qualquer língua constitui um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos. Abrange todo o universo conceptual dessa língua. Qualquer sistema léxico é a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades. Os membros dessa sociedade funcionam como sujeitos-agentes, no processo de perpetuação e reelaboração contínua do Léxico da sua língua. Nesse processo em desenvolvimento, o Léxico se expande, se altera e, às vezes, se contrai.

Tendo por base essa citação podemos destacar alguns pontos que acreditamos serem de fundamental importância para um estudo acerca do léxico. O primeiro ponto refere-se ao fato de ele configurar-se como um universo impreciso e indefinido, o que se justifica por ser a língua produto da memória coletiva de seus falantes, ou seja, ela é a junção do léxico de todas as pessoas que fazem parte dessa comunidade linguística, tornando o processo de inventariação de seu léxico total em uma tarefa inexequível, haja vista que nenhuma obra lexicográfica será capaz de recobrir todo esse universo linguístico.

Ainda no tocante a essa questão, cumpre dizer que a dificuldade em inventariar todos os itens lexicais de uma língua refere-se não apenas a um número muito grande de falantes que a usa, mas, e também, por a língua ser viva, passível de ampliações e alterações. Acerca desse assunto, Biderman (2001, p. 179) afirma que:

> As mudanças sociais e culturais acarretam alterações nos usos vocabulares; daí resulta que unidades ou setores completos do Léxico podem ser marginalizados, entrar em desuso e vir a desaparecer. Inversamente, porém, podem ser ressuscitados termos que voltam à circulação, geralmente com novas conotações. Enfim, novos vocábulos, ou novas significações de vocábulos já existentes, surgem para enriquecer o Léxico.

Nota-se, assim, que constantemente unidades léxicas são criadas para dar nome a uma nova realidade, bem como novos sentidos podem lhes ser atribuídos com o passar dos anos. Por outro lado, com a perda de seu referente (elemento extralinguístico), algumas lexias vão caindo em desuso e podem vir até mesmo a desaparecer.

Isto posto, não devemos olvidar a relação de interdependência instalada entre língua, história e cultura. Tanto a história como a cultura necessitam da língua para serem concretizadas, haja vista que é por meio da linguagem que a história acontece – é por meio da língua, inclusive, que práticas culturais podem ser manifestadas e difundidas de geração em geração. Do mesmo modo, a língua precisa desse referente extralinguístico para que tenha uma finalidade em si, desempenhando sua função primeira, a de possibilitar a interação (comunicação) entre as pessoas (CAMARA JR, 2004).

Em virtude de tudo que foi exposto, podemos dizer que o estudo do léxico de uma língua se faz de extrema relevância para trabalhos que busquem relacionar língua, história e cultura, tendo em vista que

> O léxico é a parte da língua que primeiramente configura a realidade extralingüística e arquiva o saber linguístico duma comunidade. Avanços e recuos civilizacionais, descobertas e inventos, encontros entre povos e culturas, mitos e crenças, afinal quase tudo, antes de passar para a língua e para a cultura dos povos, tem um nome e esse nome faz parte do léxico. O léxico é o repositório do saber linguístico e é ainda a janela através da qual um povo vê o mundo. Um saber partilhado que apenas existe na consciência dos falantes duma comunidade (VILELA, 1994, p. 6).

Sendo assim, este estudo segue com olhar fixo nesse mundo extra (e até intralinguístico), cenário que nos é permitido conhecer mediante o léxico aqui analisado. Para dar cabo a este propósito, importa agora falarmos sobre a ciência escolhida para a realização desse estudo, executado seguindo os moldes da lexicologia.

Segundo Vilela (1994, p. 10), o estudo lexicológico encarrega-se de examinar as palavras (entendidas neste estudo como lexias, os lexemas em contexto de uso, com todas as suas potencialidades de significação) em vários aspectos, seja a etimologia, morfologia e semântica, razão pela qual a lexicologia é conhecida como a ciência da língua que estuda sua relação como os outros subsistemas a ela pertencentes. Para Biderman (2001, p. 18), a lexicologia é uma ciência que tem como objetos de seus estudos a palavra, a categorização lexical e a estruturação do léxico, o que justifica assim, ao novo ver, a amplitude de estudos acerca do léxico, realizados sob diversas óticas, como enumerado por Vilela (1994).

No entanto, dentre todos esses subsistemas, a semântica é a que tem uma "ligação especial" com a lexicologia, isso porque, para Vilela (1994, p. 10), a função da lexicologia é desenvolver teorias sobre o léxico de uma língua. Assim, compete a essa ciência dar informações acerca desse sistema, podendo referir-se tanto ao conteúdo quanto a sua forma.

No caso deste trabalho, nosso estudo delimita-se na questão do conteúdo, permitindo-nos compreender o que essas lexias dizem sobre o contexto histórico-cultural em que os sujeitos mencionados nos registros de batizados estavam inseridos, principalmente no que se refere ao contexto da escravidão. Em face disto, inventariamos as lexias presentes no códice eclesiástico referentes a etnia, condição social, profissão (ou ocupação) da época e toponímia. No intuito de que esses dados pudessem ser visualizados com mais facilidade, confeccionamos uma tabela com todas as lexias encontradas e que se referem ao propósito do estudo. Desta tabela, inventariamos os dados e discutimos os resultados, como adiante se verá.

Assim, após esse inventário realizamos a consulta de tais lexias aos dicionários de Silva (1813), de publicação próxima à data do Livro, Moura (2004), dicionário temático sobre escravidão, Aurélio (2004) e Houaiss (2009), tesouros lexicográficos atuais com que pudemos verificar e cotejar definições.

A respeito da utilização de obras lexicográficas para a compreensão dos sentidos conferidos a tais lexias no referido livro, devemos lembrar que, embora essas obras não consigam abarcar todas as unidades lexicais de uma determinada língua, como tesouros linguísticos buscam contemplar o maior número de lexias possíveis (no caso de dicionários gerais e *thesaurus*). Ofertam aos seus consulentes inúmeras informações acerca das lexias tais como etimologia, classificação gramatical, suas acepções, sinônimos/variantes entre outros. O dicionário temático escolhido para a consulta se justifica por ser o único no Brasil destinado a tratar desta tema, tão caro por anos a fio ao seu autor.

A consulta aos referidos dicionários nos possibilitou chegar a um entendimento mais claro sobre os referentes contidos em cada unidade lexical, possibilitando-nos itens inventariados e cotejados nos dicionários com o contexto histórico-cultural registrado pelo Livro, conforme se verifica na seção que se segue.

Resultados

Nesta seção, apresentaremos os resultados obtidos com o desenvolvimento desta pesquisa. Para tanto, esses serão dispostos em tópicos (etnia, condição social, profissão ou

ocupação da época e toponímia), nos quais discorremos a definição de cada um desses itens e apresentamos os itens lexicais selecionados juntamente com a respectiva análise.

Etnia

Uma das informações contidas nos registros que mais chamaram nossa atenção foi justamente a necessidade de se citar em praticamente todos os registros qual a etnia das crianças que estavam sendo batizadas. Nos registros de escravos, por exemplo, além de se informar a etnia da criança em questão, era notificada a origem étnica de seus pais e padrinhos.

No entanto, para que pudéssemos inventariar as lexias referentes a esse assunto, fez-se necessário, antes de tudo, delimitar o que entendemos por etnia, levando em consideração o que está disposto nos dicionários por nós utilizados para essa pesquisa.

Sendo assim, observemos o que nos diz Aurélio (2004) sobre o verbete etnia:

> 1. População ou grupo social que apresenta relativa homogeneidade cultural e lingüística, compartilhando história e origem comuns. [Neste sentido, tb us., a partir do início do séc. XX, em substituição a termos como nação, povo e raça, para designar as sociedades e grupos até então ditos primitivos.] 2.Grupo com relativa homogeneidade cultural, considerado como unidade dentro de um contexto de relações entre grupos similares ou do mesmo tipo, e cuja identidade é definida por contraste em relação a estes. [Sin., nesta acepç.: grupo étnico.]

Diante dessa definição e o que consta nos documentos, a etnia corresponde a um grupo que compartilha de inúmeras características que definem o ser humano, tais como cultura, história, língua, além de características físicas (cor da pele, porte físico, entre outras). No entanto, observamos que algumas das unidades lexicais que acreditamos referirem-se a etnia das pessoas em questão, diziam respeito apenas aos traços físicos destes, tais como cor da pele, aspectos faciais, estatura e outros.

Em face disso, não poderíamos classificá-las como pertencentes a esse campo, uma vez que não carregam em seu significado todos os itens abarcados na etnia. Sendo assim, houve a necessidade de criarmos um subitem denominado *características físicas*, no qual tratamos dessas lexias, de modo particular. Feita essa discriminação, identificamos seis lexias referentes à etnia (“criolo”, “banguella”, “cassange”, “congo”, “angolla” e “mõjollo”) e três unidades concernentes às características físicas (cabra, pardo e branco).

Com relação às lexias condizentes com a origem ética daqueles que são mencionados nos registros de batizados, observamos que todas elas dizem respeito a pessoas que estavam envolvidos, na condição de vítimas, do sistema econômico de servidão, revelando, deste modo, como esses documentos eclesiásticos acabam por afirmar uma prática escravocrata que trouxe para a Villa de Catalão pessoas de outros continentes ou seus descendentes, montando um cenário étnico variado. Observemos essas questões nas análises seguintes.

Crioulo – Presente em quase todos os dicionários sob a variante criolo, não sendo encontrada apenas no "Dicionário da Escravidão negra no Brasil" de Moura (2004), essa lexia refere-se ao indivíduo negro nascido no Brasil ou algum país da América, já na condição de escravo. Diante disso, percebe-se que além de informar a origem étnica do indivíduo essa lexia permite-nos identificar sua condição social ao nascer.

Banguella – Encontrada apenas em Houaiss (2009) e Aurélio (2004), podendo ser encontrada da mesma forma sob a variável benguela, essa lexia refere-se aos indivíduos nascidos em Benguela, província da Angola. Uma informação interessante concernente a essa unidade lexical está no fato de ela denotar também características físicas desse povo, uma vez que era costume entre eles limar os seus dentes incisivos.

Cassange – Essa lexia encontra-se dicionarizada apenas em Houaiss (2009) e Aurélio (2004), sob a variável caçanje, referindo-se àqueles pertencentes ao grupo dos caçanjes, grupo étnico da Angola.

Congo – Sendo encontrada, do mesmo modo que a unidade anterior, apenas nos dicionários Houaiss (2009) e Aurélio (2004), portadoras do mesmo significado, essa lexia refere-se ao indivíduo nascido no país africano denominado Congo.

Angolla – De todas as acepções encontradas nos dicionários para essa lexia, dentre as quais podemos mencionar: indivíduo das angolas e língua banta falada pelos angolanos, a segunda se adéqua melhor ao sentido presente nos manuscritos. Sendo assim, essa lexia que sempre aparece acompanhada de *nasçaõ*, refere-se àquele que nasceu na Angola, um país africano.

Mõjollo – dicionarizada sob a variável monjolo, essa unidade léxica refere-se àquele que pertence aos monjolos, um grupo antigo que habitava o Sudoeste da Angola.

Unidades lexicais referentes às características físicas

Diferentemente das lexias anteriores que tratam apenas dos negros escravos, as unidades lexicais aqui dispostas já contemplam os brancos. No entanto, mediante a leitura e a edição do livro de registros dos batizados, percebe-se que essa informação é colocada somente nas laterais dos registros, com algumas exceções, à moda de glosas que, pelo que nos foi possível compreender, serviam apenas para facilitar a identificação e consulta ao livro eclesiástico.

Cabra – Item léxico presente em todos os dicionários analisados, a acepção que mais se assemelha ao contexto dos registros de batizado é a que define cabra como sendo o indivíduo mestiço de mulato com preto, sendo o mulato filho de pai branco e mãe negra, ou vice-versa.

Pardo – A lexia pardo indica um indivíduo que descende da mistura entre brancos e negros, o que influi, inclusive, na cor de sua pele. Podemos dizer, assim, que os pardos têm a pele mais escura, entre os tons de branco e negro; no entanto, se comparada com a cor dos cabras, esses são mais claros.

Branco – De acordo com as obras lexicográficas consultadas, branco seria aquele que tem cor clara ou pálida em comparação com a cor de outras pessoas.

Condição social

Outro fato que muito nos chamou a atenção diz respeito à condição social a que os indivíduos estavam submetidos, já demarcadas antes mesmo de as crianças nascerem, como pode ser observado na lexia *criolo*. A leitura dos documentos encaminha à necessidade de estudar cada uma dessas lexias e descobrir as implicações dessa condição sobre a vida de cada criança batizada. Referentemente a esse campo identificamos quatro lexias diferentes, livre, escravo, agregado e forro. Vejamos a análise dessas lexias:

Livre – De acordo com os dicionários consultados, um indivíduo livre é aquele que é dono de suas ações e de si mesmo, que não está sob a opressão ou escravidão de outrem e que pode exercer seus direitos civis e políticos perante a lei. No caso dos manuscritos, acreditamos que

o fato de se informar o caráter de liberdade do indivíduo serviu para diferenciá-lo daqueles que estavam sob o regime da escravidão.

Escravo – Ao contrário da lexia anterior, escravo é aquele que se encontra submetido à vontade de seu senhor, para quem ele é tido com uma propriedade. Essa condição de escravo, como pode ser observada no *corpus* de nossa pesquisa, demarcava inclusive a religião daqueles que estavam presos a esse sistema porque, como pudemos observar, muitas vezes quem comparecia na presença do Vigário levando consigo crianças para serem batizadas, eram na realidade, seus donos ou padrinhos e não seus pais. Raríssimas vezes os pais conduzem as crianças ao ritual do batismo e quando o fazem, estão acompanhados de outrem.

Agregado – Conforme pudemos identificar mediante o contexto dos documentos e também pelo aparato das obras lexicográficas aqui utilizadas, agregado seria o trabalhador de fazenda que morava nas terras dos proprietários e que, em troca, lhe devia prestar serviços estando sempre à sua disposição. Embora essa condição não se configure como sendo uma forma de escravidão nota-se que o agregado não dispunha de sua liberdade, uma vez que devia estar sempre disponível para o seu patrão.

Forro – Com significado muito parecido com o livre, uma vez que o forro é aquele que também dispõe de sua liberdade, deste se difere no fato de que o forro vivia na condição de escravo e só passou a dispor de sua liberdade (pelo menos de ser chamado de forro) após receber sua carta de alforria. Homens livres, geralmente, nunca foram escravos antes, tampouco forros.

Profissões da época

Outro aspecto que propomos analisar mediante o estudo lexical encontra-se no campo das profissões. Esperávamos identificar de que modo essas pessoas levavam suas vidas, qual era o cenário econômico que figurava em Catalão na primeira metade do século XIX. De modo particular, pretendíamos verificar quais eram as atividades desempenhas pelos branco/livres e negros (e) escravos.

Assim, o inventário dessas lexias pôs à nossa disposição inúmeras atividades e as mais recorrentes encontram-se nos serviços rurais, em que identificamos quatro modos de se viver,

tais que *viver de lavoura, viver de criação de gado vacum, viver de engenho, viver de chácara.*

Viver de lavoura, como o próprio nome sugere, consiste no cultivo da terra; *viver de criação de gado vacum*, na criação do gado da espécie bovina; *viver de engenho*, no cultivo e processamento da cana-de-açúcar usando-se o engenho; *viver de chácara* diz respeito ao trabalho realizado em pequenas áreas rurais com tarefas com criação de gado, plantio de frutas e legumes.

Outro tipo de serviço identificado e muito expressivo nos documentos destaca é o serviço religioso, de que identificamos três lexias: *Vigario Encomendado, Reverendo* e *Bispo.* Para entendermos o que seria um *Vigario Encomendado* recorremos ao "Glossário de Termos Sobre Religiosidade" de Nunes (2008), que o registra como sacerdote que exerce função de pároco, durante um curto período, em paróquias que ainda não tinham sido reconhecidas pelo Rei. Por outro lado, *Reverendo*, que para muitos seria sinônimo de padre, é, na realidade, uma forma respeitosa de tratá-lo. Ainda nesse campo profissional identificamos a lexia *Bispo*, líder espiritual de uma diocese.

Embora não tenha aparecido de forma expressiva, o campo militar também se faz presente nos manuscritos, mediante as lexias: *capitan, major* e *sargento-mor.* O *Capitan* ocupa um posto de oficial do Exército brasileiro, estando acima de tenente e abaixo de *major,* este por sua vez está um posto acima de *capitan* e um abaixo do tenente-coronel. Por fim, o *sargento-mor* ocupa um posto abaixo do de tenente.

Pertencentes ao campo das práticas comerciais, há as lexias *negociante* e *viver de agencias*, a primeira indicando alguém que vive do comércio e a segunda referente aquele que administra negócios alheios.

Também identificamos outros tipos de serviços que não se encaixam nesses grupos anteriores: *professor de primeiras letras*, quem trabalha como o ensino da leitura e escrita; *viver de letradisse* e de *sua arte de escrever*, que segundo o entendimento do contexto dos manuscritos seriam atividades para que o domínio da leitura e escrita seja indispensável, tais como escrever cartas, documentos diplomáticos, ler textos, entre outros; *viver de jornal* é o trabalho por que se recebe por jornada de serviço; *viver da arte de olleiro* diz respeito à construção de objetos com a cerâmica; *viver do ofício de ferreiro, carpinteiro e sapateiro* correspondem, respectivamente, ao trabalho realizado com o ferro, madeira e com a fabricação e conserto de calçados.

Notamos, assim, que aos negros escravos eram destinadas as tarefas realizadas nas fazendas, tais como *viver de lavoura* e *criação de gado vacum*, enquanto que os brancos além

de trabalharem nesses setores, mas na posição de donos das fazendas, realizavam também as demais atividades, majoritariamente no ambiente urbano.

Toponímia

A toponímia se encarrega do estudo dos nomes de lugares e, por isso, está ligada a uma ciência maior, a Onomástica, responsável pelo estudo dos nomes próprios. Atualmente, seu campo de atuação tem-se ampliado significativamente, uma vez que o estudo desses nomes nos permitem "penetrar no tempo passado", como nos diz Seabra (2007), e obter conhecimento de aspectos histórico-culturais do povo que habitava esses lugares e/ou daqueles que nomearam esses espaços.

Acerca disso, Seabra (2007, p. 93-94) pontua que:

> Considerada como um importante meio de investigação lingüística, uma vez que se constitui de reminiscência de um passado muitas vezes esquecido, os instrumentos onomásticos [...] mostram-se singulares para o estudo da língua, sobretudo se relacionados, [...] à história e à cultura local, em um fazer-se etnolingüístico.

Assim, levando em consideração tais afirmativas, nos dispomos a fazer um estudo dos topônimos encontrados nos registros de batizados. Com relação à estrutura destes, segundo Dick (1990), o topônimo é formado por dois elementos, o termo genérico e o termo específico, sendo que o primeiro refere-se ao espaço geográfico, enquanto que o último está relacionado ao nome que o particularizará. Observemos o topônimo Margem de São Marcos e notamos que Margem é um termo genérico e São Marcos é um termo específico, que o diferencia de todas as outras margens que possam existir.

Dick (1990, 31-32) propôs ainda a classificação taxionômica desses topônimos, dividindo-os em dois grupos, os de natureza física e aqueles de natureza antropo-cultural. Fazem parte dos topônimos de natureza física: Astrotopônimos (relativos aos corpos celestes), Cardinotopônimos (relativo às posições geográficas), Cromotopônimos (relativo à escala cromática), Dimensiotopônimos (relativo às dimensões dos acidentes geográficos); Fitotopônimos (relativo aos vegetais), Geomorfotopônimos (relativo a acidentes hidrográficos), Litotopônimos (relativo aos minerais), Meteorotopônimos (relativo às formas geométricas), Morfotopônimos (relativo às formas geométricas) e Zootopônimos (referente aos animais).

Já os topônimos de natureza antropo-culturais classificam-se em: Animotopônimos ou Nootopônimos (topônimos relativos à vida psíquica, à cultura espiritual), Antropotopônimos (topônimos relativos aos nomes próprios individuais), Axiotopônimos (topônimos relativos aos títulos e dignidades que acompanham nomes próprios individuais), Corotopônimos (topônimos relativos a nomes de cidades, países, estados, regiões e continentes), Cronotopônimos (topônimos relativos aos indicadores cronológicos representados pelos adjetivos novo, velho), Ecotopônimos (relativos às habitações em geral), Ergotopônimos (relativos aos elementos da cultura material), Etnotopônimos (relativos aos elementos étnicos isolados ou não (povos, tribos, castas)), Dirrematopônimos (constituídos de frases ou enunciados linguísticos), Hierotopônimos (relativos a nomes sagrados de crenças diversas, a efemérides religiosas, às associações religiosas e aos locais de culto, subdividindo-se assim, em hagiotopônimos, nomes e santos ou santas católicos romanos, e mitotopônimos, relacionado a entidades mitológicas), Historiotopônimos (relativos aos movimentos de cunho histórico, a seus membros e às datas comemorativas), Hodotopônimos (relativos às vias de comunicação urbana ou rural), Numerotopônimos (relativos aos adjetivos numerais), Poliotopônimos (relativos aos vocábulos vila, aldeia, cidade, povoação, arraial), Sociotopônimos (relativos às atividades profissionais, aos locais de trabalho e aos pontos de encontro da comunidade, aglomerados humanos) e Somatopônimos (topônimos relativos metaforicamente às partes do corpo humano ou animal).

Observando essa taxionomia, realizamos a classificação de todos os 66 (sessenta e seis) topônimos inventariados no livro de registro, dos quais 44 (quarenta e quatro) são topônimos de acidentes humanos e 22 (vinte e duas) de acidentes físicos. Ressaltamos que os 66 (sessenta e seis) topônimos dizem respeito à recorrência destes itens, não à sua freqüência, já que muitos deles se repetem um demasiado de vezes.

Com relação aos topônimos de natureza antropo-cultural, os que se fizeram mais expressivos foram os Hierotopônimos, com identificação de 16 (dezesseis) itens, sendo eles: Arraial da Senhora do Bom Despacho, Comarca de Santa Crus, Destrito da Villa de Santa Crus, Destrito da Villa de Bomfim, Freguezia de Santa Anna, Freguezia da Senhora Madre de Deos, Capella de Santo Antonio, Capella do Espirito Santo, Matris, Margem de São Marcos, Fazenda São Miguel, Fazenda de Santa Anna, Fazenda de São Bento, Fazenda de São Domingos, Fazenda de São Francisco e Fazenda de Santa Roza.

Outras taxeonomias dessa natureza que foram inventariadas dizem respeito aos Antropotopônimos (Distrito de Callaça, Fazenda dos Pereiras, Fazenda denominada Callaça, Fazenda dos Guarteis), Dirrematopônimos (Arraial do Vaivem, Destrito de Vaivem, Fazenda

do Vaivem), Etnotopônimo (Villa do Catalaõ, Provincia de Goyaz, Fazenda denominada Catalaõ Velho), Cronotopônimo (Rio das Velhas, Porto Velho), Animotopônimo (Rio Virissimo, Fazenda da Fartura, Fazenda da Boa Vista, Fazenda denominada Campo Alegre, Fazenda denominada invijóza, Fazenda dos Casados, Fazenda do Degredo e Porto do Verissimo), Poliotopônimo (Destrito do Rio Verde, Fazenda do Retiro, Fazenda da Ranxaria), Sociotopônimo (Fazenda dos Cavalleiros, Fazenda denominada Ouvidor), Ergotopônimo (Fazenda denominada Saco, morro do Facão) e Numerotopônimo (Fazenda denominada dous Irmaõs).

Por outro lado, nos topônimos de natureza física os que se fizeram mais expressivos foram os Hidrotopônimos com 9 (nove) lexias inventariadas (Rio Paranaíba, Fazenda do Ribeirão dos Arrependidos, Fazenda da Lagoa, Fazenda da Lagoa de Campinas, Fazenda denominada Caxueira, Fazenda do Riaxo, Fazenda dos Olhos d'água, Fazenda do Ribeiraõ e Fazenda da Barra). Além desse tipo, foram encontrados cinco Zootopônimos (Fazenda da Pracanjuba, Fazenda dos catingueiros, Fazenda de Jaúba, Fazenda denominada macacos e Fazenda denominada Parapetinga), quatro Fitotopônimos (Fazenda do Retiro dos Boretis, Fazenda denominada Peroba, Fazenda denominada Samambaia e Fazenda denominada Matinha), um Geomorfotopônimo (Fazenda do Pé do Morro) e três Dimensiotopônimos (Fazenda do morro redondo, Fazenda do morro agudo, Fazenda do Corrigo fundo).

Ante esse cenário toponímico podemos destacar alguns pontos. Primeiramente, nota-se que, o fator antropo-cultural influenciou mais no ato de se nomear os lugares; segundo, o principal referente escolhido para se nomear os lugares foi a crença ou fé religiosa que deu origem aos hierotopônimos, revelando a importância/influência da religião na vida das pessoas que viviam nesses lugares e/ou daqueles que nomearam tais ambientes.

Discussão dos resultados

O estudo do léxico registrado no *Livro de Registro de Batizados da Paróquia Nossa Senhora Mãe de Deos,* delimitado neste estudo nas unidades lexicais referentes a etnia, condição social, profissão e toponímia, pôs à nossa disposição a possibilidade de conhecer, de modo mais aprofundado, aspectos relativos à história e à cultura do povo catalano[5], levando-

[5] Convém esclarecer que os limites geográficos de Catalão-GO na década em que se registraram os batizados do livro em questão (1837-1838) não correspondem aos atuais: Goiandira, Ouvidor, Cumari, Davinópolis, Campo

nos a ratificar que nenhum dado (lexia) pode ser estudado de modo isolado, sem contemplar elementos que a ele estão imbricados.

Diante disso, entendemos que as unidades lexicais referentes à etnia mais do que revelar que *banguellas, cassanges, congos, angollanos, mõnjollos,* são povos que nasceram na África, nos permitem compreender como se deu o processo de escravidão, não apenas no município de Catalão, mas em todo o cenário brasileiro.

Constata-se assim, uma variedade étnica muito grande, que devido a mistura entre negros africanos e brancos que aqui residiam, demandaram a criação de novas lexias para referenciar as características físicas dessas pessoas, que agora não eram chamadas apenas de *brancos* ou *negros*, mas também de *cabras* e *pardos* ou ainda de *criolos*, indicando a partir de então mais que a cor de sua pele, mas também sua condição social, que já era demarcada muitas vezes antes mesmo de se nascer.

Com relação às condições de vida das pessoas mencionadas no livro eclesiástico, sendo identificadas com sendo livres, escravas, agregadas e ainda vivendo como forras, verificamos que ao escravo era imposto inclusive uma religião, uma vez que os seus senhores os levavam para serem batizados, juntamente com seus filhos, introduzindo-os assim, no catolicismo, religião que chegou no Brasil com os padres Jesuítas e se caracterizou com sendo a religião oficial desse país por ser praticada pelos portugueses.

Outro tipo de informação presente nos registros de batizados que permitiu ampliar nossa visão acerca desse cenário refere-se às profissões ou ocupações da época. Nosso estudo permite-nos afirmar que ao negro escravo era destinado o trabalho braçal nas zonas rurais, diferentemente do cenário geral da escravidão no Brasil, em que a força dos escravos, segundo Palacín e Moraes (1989), era destinada ao serviço nas minas de ouro. Por outro lado, aos brancos eram destinados outros tipos de trabalho como o serviço militar, o comércio entre outros.

Por fim, o inventário dos topônimos deu-nos condições de vislumbrar essas questões de modo mais amplo, revelando assim, a influência da religião na Villa de Catalão e demais regiões, além, é claro, de revelar como se identificam e nomeavam os espaços em que essas pessoas estavam inseridas, nas zonas rurais ou nos pequenos nucleamentos urbanos. No entanto, embora observemos a presença dos negros escravos nos outros assuntos abordados, os mesmos não são contemplados nos topônimos, fato que se explica, atentando para a visão

---

Alegre, Ipameri, Corumbaíba, Três Ranchos, hoje municípios goianos, compreendiam, juntamente com o núcleo urbano de Catalão à época, o que nos registros se denomina a Villa do Catalão.

que se tinha do escravo naquela época, porquanto o negro não era visto como bons olhos pela sociedade em geral. Além disso, acreditamos também que o ato de nomear os lugares era destinado aos proprietários dessas terras, excluindo, de modo coerente à ideologia vigente então, o negro dessa função.

Considerações finais

Assegurou nossos resultados e a discussão sobre eles uma metodologia que buscou pistas de história e cultura nos rastros da linguagem, especialmente no léxico referente aos campos apresentados neste estudo. Recorrer a estudos de incontestes pesquisadores na área de estudos do léxico e da filologia nos assegurou os procedimentos que nos permitiram inventariar os dados e sua análise de modo a confirmar, uma vez mais, que língua, história e cultura se inter-relacionam.

O estudo do léxico contido nos manuscritos nos pôs em contato com os fios da trama que compuseram a história retratada nos registros de batizados, levando-nos, assim, a conhecer aspectos culturais da Villa do Catalão, tais como os seus modos de viver, suas crenças e até mesmo a visão que se tinha dos negros escravos.

É nosso desejo que esse estudo do léxico, a "janela através da qual um povo vê o mundo" (VILELA, 1994), contribua para os estudos realizados não apenas nessa área do conhecimento, como também para aqueles que abordem os temas ou o tipo de *corpus* que o sustentam.

Referências[6]

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria lingüística:** teoria lexical e lingüística computacional. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CÂMARA Jr, Joaquim Mattoso. Língua e cultura. [1955]. In: UCHÔA, Carlos Eduardo Falcão (Org.). **Dispersos de J. Mattoso Câmara Jr.** 9. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. p. 287-293.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **Toponímia e antroponímia no Brasil**. Coletânea de estudos. São Paulo, Gráfica da FLCH/USP, 1992.

[6] Referências alinhadas à esquerda conforme normas da ABNT.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Eletrônico Aurélio versão 5.0.** Positivo, 2004.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário eletrônico Houaiss versão 2.0.5.0**. Editora Objetiva, 2009.

MEGALE, Heitor; TOLEDO NETO, Sílvio de Almeida. **Por minha letra e sinal**: documentos do ouro do século XVIII (Coleção Diacrhonica). Cotia-SP: Ateliê, 2005.

MOURA, Clóvis. **Dicionário da escravidão negra no Brasil**. São Paulo: EDUSP, 2004.

PALACÍN, Luis; MORAES, Maria Augusta Sant'Anna. **História de Goiás (1722-1972***)*. 6. ed. Goiânia: Ed. UCG, 1994.

PARÓQUIA NOSSA SENHORA MÃE DE DEUS, com rubrica do Presidente da Câmara Paroquial Francisco Doming*ue*s Si*lvei*ra de Souza. **Livro de Assentos de Registros de Baptizados da Paróquia Nossa Senhora Mãe de Deus.** 52 fólios. Villa do Catalão, 1º de Setembro de 1837.

SILVA, Antonio Moraes. **Diccionario da Língua Portugueza.** Fac-símile da 2. ed. (1813). Rio de Janeiro: Tipografia Lacerdina, 1922, 2 tomos.

SPINA, Segismundo. **Introdução à Edótica.** São Paulo: Cultrix/Edusp, 1977.

VILELA, Mário. **Estudos de Lexicologia do Português**. Coimbra: Almedina, 1994.

XAVIER, Vanessa Regina Duarte. Lexicologia, Lexicografia e Filologia: intersecções e especificidades epistemológicas. In: XIII Simpósio Internacional de Letras e Linguística, 2011. **Anais...** Uberlândia: EDUFU, v. 2, n 2, 2011 p. 1-7. Disponível em <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/pt/arquivos/silel2011/1001.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2013.

O CORPO DISCIPLINADO PELA MÍDIA: O CORPO QUE TRANSA[1]

Priscylla Alves Lima
Universidade Federal de Goiás – Campus Jataí
priscyllaalves5@gmail.com

Orientadora: Maria de Lourdes Faria dos Santos Paniago
Universidade Federal de Goiás – Campus Jataí
lurdinhapaniago@gmail.com

RESUMO: A analítica do poder, descrita por Foucault como multifacetada e relacional, propõe que o exercício do poder tem estreita ligação com a produção das verdades. Isto implica dizer que diversos saberes se fundem quando tomamos por tema as discussões em torno dos processos históricos, lingüísticos e culturais que envolvem a produção das identidades (Hall, 2004) de gêneros no que concerne às sexualidades. Neste trabalho, discutiremos as tentativas da mídia tipo revista de fabricar indivíduos baseados em modelos de comportamento ditados pelo processo produtivo contemporâneo. Para tanto, analisaremos as condições de produção históricas e culturais que permeiam essas "práticas de subjetivação" (Foucault). A revista Men's Health (edições de 2012) constitui o corpus escolhido para pesquisa, cujo objetivo é descrever quais as estratégias que a publicação em questão se utiliza para padronizar e excluir quando o assunto abordado é a sexualidade. Sobre quais pilares discursivos estes foram construídos? A discussão do papel atribuído ao gênero masculino exibida na revista será o pano de fundo para que possamos construir um debate que endossará a Sociedade de Controle como extrema praticante de um tipo de poder que remete aos primórdios do cristianismo: o poder pastoral. Utilizaremos a Análise do Discurso de Linha Francesa para analisar como a mídia trava suas relações com os sujeitos através da criação dos conceitos identitários no recorte supracitado, cujo experimento maior é tentar fabricar corpos dóceis e úteis para o processo produtivo. Para este artigo, foi escolhida como corpus a matéria "*Chapéu de viking? Tô fora!,"* publicada no número 77, de setembro de 2012[2].

PALAVRAS CHAVE: Análise do Discurso, Mídia, Poder, Verdade, Saber, Sexualidade

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Dizer algo significa assumir uma posição diante dos outros que será passível da crença ou não. Foucault (2008, p.233), influenciado por Nietzsche, compreende por verdade a reunião de processos que justificam um enunciado ser ou não considerado verdadeiro.

> Que é a crença? Como nasce? Toda crença é um aceitar algo como *verdadeiro.* A forma extrema do niilismo consistia em compreender que toda crença, o aceitar algo

[1] Artigo revisado pela orientadora

[2] Outros exemplares da revista foram analisados, durante o período da bolsa, para apresentações de trabalhos (comunicação oral ou pôster) nos seguintes congressos científicos: a) VIII Congresso Internacional da ABRALIN – título do trabalho: "PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO NA REVISTA MEN'S HEALTH: CONFISSÃO E CONTROLE DO INDIVÍDUO DO GÊNERO MASCULINO ATRAVÉS DA SEXUALIDADE."; b) IV Simpósio Mundial de Língua Portuguesa – SIMELP – título do trabalho: "PRÁTICAS DE SUBJETIVAÇÃO NA REVISTA MEN´S HEALTH: UMA PERSPECTIVA FOUCAULTIANA DO CORPO QUE TRANSA"; c) IX Semana de Letras do CAJ – título do trabalho: "O CORPO DISCIPLINADO PELA MÍDIA: O CORPO QUE TRANSA"; d) I Encontro Acadêmico do CAJ – título do trabalho: "ESTRATÉGIAS MIDIÁTICAS DE OBJETIVAÇÃO/SUBJETIVAÇÃO: QUANDO O DISCURSO ENDEREÇADO AO MASCULINO É ´PERMEADO PELO FEMININO".

> como verdadeiro, são necessariamente falsos: porque absolutamente não existe *mundo-verdade.* Este seria, então, um reflexo visto em perspectiva, cuja origem se encontra em nós (no sentido de que temos *necessidade* incessante de um mundo mais estreito, abreviado e simplificado). (NIETZSCHE, 1996, p.24)

As relações humanas estabelecem-se através da palavra. Tudo que é dito e aceito recebe o estatuto de verdade. Há certo regime que regulamenta a produção dos dizeres e que classifica o verdadeiro e o falso, e este regime é cheio de especificidades, por exemplo: a verdade está localizada no discurso científico e nas instituições que o produzem e reproduzem. É constantemente usada pelo poder político e pela produção econômica. É espalhada pelas instituições educativas e pela indústria da comunicação. Ela é fabricada e disseminada através de uma fiscalização das grandes instituições políticas (universidades, exército, mídia). Nelas, os embates ideológicos acontecem. Que relações sociais são tão fortemente construídas a ponto de moldar o sujeito, controlá-lo e atribuir para ele um papel social embasado em uma identidade? É o que estudaremos.

Segundo Hall (2004, p. 13), a identidade é o sentimento de pertença construído social e historicamente. Ou seja, aspectos básicos que nos levam a nos comportar de determinada forma, como integrantes de grupos específicos, não estão descritos em nossos genes, não são biologicamente definidos e sim historicamente formados.Fazer parte de um grupo significa adotar certos padrões de comportamento, além de formar uma imagem de si mesmo e dos outros. Essa adoção de determinados paradigmas acontece no decorrer da vida do sujeito. Simone de Beauvoir já discutia essa mesma problemática abordando a questão dos gêneros, falando sobre o feminino:

> "Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade, é o conjunto da civilização que elabora este produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como o *Outro"* (1970, p.10).

A filósofa já identificava que o processo formador do indivíduo do gênero feminino surgia a partir de uma identidade de masculino pré-construída que, definida como modelo, tinha como proposta subjugar a mulher, ou seja, para o masculino afirmar-se como tal seria necessário estabelecer uma relação de poder com o sexo feminino, na qual se criou uma certaidentidade para este. O controle de toda a natureza da relação social entre homem e mulher seria feito pelo sujeito do sexo masculino.

Stuart Hall também apresenta argumentos similares aos de Simone na discussão identitária: "[...] a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do

nascimento.” Como estes processos de formação identitária acontecem ? O que faz com que as pessoas sigam padrões de comportamento sugeridos, achando-os justos e necessários? Estas questões são respondidas novamente por Hall quando este discute o que Foucault intitulou de “poder disciplinar”, este, exercido pelas instituições modernas, ajuda a fundir o comportamento social:

> “Foucault destaca um novo tipo de poder, que ele chama de ‘poder disciplinar’, que se desdobra ao longo do século XIX, chegando ao seu desenvolvimento máximo no início do presente século. O poder disciplinar está preocupado em primeiro lugar, com a regulação, a vigilância e o governo da espécie humana ou de populações inteiras, e em segundo lugar, do indivíduo e do corpo. Seus locais são aquelas novas instituições que se desenvolveram ao longo do século XIX e que ‘policiam’ e disciplinam as populações modernas- oficinas, quartéis, escolas, prisões, hospitais, clínicas e assim por diante.” (2004, p. 42)

O poder disciplinar não age sozinho nesse processo de formação. Há vários tipos de poderes que são exercidos em rede, como o poder pastoral e o biopoder, cujas definições exporemos adiante. Delimitar comportamentos e disciplinar pessoas não são atitudes possíveis sem certas técnicas e tecnologias. Quanto mais negativas forem as nuances da liderança, tanto mais os indivíduos, de maneira espontânea ou acidental libertar-se-ão dos procedimentos de identificação e normalização, mais resistirão[3] a elas.Quanto mais sutilmente o controle se efetivar,mais a noção de repressão será retirada, menos perceptível aquele se tornará aos sujeitos. Essa estrutura sutil de ação sobre a ação dos outros é o que Foucault chama de governamentalidade.

Sendo assim, é possível afirmar que todas as estruturas que compõema sociedade sugerem, por meio de discretas estratégias, identidades moldadas, que obedecem a padrões. As práticas modelares, baseadas nas atribuições históricas dos gêneros masculino e feminino, teriam sua gênese nas condições de produção calcadas no patriarcalismo, que é oriundo também da formação familiar burguesa vitoriana, e se baseia em princípios do cristianismo para atribuir funções bem definidas ao homem e à mulher:

> “Economicamente homens e mulheres constituem, como que duas castas; em igualdade de condições, os primeiros têm situações mais vantajosas, salários mais altos, maiores possibilidades de êxito que suas concorrentes recém-chegadas. Ocupam na indústria, na política etc., maior número de lugares e os postos mais importantes. Além dos poderes concretos que possuem, revestem-se de um prestígio cuja tradição a educação da criança mantém: o presente envolve o passado e no passado toda a históriafoi feita pelos homens. (...) O homem suserano protegerámaterialmente a mulhervassala ese encarregará de lhe justificar a

[3] “Pensamos em todo caso que o corpo tem apenas as leis da sua fisiologia, e que ele escapa à história. Novo erro: ele é formado por uma série de regimes que o constróem; ele é destroçado por ritmos de trabalho (...) ele é intoxicado por venenos (...) e leis morais simultaneamente; ele cria resistências.”FOUCAULT (2008, p. 17),

> existência: com o risco econômico ela esquiva o risco metafísico de uma liberdade que deve inventar seus fins sem auxílios. (...) É um caminho nefasto porque passivo, alienado, perdido..."(BEAUVOIR, 1970 p. 15)

Michel Foucault também discorre sobre essa supremacia masculina, socialmente estabelecida, mostrando como as interações sociais, desde a Antiguidade Clássica, buscavam um papel bem definido do sexo masculino, pautado na dominação:

> "O que é afirmado através dessa concepção do domínio como liberdade ativa é o caráter 'viril' da temperança. Assim como na casa cabe ao homem comandar, assim como na cidade não é aos escravos, às crianças nem às mulheres que compete exercer o poder, mas aos homens e somente a eles, do mesmo modo cada um deve pôr em obra sobre si mesmo suas qualidades de homem. O domínio de si é uma maneira de ser homem em relação a si próprio, isto é, comandar o que deve ser comandado, obrigar à obediência o que não é capaz de se dirigir por si só, impor os princípios da razão ao que desses princípios é desprovido; em suma, é uma maneira de ser ativo em relação ao que, por natureza é passivo e que deve permanecê-lo. Nessa moral de homens feita para os homens, a elaboração de si como sujeito moral consiste em instaurar de si para consigo uma estrutura de virilidade..." (1999, p. 77)

No que concerne ao fator sexual da cultura, temos hoje orientações tanto rígidas quanto libertárias. Porém, o curioso é que no começo do século XVII, o ato sexual ainda não era visto como algo que, em certas condições, deveria ser reprimido. Não haviam se desdobrado ainda os saberes que fariam do sexo algo restrito a apenas alguns tipos de relacionamento:

> "Diz-se que no início do século XVII ainda vigorava uma certa franqueza. As práticas não procuravam o segredo [...] tinha-se com o ilícito uma tolerante familiaridade. Eram fracos os códigos da grosseria, da obscenidade, da decência, se comparados com os do século XIX."(FOUCAULT, 1999, p. 09)

A construção de práticas disciplinares para a sexualidade é classificada em Michel Foucault como Idade da Repressão, período no qual o sexo foi confinado à atividade familiar com função reprodutora, a mulher foi direcionada aos afazeres domésticos e à tutela dos rebentos, e o homem foi conduzido à liderança da família, bem como do ambiente de trabalho. Papéis definidos, identidades bem marcadas. Baseadas na construção identitária de gênero:

> "A sexualidade é, então, cuidadosamente encerrada. Muda-se para dentro de casa. A família conjugal a confisca e absorve-a inteiramente na seriedade da função de reproduzir. Em torno do sexo se cala. O casal, legítimo procriador, dita a lei. Impõe-se como modelo, faz reinar a norma, detém a verdade, guarda o direito de falar, reservando-se o princípio do segredo." (FOUCAULT, 1999 p. 09)

Porém, o recente processo de globalização acarreta encurtamentos nas relações espaço-temporais. Vemos então, na modernidade tardia, uma pluralidade na construção de identidades, pois há várias representações do que deve ser um homem e do que deve ser uma mulher.

> "Uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida. Ela tornou-se politizada. Esse processo é, às vezes, descrito como constituindo uma mudança de uma política de identidade (de classe) para uma política de diferença."(HALL, 2004 p. 13)

Entretanto, não podemos afirmar que moldes novos substituíram os velhos. Eles convivem entre si. Se tomarmos a sociedade contemporânea (modernidade tardia) e a analisarmos pelo prisma dos gêneros, veremos que existem várias práticas de subjetivação (processos de construção de sujeitos) muitas vezes contraditórias entre si. O que é ser masculino hoje em dia? E o que é ser feminino? Instituições religiosas dizem uma coisa, revistas de adolescentes dizem outra, grupos de debates feministas argumentam de forma completamente oposta sobre o tema. Assim ocorre também com outras instituições disciplinares que surgiram após a revolução do prelo feita por Johann Gutenberg. Com o nascimento da mídia impressa (e outras tantas instituições que não destacaremos neste artigo), surge um novo tipo de poder que tende a controlar os indivíduos não somente através de exames corpóreos, encarceramentos, clausuras, lições de casa ou catequese, mas por mediações basicamente em forma de publicação em massa, texto escrito e imagens. O sexo mantido em segredo se esvai e se instaura uma "explosão discursiva", fala-se sobre o ato sexual, tenta-se governar o objeto: "para dominar o sexo precisou-se reduzi-lo ao nível de linguagem, controlar sua livre circulação no discurso" (FOUCAULT, 1999 p. 21).

Nas sociedades pós-modernas, essa redução do assunto à linguagem também é feitapelos aparatos tecnológicos emidiáticos. Estes podeminfluenciaro indivíduo,cuja reação étender a crer no texto impresso. Marcamos aqui o curioso papel da mídia na formação dos sujeitos e, consequentemente, o surgimento de uma Sociedade de Controle que, segundo o historiador e filósofo Michel Foucault, é responsável pela origem do indivíduo moderno, agindonão só sobre o corpo, mas também sobre a alma deste, tornando-o dócil e útil para a sociedade. É aí que se salienta certa importância, um lugar estratégico que os meios de comunicação assumem no mundo contemporâneo, (o que Martín-Barbero – 2003, p.33- designa como "mediacentrismo"), cuja relação se estreita com o destaque que a mídia toma na atualidade. Torna-se impossível, assim, ignorar essa estrutura e suas ações. Essa relevância é estudada por uma teoria da comunicação chamada Teoria da Agenda (ou hipótese da Agenda Setting) definida do seguinte modo:

> "A teoria da agenda demonstra que a compreensão que as pessoas têm de grande parte da realidade social é fornecida predominantemente pelos meios de comunicação de massa. (...) O receptor tende a aceitar a representação apresentada pela mídia como a única possível." (TEMER, 2009, p. 73)

A hipótese com a qual trabalhamos é a de que a revista, utilizando-se da linguagem, subjetiva o gênero masculino. Que tipo de discurso a revista divulga? Que tipo de identidade ela dissemina? Nossa hipótese é que ela baseia-se na identidade viril, afeita à liderança, à preocupação estética e esportiva e que busca o domíni do ato sexual, no intuito de manter uma hierarquia entre os sexos na qual a mulher ocupa um papel servil, amparada pela identidade frágil e submissa que foi criada envolvendo o conceito de feminino. Essas duas identidades (homem dominador, mulher controlada) se apóiam reciprocamente nos textos que a revista publica, sendo impossível a existência de uma sem a outra. Podemos afirmar que há uma produção de verdades cuidadosamente elaborada. Se o receptor tende a aceitar a representação de mundo feita pela mídia como a única possível é porque ele tende a tomá-la como verdade. Aí temos outro conceito foucaultiano muito importante: os mecanismos de poder induzem à produção de verdades. A mídia produz verdades e elasnão existem fora do poder. O verdadeiro é o instrumento do qual as relações de dominação se utilizam para legitimar seus atos; nas palavras de Foucault: "não há possibilidade de exercício de poder sem uma certa economia dos discursos de verdade que funcione dentro e a partir desta dupla exigência. Somos submetidos pelo poder à produção da verdade e só podemos exercê-lo através da produção da verdade." (2008, p.180).

Por isso, entendemos a mídia como instituição que pode exercer certo tipo de poder sobre os indivíduos, pois o conteúdo que ela dissemina tende a ser assimilado como verdade pelos seus receptores. Tal panorama pode ser considerado no que se trata da subjetivação do gênero masculino pela revista Men's Health: a imagem de homem presente na publicação constitui-se numa tentativa de criar sujeitos baseada na disseminação de certo tipo de conhecimento sobre a sexualidade e na qual a liderança, o controle sobre o gênero feminino e a alienação política estão fortemente presentes.

O PODER, A SCIENTIA SEXUALIS E A PRODUÇÃO DE VERDADES

O veemente conhecimento produzido pelas diversas sociedades sobre a sexualidade é chamado de supersaber (FOUCAULT, 2004, p. 58):

> "um saber de qualquer forma excessivo, um saber ampliado, um saber ao mesmo tempo intenso e extenso da sexualidade, não no plano individual, mas no plano cultural, no plano social, em formas teóricas ou simplificadas. Creio que a cultura ocidental foi surpreendida por uma espécie de desenvolvimento, de hiperdesenvolvimento do discurso da sexualidade, da teoria da sexualidade, da ciência sobre a sexualidade, do saber sobre a sexualidade."

Dessa forma, Foucault afirma que concomitante ao próprio desconhecimento sexual individual, o não-saber do sujeito sobre o seu próprio desejo (cuja manifestação mais

acentuada seria a histeria), havia, lado a lado com esse fenômeno, outro de supersaber cultural, social, científico e teórico a respeito da sexualidade (desconhecimento pelo sujeito, superconhecimento pela sociedade). Essas duas faces do mesmo assunto coexistiram nas sociedades Ocidentais. A sexualidade se torna campo de atuação dos poderes, estreitamente associada à identidade e sua relação com a verdade é a de que se as pessoas falam sobre a sua sexualidade e a confessam, estão dizendo a verdade sobre elas mesmas.

Para explicar o que a Psicanálise comentou sobre essa simultaneidade, Michel Foucault argumenta que havia uma tendência em dizer que essa realização teórica discursiva em relação à sexualidade ocidentalizada é o produto do desconhecimento, ou seja, é exatamente porque o sujeito desconhece a si próprio no âmbito da sexualidade e do seu desejo que inúmeros enunciados irrompem no âmago das esferas sociais. Os discursos que fazem emergir essa quantidade exagerada de proposições não eram ao todo corretos: eram também "discursos errôneos, afetivos, irracionais, mitológicos" (FOUCAULT, 2004, p. 59). O pensador vai além e afirma que Freud tentou explicar os conhecimentos obtidos sobre sexualidade a partir das fantasias infantis a respeito da mesma e dos grandes mitos da religião ocidental, mas que a psicanálise não considerou a cientificização da produção de teorias sobre a sexualidade na sociedade ocidental.

Assim, o autor faz uma crítica a Freud. Enquanto o psicanalista tinha um pensamento reducente, cujo escopo era o campo mitológico e fantástico, o pensador francês afirma que há uma vasta bibliografia sobre o assunto que começa em Santo Agostinho e não deve ser ignorada nesse escrutínio, há uma inversão de perspectivas. Foucault não quer com isso desvalorizar a psicanálise, mas colocá-la nesse amplo espectro, caracterizado pela grande economia que rege a criação de um saber sócio cultural sobre a sexualidade.

O primeiro aspecto foucaultiano da análise sobre a produção de um supersaber sobre a sexualidade é que a cientifização desse discurso se deu de uma maneira muito rápida, temporã. A investigação teórica sobre o assunto nem sempre foi dotada de racionalidade, e ele cita a psiquiatria do século XIX, a psicologia moral do século XVII e da Idade Média que realizaram elaborações pretensiosas de um discurso aparentemente racional e científico e nesse aspecto, a razão foucaultiana traça a principal diferença entre o conhecimento sexual na sociedade ocidental e na oriental.

Para fazer esta distinção Michel Foucault elabora dois termos:*ars erótica* e *scientia sexualis*. A primeira seria própria das civilizações orientais, bem como da Roma e da Grécia antiga, e designa um discurso produzido em grande quantidade e muito difundido. Este seria definidor de uma arte que buscaria através da relação sexual ou com os órgãos sexuais uma

busca por determinado prazer mais longo, duradouro e intenso, que se materializaria tanto na interação do indivíduo com seu semelhante quanto sozinho.Seria a procura por maneiras de intensificar o prazer sexual. O discurso ocidental que remonta à Idade Média é completamente diferente deste. Isto porque no Ocidente não se ensina a estabelecer relações sexuais, a maximizá-las, a intensificar o próprio prazer por meio de uma arte estabelecida. Tudo isso é feito clandestinamente. Ao contrário, aqui no Ocidente, estabelecemos a ciência da sexualidade, que não trata do prazer, mas busca a verdade relacionada ao sexo ou sexualidade do indivíduo.É a busca pelo verdadeiro da sexualidade e não pela intensidade do prazer. São dois tipos de análise de duas culturas completamente distintas.

Então o autor começa a questionar as motivações que levaram a sociedade Ocidental a montar uma máquina de produção de verdades sobre a sexualidade. Observa que Freud foi o responsável pela intensificação dos debates concernentes a esse assunto, visto que a moral cristã burguesa interditou veementemente o tema, fazendo com que houvesse um desinteresse forçado.

A arte erótica na Antiguidade Clássica era deveras rica. Porém o desenvolvimento do cristianismo fez com que houvesse uma interdição, proibindo o prazer e dessa forma, o sexo, pelas condições relativas à moral. A burguesia a partir do século XVI tornou essa repressão mais severa até o surgimento da psicanálise. Porém o próprio autor apresenta ressalvas quanto a esse paradigma que destaca o cristianismo como o repressor da sexualidade.

Para discutir esse modelo, Foucault (2004) cita o historiador francês Paul Veyne. Este realizou uma pesquisa cujos resultados o levaram a concluir que o cristianismo não só fez a regra monogâmica aflorar, mas também atribuiu ao sexo somente a função reprodutiva e desqualificou o prazer sexual, relegando-o a uma posição pífia, a um mal que deveria ser evitado. Veyne afirma que antes do cristianismo arregimentar todo o Ocidente, esses modos de conduta já estavam presentes na Antiguidade através da filosofia Estóica. Portanto, o cristianismo não seria o grande responsável pelas proibições. Basicamente elas já estavam incorporadas. O cristianismo teve um papel, sim, na história da sexualidade, mas não foi a interdição. Foi o fato de que ele trouxe novas técnicas para impor a moral, mecanismos para melhor sugestionar essa moral.

O mecanismo mais importante que Foucault (2004) cita é o poder pastoral. Esse poder, segundo o autor, seria exercido por indivíduos que, na sociedade cristã, personificavam o papel de condutores, de pastores em relação a outros indivíduos que seriam o rebanho. Essa idéia não se encontrava na sociedade greco-romana. Não havia a concepção pastoral. A analítica social era feita basicamente utilizando a idéia de trama, tecido, o Estado seria o

tecido e os cidadãos seriam os fios desse tecido. Não havia uma idéia de condução, de liderança espiritual, nem de rebanho, nem de pastor. Esse juízo foi encontrado no mundo do Mediterrâneo oriental, mais precisamente na comunidade hebraica, a salvação do povo judeu dependia de um indivíduo (pastor) que conduzisse o povo (rebanho) à terra prometida.

O poder pastoral, ressalta Foucault (2004), opõe-se ao tradicional poder político porque sua característica principal não é ser exercido num território. É ser exercido sobre os indivíduos, não tem como objetivo a vitória ou a conquista de terras e meios de produção. Não é fazer o mal a inimigos, é fazer o bem aos indivíduos, garantindo que estes sobrevivam e façam o grupo sobreviver, não procura triunfos, procura fazer beneficiamentos. É um poder envolvido na devoção, sacrifica-se pelo bem das suas ovelhas. É individualista, preocupa-se com cada pessoa em particular, garantindo a salvação de cada indivíduo, ele garante a salvação do rebanho.

O cristianismo foi o responsável por fazer adentrar essa espécie particular de poder no interior do Império Romano, e assim organizou os cidadãos numa espécie de pastorado. Esse mecanismo foi se desenvolvendo até se tornar parte da história do Ocidente cristão e característica muito importante analisada na história da sexualidade.

A significação da existência de um poder pastoral, segundo o historiador, reside no fato de que este impõe a todo indivíduo uma busca pela salvação, que não é algo que se configure como uma escolha: o sujeito submetido ao poder pastoral é obrigado a se salvar. O pastor vigia as pessoas, obriga-as a fazerem tudo o que é preciso para a sua salvação e exige uma obediência absoluta e humildade. Algo nunca visto em outras sociedades.

Conforme a teoria foucaultiana, para que esse objetivo de obedecer simplesmente pela obediência seja concretizado, para que o pastor exerça o controle sobre seu rebanho, o poder pastoral passa a lançar mão de técnicas e tecnologias de produção de verdades: ele ensina a verdade, a moral e os mandamentos. Assim ele é mestre em vários sentidos da verdade: por um lado a propaga e, por outro, deve saber tudo o que fazem os indivíduos que são suas ovelhas. Esse conhecimento é uma condicional preponderante para o exercício do pastorado cristão.

Assim se define o mecanismo da confissão, do fazer dizer, de induzir a ovelha a produzir as suas próprias verdades obtendo enunciados confessionários, que num ato de obediência e de humildade são proferidos.

Esse é o ponto de ligação que conseguiu estabelecer um equilíbrio entre a espiritualidade e a laicidade, um meio de controlar os indivíduos através de suas confissões, confessarem tudo, inclusive os direcionamentos sexuais, os atos. Como Foucault explica:

> [...]uma concepção no fundo relativamente moderada quanto à sexualidade, que fazia com que a carne cristã jamais fosse concebida como o mal absoluto do qual era preciso desembaraçar-se, mas sim como a perpétua fonte, dentro da subjetividade, dentro dos indivíduos, de uma tentação que corria o risco de levar o indivíduo a ultrapassar as limitações impostas pela moral corrente, ou seja: o casamento, a monogamia, a sexualidade para a reprodução e a limitação e a desqualificação do prazer (1999, p. 35).

Acreditamos assim, tomando como base essa conferência, que a "moral moderada" que estabeleceu a sociedade civil de base cristã é a responsável por fazer funcionar toda essa maquinaria do poder pastoral. O conhecimento, o fazer dizer e o dom de proferir verdades nada mais são que um processo, um método de subjetivação do indivíduo. É uma governamentalidade que forma identidades baseadas numa moral cristã. E ela é produtiva, tanto no plano metafísico como no plano material. É produtiva no que diz respeito à práticas de subjetivação, criação de identidades e comportamentos. O indivíduo passa a respaldar as suas ações na produção de verdades feita por ele ao pastor e vice-versa. O respaldo pode nem sempre surtir um resultado que o fio condutor da sociedade julga como certo, mas o sujeito sempre terá um parâmetro para os momentos de decisão em que ele terá que escolher entre algo correto ou algo condenável pela sociedade. Colocando em prática não um mecanismo de interdição, mas um mecanismo de vários posicionamentos de saber (dos indivíduos, pelos indivíduos, para os indivíduos), o controle estabelece uma ordenação social.

O mistério e a proibição em torno do sexo, no entanto, desaparecem paralelamente ao surgimento das novas necessidades sociais, algumas destas motivadas pelo modo de produção vigente: "Por volta do século XVIII nasce uma incitação política, econômica, técnica a falar do sexo" (FOUCAULT, 1999, p.26). O discurso racional construído para se falar sobre o sexo percebe uma necessidade de se tornar público. Há várias razões para isso, dentre elas, Foucault cita:

> Fortalecer e aumentar, pela sabedoria de seus regulamentos, a potência interior do Estado e, como essa potência consiste não somente na República em geral e em cada um dos membros que a compõem, mas ainda nas faculdades e talentos de todos aqueles que lhe pertencem, segue-se que a polícia deve ocupar-se inteiramente desses meios e fazê-los servir à felicidade pública. Ora, ela só pode atingir esse objetivo através do conhecimento que possui dessas diferentes vantagens. Polícia do sexo: isto é, necessidade de se regular o sexo por meio de discursos úteis e públicos e não pelo rigor de uma proibição.[...] cumpre falar do sexo como de uma coisa que não se deve simplesmente condenar ou tolerar mas gerir, inserir em sistemas de utilidade, regular para o bem de todos, fazer funcionar segundo um padrão ótimo. O sexo não se julga apenas, administra-se, sobreleva-se ao poder público, exige procedimentos de gestão, deve ser assumido por discursos analíticos." (1999, p, 27)

O crescimento populacional de um Estado não se dá de uma forma "natural", na qual a população se propaga por meios livres, mas sim motivado por uma indústria, por uma

sistemática produtiva e pelo apoio de diferentes instituições, entre elas a mídia, uma das instituições mais fortes do mundo contemporâneo:

> Desde o século XVIII, o sexo não cessou de provocar uma espécie de erotismo discursivo generalizado. E tais discursos sobre o sexo não se multiplicaram fora do poder ou contra ele, porém lá onde ele se exercia e como meio para seu exercício, criaram-se em todo canto incitações a falar; em toda parte dispositivos para ouvir e registrar, procedimentos para observar, interrogar e formular [...] do singular imperativo que impõea cada um fazer de sua sexualidade um discurso permanente [...] (FOUCAULT, 1999, p. 34).

Essa teorização é usada por nós para o primeiro esclarecimento deste trabalho: a Análise do Discurso (doravante AD) apoiada nos escritos de Michel Foucault sobre verdade, poder, saber, confissão, scientiasexualis e poder pastoral é a ferramenta por nós utilizada para decompor os textos produzidos pela Men's Health.

ANÁLISE DO DISCURSO: METODOLOGIA APLICADA

A Análise do Discurso observa o homem falando, produzindo textos, estuda a língua funcionando para a produção de sentidos. A problematização por ela lançada diz respeito à maneira pela qual os textos produzem significados, gerando assim, inteligibilidades a partir do texto em si, que é visto como um lugar de produção ao mesmo tempo simbólico e político. Três domínios se entrecruzam em sua constituição: a Linguística, o Marxismo e a Psicanálise. A neutralidade dos textos produzidos pelas esferas sociais é descartada e a linguagem é tomada em sua opacidade:

> A Linguística constitui-se pela afirmação da não-transparência da linguagem: ela tem o seu objeto próprio, a língua, e esta tem sua ordem própria. Esta afirmação é fundamental para a Análise do Discurso, que procura mostrar que a relação Linguagem/Pensamento/Mundo não é unívoca, não é uma relação direta que se faz termo-a-termo, isto é, não se passa diretamente de um a outro. Cada um tem sua especificidade. Por outro lado, a Análise de Discurso pressupõe o legado do materialismo histórico, isto é, o de que há um real da história de tal forma que o homem faz história mas esta também não lhe é transparente. Daí, conjugando a língua com a história na produção de sentidos, esses estudos do discurso trabalham o que vai se chamar a forma material (não abstrata como a da Linguística) que é a forma encarnada na história para produzir sentidos: esta forma é portanto lingüístico-histórica. (ORLANDI, 2001, p. 34)

Assim, concebemos a língua não como uma estrutura abstrata, mas como acontecimento produzido por sujeitos (na concepção da psicanálise) que se encaixam em determinados lugares históricos, sendo assim afetados por eles – o real é afetado pelo simbólico e este tem uma ligação muito forte com as determinações políticas. Sendo assim, a AD acredita que o sujeito discursivo tanto produz quanto assimila sentidos que tentam realizar processos de subjetivação, de construção de identidade e consecutivamente, de

produção de realidades. As relações travadas pela linguagem são relações construídas entre sujeitos cujos efeitos de sentidos são estabelecidos entre locutores (GREGOLIN, 2001, p. 21).

> Em seu quadro teórico, nem o discurso é visto como uma liberdade em ato, totalmente sem condicionantes lingüísticos ou determinações históricas, nem a língua como totalmente fechada em si mesma, sem falhas ou equívocos. As sistematicidades linguísticas – que nessa perspectiva não afastam o semântico como se fosse externo – são as condições materiais de base sobre as quais se desenvolvem os processos discursivos. A língua é assim condição de possibilidade do discurso. (GREGOLIN, 2001, p. 22)

Dessa forma, a AD tece teorias sobre a interpretação, objetivando entender como os aparatos simbólicos geram significações, observando, para tanto, os movimentos de intelecção, assumindo-os como fatos pertencentes ao campo simbólico, que interfere no "real" do sentido. Não há a procura de um verdadeiro, de uma verdade oculta atrás do texto. Há gestos de interpretação que o analista, com seu dispositivo, tem que se tornar pronto a entender, para compreender como algo produz sentidos. A prática de leitura do analista forma o seu dispositivo de análise.

> Feita a análise, e tendo compreendido o processo discursivo, os resultados vão estar disponíveis para que o analista os interprete de acordo com os diferentes instrumentais teóricos dos campos disciplinares nos quais se inscreve e de que partiu. Nesse momento é crucial a maneira como ele construiu seu dispositivo analítico, pois depende muito dele o alcance de suas conclusões. (GREGOLIN, 2001, p. 28)

Neste trabalho partimos então do entrecruzamento da AD com os construtos teóricos do filósofo Michel Foucault sobre verdade, poder, saber e sexualidade, das teorias sobre identidade do estudioso cultural Stuart Hall e das teorias da comunicação que se relacionam com a mídia para analisar contextos sócio-históricos, ideológicos.

O corpus que tomaremos neste artigo é a Revista Men's Health, edição de Setembro de2012 na qual a reportagem "*Chapéu de Viking?Tô fora!* foi publicada.Os sujeitos que a assinam (repórteres e especialistas em sexualidade), o lugar e momento histórico em que foram produzidas (Brasil, primeira década do século XXI), o fato do texto ter sido escrito em uma revista masculina e não em outro suporte material qualquer. O contexto amplo é o que traz para a apreciação dos efeitos de sentidos elementos que nascem dos paradigmas adotados pela nossa sociedade com suas Instituições Disciplinares e de Controle, em particular a mídia, no modo como "elege" certas identidades, como estrutura seus textos no sentido da manutenção desses tipos identitários, como organiza e distribui o poder para um gênero em detrimento do outro, fornecendo formas de agir que ocupam posições de controle por parte do gênero masculino e, ocasionalmente, podem resultar na governamentalidade do gênero feminino. A memória é tratada como interdiscurso, algo já dito antecipadamente em uma

posição diferenciada. O saber discursivo trata dos dispositivos de dominação sexual masculina, que possibilitam os textos produzidos, atribuindo a eles valor de verdade, permitindo assim dizeres que interferem no modo como o sujeito significa na situação discursiva dada. No caso que analisamos, tudo o que já se disse sobre os gêneros masculino e feminino, sexo, sexualidade e prazer incluindo os dizeres políticos que significaram, em diferentes meios, os sentidos da sexualidade, estão, de certo modo, gerando significados. Todos estes sentidos, que já foram ditos por alguém, em algum lugar, em outros momentos, mesmo muito distantes, têm um efeito sobre o que a referida revista diz. São sentidos reunidos no texto através do lastro que foi deixado pelas sociedades burguesas e patriarcais através dos séculos que presume na nossa experiência concernente à sexualidade, que os homens detêm certa supremacia no uso dos prazeres, na compreensão do funcionamento do seu corpo e como este pode servir para uma subjugação.

A formulação dos textos da Men's Health está então determinada pela relação que esta estabelece com o interdiscurso e com a historicidade, ou seja, o saber discursivo da sociedade burguesa e patriarcal, que foi se constituindo ao longo da história e foi produzindo dizeres, contribuiu na constituição da rede de sentidos da referida revista.

ANÁLISE DO CORPUS

Para analisar a afirmação de que a mídia é uma instituição que cria discursos sobre a sexualidade para governamentalizar o indivíduo, exercendo sobre ele um controle que o torna dócil e produtivo,selecionamosa revista Men's Health n° 77 de setembro de 2012. Analisaremos a reportagem intitulada "*Chapéu de viking? Tô fora!"*. O texto é classificado pelos jornalistas que o escreveram (MarjorieZoppei e Jonathan Thompson) como um "guia" (e aqui ressaltamos uma semelhança com o poder pastoral, pois o substantivo guia é derivado do verbo guiar, cujo significado é proteger, governar, conduzir, atribuindo assim à reportagem as características principais de um pastor).Através deste guia,os homens poderiam obter informações a respeito dos perfis femininos mais propensos à infidelidade.

A matéria foi fundamentada numa investigaçãofeita por uma das consultoras da revista que tratam de sexualidade e saúde mental, Carmita Abdo, formada em psiquiatria. O primeiro parágrafo do texto lança dados estatísticos: a pesquisa foi executadaem 6.846 participantes, destas, a minoria(25,7%)admitiram ser infiéis.Previamente ao lançamento da estatística percentual, os autores do texto declaram: *"As mulheres estão mais infiéis do que nunca"*.Se adeclaração foi fundada no resultado estatístico, lançamos a seguinte pergunta: por que a revista, mesmo após realizar a verificação e constatar que os dados são relativos a uma

minoria, afirma, por meio do artigo definido *as*, que o gênero feminino como um todo *"As mulheres"* são infiéis? Por que foi usado o *as* e não *o algumas*, por exemplo? Por que não se ressaltou que a traição é praticada apenas por uma minoria?

Embasados na minoria de mulheres que confessaram a infidelidade, os repórteres embasam-se em opiniões científicas, que não estão vinculadas à pesquisa da psiquiatra Abdo, no intuito de descrever identidades femininas que, segundo eles, seriam adeptas da infidelidade.

Se a pesquisa feita verificou que apenas a minoria das mulheres era infiel e se os estudos sobre as identidades do gênero ditas infiéis foram conclusões obtidas em outras investigações que, aparentemente, não foram feitas em conjunto com a busca realizada por Carmita Abdo, fatos que podem desestabilizar o texto em questão, por que a publicação, ainda assim, veiculou o texto?

Ora, se consideramos que o poder está disperso por toda a rede social, numa malha; é exercido através da língua, e que nenhum enunciado é neutro, podemos concluir que todos os dispositivos que se utilizam da linguagem para se promover também podem exercer poder. Aí incluímos a mídia em todos os seus formatos e especificamente o que iremos analisar.

Se o receptor tende a acolher a exibição de mundo feita pela mídia como a única possível é porque ele tende a reconhecê-la como verdade. Este é outro conceito foucaultiano muito importante: os mecanismos de poder induzem à produção de verdades. Não existe verdade fora do poder. Estabelecer que um conjunto de ideias é verdadeiro é a maneira pela qual as relações de dominação se intercambiam para legitimar seus atos; nas palavras de Foucault (2008, p. 180) : "não há possibilidade de exercício de poder sem uma certa economia dos discursos de verdade que funcione dentro e a partir desta dupla exigência. Somos submetidos pelo poder à produção da verdade e só podemos exercê-lo através da produção da verdade."

Assim sendo, compreendemos a mídia como instituição que exerce certo tipo de poder sobre os indivíduos, pois a informação que ela transmite pode ser assimilada como verdade pelos seus receptores. Se isso ocorre, afirmamos que a revista Men's Health tenta objetivar o gênero masculino por meio do entrecruzamento de diferentes enunciados pertencentes ao discurso científico (o que é um campo de produção de verdade já legitimado pela sociedade), a revista cria um texto rico em identidades femininas forjadas. Estas são mostradas e por meio delas, a revista convida o leitor a desenvolver comportamentos que entram em conformidade com um posicionamento superior na "hierarquia dos relacionamentos".

O texto estabelece cinco identidades femininas infiéis: “a fêmea alfa”, “a carente de atenção”, “a caçadora de emoções”, “a fera do prazer”, “a donzela em perigo”. Para cada uma dessas mulheres há uma descrição detalhada. A fêmea alfa, (fazendo um paralelo ao conceito já cunhado pela biologia de macho alfa, que seria o macho predador) é a mulher independente, bem-sucedida e rodeada de homens. A carente de atenção (termo que classifica a mulher como uma dependente emocional) é caracterizada como “de forte apelo sexual” e segundo os dados lançados, teria uma quantidade do hormônio estrogênio em excesso, o que a levaria a trair mais. O texto não detalha o que seria “o forte apelo sexual”. A caçadora de emoções, segundo a reportagem da revista, é a mulher que produz dopamina (hormônio da excitação) emdemasia, sendo assim uma pessoa predisposta a “correr riscos”. A fera do prazer é aquela que tem níveis elevados de testosterona, o que aumentaria sua libido. A donzela em perigo (alusão a contos de fada nos quais a mulher é representada como um indivíduo frágil que é sempre salva por um cavalheiro ou príncipe) é aquela que, relegada ao segundo plano pelo seu parceiro, aproxima-se de outro que não o seu cônjuge, quando surge algum problema que ela não consegue resolver (aqui classifica a mulher que, incapaz de resolver problemas, recorre sempre a um homem).

Percebemos que todas as construções identitárias são extremamente pejorativas. O texto não sugere em momento algum que possa haver mulheres que não caibam nesses padrões ou mesmo que esses padrões seriam apenas um esboço do complexo comportamento humano, sendo insuficientes para definir uma pessoa. São totalizantes, pois o texto considera como únicas as suas distorções a respeito da imagem atribuída ao feminino e relativiza o comportamento masculino no sentido de que este deve se utilizar de fórmulas prontas (dadas pela revista) para adaptar cada identidade ao seu perfil, subjugando-a de maneira sutil, governamentalizando-a. Ocorre um processo de objetivação/subjetivação, explicado nas palavras de Revel:

> Os ‘modos de subjetivação’ ou ‘processos de subjetivação’do ser humano correspondem, na realidade, a dois tipos de análise: de um lado, os modos de objetivação que transformam os seres humanos em sujeitos – o que significa que há somente sujeitos objetivados e que os modos de subjetivação são, nesse sentido, práticas de objetivação; de outro lado, a maneira pela qual a relação consigo, por meio de um certo número de técnicas, permite constituir-se como sujeito de sua própria existência. (2002, p. 82)

Há conselhos que determinam como o masculino deve agir com todas as cinco identidades femininas. A seguir são transcritas as admoestações sugeridas à atitude que seria adequada a tomar com a fêmea alfa, com a carente de atenção, com a caçadora de emoções, com a fera do prazer e com a donzela em perigo:

> Elimine o instinto traidor [da fêmea alfa]: Ter autoconfiança é sua melhor defesa. Tome a iniciativa do sexo com mais freqüência e a desafie para novas experiências. Enfrente a fera. A última coisa que ela quer é outra pessoa rastejando aos pés dela. Lembre-se: para estas mulheres, a luta pelo poder é afrodisíaca.
>
> Elimine o instinto traidor [da carente de atenção]: Solte-a com outros homens. Pode não parecer sensato, mas apresentá-la a seus primos ou brothers (confiáveis) dará a você a segurança necessária. "Tentar privá-la de sair com os amigos só alimenta o desejo dela de querer algo mais", diz Lana Harari. Atenção: ignore esse conselho se você for parente de George Clooney.
>
> Elimine o instinto traidor [da caçadora de emoções]: Comece um novo hobby como casal. Sugira experimentar restaurantes novos, como aqueles com comidas exóticas. Uma dica: alimentos que contêm tirosina, como peixes, castanhas, queijos magros ou bananas, também irão aumentar a dose de dopamina, mas de forma segura.
>
> Elimine o instinto traidor [da fera do prazer]: Use mais o tato: toque, abrace, acaricie, dê as mãos... "Esse contato remete ao sentimento do início do relacionamento", diz Andrew Marshall. Uma ideia é deixar a mão nas costas dela enquanto esperam uma mesa livre no bar. "Além do cavalheirismo, mostra que você é orgulhoso em tê-la como companhia", aconselha Lana Harari.
>
> Elimine o instinto traidor [da donzela em perigo]: Quando estiverem conversando, repita o último adjetivo que ela usou. Ao repetir as descrições que ela faz, você sinaliza que a compreende, ou seja, ela não precisa procurar outra pessoa que faça isso. (MEN'S HEALTH, número 77, setembro de 2012, p. 97/98)

Notamos também, nessa gama de enunciações, que o conceito foucaultiano da governamentalidade encontra-se latente, o enunciado que faz alguém agir de determinada maneira sem se sentir coagido, mas assumindo essa ação como algo que lhe fará bem. A governamentalização aparece em duas camadas na reportagem: o texto tenta fazer o homem agir de determinada maneira (percebemos a partir dos verbos no Imperativo como: elimine, solte, tome, desafie, enfrente, comece, sugira, repita). Se ele deixar-se subjetivar pela revista e fizer o que é recomendado, estará, por meio das sutis estratégias propostas, objetivando a mulher de forma que ela considere que as ações dele são benéficas (e por isso necessárias) quando não passam de um cuidadoso esquema de controle e vigilância.

Além desses pareceres, a reportagem reúne confissões de amantes de mulheres que supostamente, se encaixariam nessas objetivações/subjetivações, reiterando a existência de indivíduos do gênero feminino pertencentes a esses perfis limitados, como podemos ler no trecho intitulado "Eles aproveitaram a brecha" da página 97, transcrito abaixo:

> Uma mulher casada com quem saí percebeu que sua função no casamento era apenas ouvir. De certa forma, ela se sentia rejeitada pelo marido, uma vez que falar do dia a dia dele era mais importante do que manter o relacionamento sadio. A situação virou uma bola de neve, causando estresse, insegurança, até que atingiu a autoestima dela. Conheci essa mulher através de amigos e, no começo da nossa relação, era ela quem mais falava durante nossas conversas. Isso a fez relembrar que é, sim, uma mulher interessante. Até sua postura ficou diferente: ela passou a se produzir mais, se sentia mais sexy. Quando ela está bem, você só tem a ganhar. (CHAPÉU DE VIKING? TÔ FORA! *In* MEN'S HEALTH – Setembro de 2012, pag 97)

Um efeito de sentido que pode ser depreendido da única imagem que foi reproduzida cinco vezes no texto: uma mulher na posição a que comumente chamamos "de quatro", de cunho submisso e subserviente, induz à interpretação de que essas cinco identidades podem ser dominadas se os leitores souberem identificá-las e se eles seguirem os conselhos dados que vão desde subjugar pelo sexo, pela alimentação e por estratégias de elaboração de falas.

Outro ponto que podemos observar é que a garota da foto está vestida com uma roupa íntima cuja estampa reproduz a pelugem de um animal selvagem e se estica, como uma felina. Um efeito de sentido que podemos depreender é que há uma relação entre o comportamento da mulher que trai e o das fêmeas de outras espécies, principalmente as que têm o papel de predadoras na cadeia alimentar (onças, guepardos, etc). Nossa análise se desdobra e pode-se afirmar que outro efeito de sentido é possível: assim como os animais ferozes, as mulheres também podem (devem?) ser submetidas ao domínio do homem. No conselho referente à carente de atenção, notamos o verbo no imperativo "solte-a", como se a parceira estivesse presa como uma fera perigosa.

p.95

Segundo Gregolin (2001) a estatística é também uma forma de confissão. O texto analisado utiliza amplamente fatos classificados em quantidade, e outra curiosidade: alguns desses números são retirados de revistas femininas que tentam objetivar/subjetivar as mulheres através da sexualidade, como a revista NOVA. Seguem os dados abaixo:

> Zero: Número de mulheres que disseram que querem experimentar pular a cerca porque as amigas já o fizeram.**
> Balada: É o lugar onde 28% delas procurariam um amante.**
> 64% das mulheres que já traíram não querem se separar dos parceiros.**
> 79% das mulheres disseram que não contariam sobre a escapada aos parceiros.**
> **Enquete realizada com 812 mulheres no site da revista NOVA, entre 12 e 17 de agosto. (CHAPÉU DE VIKING? TÔ FORA! *In* MEN'S HEALTH – Setembro de 2012, pag 97)

Compreendemos que, mostrando aos leitores pesquisas publicadas em revistas femininas, a revista emprega uma identidade específica de mulher na sua tentativa de objetivação/subjetivação do homem. O dado retirado da revista vai desempenhar o papel reforçador da materialidade textual dada. É nesse contexto que afirmamos que um tipo específico de masculino é permeado por um tipo específico de feminino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No corpus estudado, temos um texto que, de maneira bem explícita, tenta ensinar o homem a se relacionar com "tipos" de mulheres que, supostamente, pelos seus perfis caricatos, seriam infiéis. Assim, utilizando-se de processos de construção de identidades, a revista não ocupa, de forma alguma, uma posição neutra:

> "não há enunciado em geral livre, neutro e independente; mas sempre um enunciado fazendo parte de uma série ou de um conjunto, desempenhando um papel no meio dos outros, neles se apoiando e deles se distinguindo: ele se integra sempre em um jogo enunciativo." (FOUCAULT, 2000, p. 43)

O jogo enunciativo da publicação enquadra-se no processo da produção. "É preciso produzir verdades para produzir riquezas" (FOUCAULT, 2008, p.100). A reportagem tenta induzir o homem a adotar certos comportamentos: se o homem desconfiado (e entendemos que uma pessoa que desconfia da outra pode apresentar alterações comportamentais que porventura reduzam o seu desempenho na sociedade) recebe informações que podem ajudá-lo a governamentalizar a sua parceira, consequentemente ele passa a ter certo tipo de controle sobre ela. Este mesmo homem, na nossa hipótese, recebeu um benefício que o recoloca no topo de uma hierarquia. Assim, ele pode exercer o poder sobre a mulher sem que esta perceba e isso o coloca numa situação de bem-estar, que terá reflexos na sua vida social, o que não deixa de incluir a esfera do trabalho e a da saúde, pois uma mulher que tem múltiplos parceiros está mais propensa a doenças sexualmente transmissíveis que podem prejudicar a si e ao seu cônjuge. E pessoas doentes não são produtivas.

A mulher objetivada exerce um papel fundamental nesse jogo. Quando a revista masculina determina como as mulheres são, enquadrando-as de maneira sistemática nas cinco identidades estabelecidas (ignorando a limitação destas e a existência de outras) ela reforça, numa condição de produção sócio-histórica e cultural, um modelo de hierarquia patriarcal preexistente:

> Economicamente homens e mulheres constituem, como que duas castas; em igualdade de condições, os primeiros têm situações mais vantajosas, salários mais altos, maiores possibilidades de êxito que suas concorrentes recém-chegadas. Ocupam na indústria, na política etc., maior número de lugares e os postos mais importantes. Além dos poderes concretos que possuem, revestem-se de um prestígio cuja tradição a educação da criança mantém: o presente envolve o passado e no passado toda a históriafoi feita pelos homens. (...) O homem suserano protegerámaterialmente a mulhervassala ese encarregará de lhe justificar a existência: com o risco econômico ela esquiva o risco metafísico de uma liberdade que deve inventar seus fins sem auxílios. (...) É um caminho nefasto porque passivo alienado, perdido. (BEAUVOIR, 1970, p.27)

A reportagem não se liberta, em nenhum momento, dessa descrição feita por Beauvoir. Muito pelo contrário. Ela a afirma constantemente, em todos os seus dados e argumentações.

O texto é claramente uma ferramenta que estimula o homem a controlar a mulher , sem que ela perceba este controle, de forma sutil. Assim, o indivíduo do gênero feminino entenderá que é um benefício e jamais um modo hierarquizante de definir comportamentos. Compreendemos que nossa hipótese foi confirmada, pois a partir de uma objetivação feminina- dada pela produção de verdades de uma determinada comunidade científica, de uma relação entre mídias e confissões de indivíduos masculinos- o indivíduo gênero masculino é subjetivado. A "polícia do sexo" citada por Foucault age sobre ele:

> Objetar-se-á, sem dúvida que, para falar do sexo foi necessário tanto estímulo e tanto mecanismo coercitivo é porque reinava, globalmente, uma certa interdição fundamental: somente necessidades precisas – urgências de natureza econômica, utilidades políticas – poderiam suprimir essa interdição e possibilitar alguns acessos ao discurso sobre o sexo. (FOUCAULT, 1999, p. 36)

A natureza política da demanda de um supersaber fabricado é voltada para a arte de governar escondendo a repressão. A mídia é uma instituição que coaduna com o Estado, fortificando os mecanismos deste, fortalecendo o que Michel Foucault chama de Biopoder, o poder que o governo exerce sobre a vida dos sujeitos que tem suas identidades construídas no âmbito da sexualidade:

> [...] a sexualidade está exatamente na encruzilhada do corpo e da população. Portanto, ela depende da disciplina, mas depende também da regulamentação. A extrema valorização da sexualidade [...] teve, assim creio, seu princípio nessa posição privilegiada da sexualidade entre organismo e população, entre corpo e fenômenos globais. Daí também a ideia médica segundo a qual a sexualidade, quando é indisciplinada e irregular, tem sempre duas ordens de efeitos: um sobre o corpo, sobre o corpo indisciplinado que é imediatamente punido por todas as doenças individuais que o devasso sexual atrai sobre si. [...] Mas, ao mesmo tempo, uma sexualidade devassa, pervertida, etc., tem efeitos no plano da população, uma vez que se supõe que aquele que foi devasso sexualmente tem uma hereditariedade, uma descendência que, ela também, vai ser perturbada, e isso durante gerações e gerações, na sétima geração, na sétima da sétima. É a teoria da degenerescência: a sexualidade, na medida em que está no foco de doenças individuais e uma vez que está, por outro lado, no núcleo da degenerescência, representa exatamente esse ponto de articulação do disciplinar e do regulamentador. (FOUCAULT, 2002, p.300-301)

Assim, regulamentar o comportamento sexual dos indivíduos se torna mister para o Estado, que, além dos seus próprios métodos de controle, utiliza-se da mídia para reforçar os seus enunciados de forma sutil, de maneira que o indivíduo, lendo um texto como o que foi analisado, possa sentir necessidade de agir da forma que lhe é "recomendada". É claro que há resistências, é claro que o governo nunca atingirá a totalidade de seus cidadãos, algo que Nietzsche já previa:

> Uma sociedade não tem o direito de permanecer jovem. Até no seu apogeu, ela expele excrescências e detritos. Quanto mais progride em audácia e energia, mais se torna rica em descontentes, em deformados, mais se aproxima de sua queda... Não se

> suprime a velhice pelas instituições. Nem a doença. Nem muito menos o vício. (NIETZSCHE, 1996, p.30)

Desse modo, podemos concluir que a tentativa de subjetivação, que ocorre por princípios controladores, nunca será eficaz em sua totalidade, pois o ser humano não é um indivíduo totalmente passivo. Há os que aceitam o controle, mas há também aqueles que o rejeitam. Novas identidades de gênero que não prendem o indivíduo a papéis tão restritos, excludentes e opressores surgem em novos espaços de interação social, identidades antigas são expostas à discussão. O antigo padrão baseado no patriacarlismo é questionado, negado em lugares que escapam ao rígido cuidado das instituições.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo, parte 1: os fatos e os mitos.*São Paulo, SP: Difusão Européia do livro, 4ª Edição, 1970.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber.*Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária, 6ª Edição, 2000.

_____. *Ditos e Escritos V: Ética, Sexualidade, Política.*Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1ªEdição, 2004.

_____. *Em defesa da sociedade.* São Paulo: Editora Martins Fontes, 1ª Edição, 2002.

_____. *História da Sexualidade I. O Governo de Si* .Rio de Janeiro, RJ: Edições Graal, 13ª Edição, 1999.

_____. *Microfísica do poder.*Rio de Janeiro, RJ: Edições Graal, 25ª Edição, 2008.

GREGOLIN, Maria do Rosário. *Identidade: objeto ainda não identificado?Estudos da Língua(gem) – Imagens e discursos*. São Paulo, SP: UNESP v.6 n.1. 2001.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós- modernidade.*Rio de Janeiro, RJ: Edições DP&A, 2004.

MARTÍN-BARBERO, J. *Dos meios às mediações. Comunicação, cultura e hegemonia.* Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

MEN'S HEALTH. *Chapéu de Viking? Tô fora!In* Número 77, Setembro de 2012.

NIETSZCHE. *A vontade de poder.* São Paulo : Martins Fontes, 1996.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos.*Campinas, SP: Pontes, 3ª edição, 2001.

REVEL, Judith. *Michel Foucault: conceitos essenciais.* São Carlos, SP: Editora Clara Luz, 1ª Edição, 2005.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa. *Para entender as Teorias da Comunicação.* Uberlândia, MG: EDUFU, 2ª Edição, 2009.